

CRISTOVÃO TEZZA  
o terrorista lírico

TOVO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# O Terrorista Lírico

Cristovão Tezza

# **TovoTextos**

Copyright © 1981, 2014 by Cristovão Tezza

Todos os direitos reservados

[www.cristovaotezza.com.br](http://www.cristovaotezza.com.br)

Primeira edição: Criar Edições, 1981

Texto integral, idêntico ao da primeira edição;  
apenas a ortografia foi atualizada segundo o  
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Capa: Tovo Textos, sobre detalhe de Mark Rothko

E-book produzido por  
Tovo Textos  
em fevereiro de 2014

# Sumário

[Apresentação](#)

[Dedicatória](#)

[O terrorista lírico](#)

# Apresentação

*Miguel Sanches Neto*

Escrito em 1980 e publicado no ano seguinte, *O terrorista lírico*, de Cristovão Tezza, teatraliza os sonhos de uma geração jovem que não se reconhecia no mundo herdado. Divididos entre a cidade corrupta e corruptora e os sonhos de uma vida diferente, os personagens deste romance optam pela solução radical.

Tudo neste livro se organiza entre dois mundos.

O narrador é Raul Vasquez, um ser moral, que sofre com a rotina de funcionário público e sonha com o amor idealizado por uma moça de seu prédio. Solitário, já entrado em anos, tem como únicas armas contra o tédio um diário e o projeto de um romance. *O terrorista lírico* é, portanto, um livro também sobre a escrita, num cabo de guerra que marcou esta geração: as experiências vividas versus a ficção, o agir versus o escrever.

Um encontro casual com um ativista (Marcos) e o suicídio de Clara, a amada, empurram Raul rumo a um perigoso protagonismo. Só escrever contra o mundo detestável não basta. E surgem planos destrutivos e logo a prática terrorista. É quando entra em cena uma mulher silenciosa, Tânia, instalando-se um triângulo afetivo. Ao mesmo tempo em que Raul quer a devastação total, sente-se ligado às pessoas. Esta sua adesão àqueles que estão sendo varridos da face da terra por bombas instaladas em lugares povoados se dá ao mesmo tempo em que vai descobrindo as alegrias da relação amorosa com Tânia – fortalecendo a sua natureza dilemática. É neste momento que recrudescer seu atrito com Marcos, para quem Tânia é apenas uma peça na engrenagem.

Vivendo estas dicotomias, Raul ora é o feroz terrorista ora o homem apaixonado, quer recuar mas se encanta com o poder fálico de pôr uma cidade abaixo, como um impiedoso conquistador da antiguidade. Aos poucos, no âmbito do texto, o diário vai tomando

o lugar da ficção e o narrador amadurece, deixando de ser um sonhador ingênuo (e risível) para se tornar um cronista trágico. Há uma distância grande entre quem narra as primeiras partes do livro e quem narra as últimas, representando a passagem do amor platônico por Clara para o amor carnal por Tânia. O narrador se fortalece não só pelas ações terroristas, destruindo o mundo que o sufocava, mas também pelo exercício intenso do amor – daí o sentido paradoxal do título do livro.

Depois da luta contra a cidade, obra máxima de uma civilização podre, Raul e Tânia se veem em um mundo vazio, pós-hecatombe. Foram os promotores do apocalipse, e estão sem saber o que fazer agora que nada do que os incomodava existe mais. Então começa um novo movimento; como Adão e Eva, eles colocam o pé na estrada, em busca do mar, símbolo do início da própria vida no planeta, com uma nova missão: repovoar o mundo.

Romance alegórico, entre o humor e a tragédia, a literatura e a experiência, a cidade e o litoral, *O terrorista lírico* também é o momento em que Cristovão Tezza começa a empreender a saída do universo ideológico em que se formou para construir uma obra madura, pessoal, em que o incômodo de viver não tem mais soluções messiânicas, devendo o indivíduo suportá-lo na solidão de sua própria incompletude.

Mesmo pertencendo a um período de formação, este livro guarda um frescor narrativo que nos encanta, deixando-se ser lido com vivo prazer. E não era o prazer um dos princípios desta geração?



Ao meu filho Felipe,  
que de repente  
me ensinou a aventura humana.

Maio, 17

Resolvi comprar papel, tenho muito que escrever. Os pensamentos se perdem; às vezes, ideias geniais de um dia desaparecem no outro. Luto para recordar, e não consigo – como se a memória estivesse contra mim, tentasse me ocultar, já que não pode me destruir. Agora não: escrevo.

A escrita é mesmo admirável. Este amontoado de letras! Riscos, pontos, rabiscos, vírgulas, que coisa solene! E a mão, que dócil!

Não há dúvida, sou um grande escritor.

### **dia 18**

Reli mil vezes as linhas de ontem. Devo controlar as exclamações, um recurso fácil demais.

Fiz bem em escolher folhas soltas, sem pauta. São mais convidativas. Quase levei cadernos escolares, com páginas presas num arame espiral. Mas dariam um ar infantil à coisa, como diário de adolescente. Afinal, estas páginas são um documento muito sério. Em todo caso, é cedo para adiantar qualquer coisa. Começemos do começo. Ordem e método.

### **dia 20**

Não é hora de começar ainda. Me controlo muito para escrever. Além do mais, não posso admitir erros. O que acontecer, será definitivo.

Não sei se fiz mal, mas comprei alguns livros no sebo (quarenta e cinco cruzeiros ao todo) para orientação gramatical; um sobre a crase, e outro sobre conjugação de verbos. Esse traz todas as formas mais complicadas, os verbos menos usados, mas que às vezes conseguem articular frases de grande efeito. A gente pensa que sabe tudo, mas o português é cheio de armadilhas. (Com

sinceridade: todos estes meus circunlóquios estão me cheirando a disfarce, como se estivesse com medo de enfrentar a questão fundamental).

Bom, com este arsenal não terei problemas. O resto é comigo. Cabeça boa eu tenho.

## **Introdução**

Como se sabe, na Introdução o autor expõe as linhas mestras do seu pensamento. Traça as diretrizes e bases do seu processo lógico e dá pinceladas gerais de sua filosofia. Há que se ter um objetivo elevado, mesmo neste mundo. A obra servirá, em última instância, para educar e ilustrar o leitor, dando-lhe subsídios importantes ao entendimento da vida. Entretanto, se for obra inventada, em hipótese alguma o autor contará o final da história na introdução, o que tiraria completamente o prazer da leitura. Contudo, se for obra de ciência, versando sobre algum assunto específico, penso que é perfeitamente aceitável estabelecer-se a conclusão logo no início.

Em qualquer caso, sempre, haverá um fundo moral.

É impossível não se ensinar nada.

### **dia 28 (observações)**

Gostei tanto da introdução que por uma semana não consegui acrescentar coisa alguma. Vejo que sou capaz de pensar profundamente e traduzir isto em palavras. É uma grande conquista. Percebo, pela primeira vez, que tenho um grande poder sobre o mundo. É preciso cuidado, é claro. Com estas páginas, modifico a vida e as pessoas: e, no entanto, não será mais que a simples verdade.

O mundo que se cuide: não gosto dele.

## **Primeiro capítulo**

Não sei por que os escritores menores inventam histórias. Quanto a mim, não há necessidade. Intrigas complicadas, ações fantasiosas, são coisas de novelas, sem utilidade prática, que não levam a coisa alguma. Quem tomaria a sério coisas inventadas? Neste ponto, serei incorruptível. Falo de mim, apenas de mim. Minha vida, por si só, tem todos os ensinamentos possíveis para o resto da humanidade. Sou um personagem riquíssimo. Vivendo sozinho, praticamente sem amigos, a todo instante o mundo inteiro está na minha cabeça. Milhões de pensamentos, de reações, de acidentes. Antes, se perdiam – agora estão aqui, para que a Humanidade leia. Devo apenas tomar todos os cuidados para não morrer antes do tempo – porque inimigos não vão faltar.

Dirão alguns filósofos (**filósofos:** homens que buscam explicação profunda para as coisas), dirão eles que um homem só não é nada. Lamento contradizê-los, mas é um engano. Não o afirmam por maldade, reconheço, mas erram crassamente. Um dia hão de concordar comigo. (Estive pensando: talvez deva publicar o quanto antes este meu diário. O pensamento de cada um é um patrimônio de todos.)

Um homem só é o universo inteiro. Não há como multiplicar ou dividir. Qualquer tentativa neste sentido e teríamos uma tragédia: por exemplo, levaria esta cidade aos ares – o que, aliás, se me permitem o humor, não seria má ideia.

Paro aqui, estou falando demais. Verdades dessas em mãos impróprias e eu perco o emprego. Começo a me preocupar com a segurança.

#### **dia 4 (junho)**

O meu maior medo é que estas notas se tornem monótonas. Sou obrigado a reconhecer: o povo gosta de ação. Há dois aspectos a se considerar: ou o importante é minha vida, o que faço, o que acontece realmente, e então isto é apenas um relato secundário – ou o importante é o que escrevo, e daí minha vida não interessa. Não me decidi ainda – enfrento meu destino como um cego. Talvez

some as duas coisas; digo "talvez" – tenho a impressão de que serei o último a saber.

Provisoriamente, procuro um meio termo entre o pensamento puro, aquele que chega ao miolo das coisas e é o que realmente importa, e a ação, a intriga, as aventuras, que embora não tenham qualquer importância, costumam deliciar os homens comuns.

Chego à conclusão de que escrever só para dois ou três que me entendam não adianta nada. Dois ou três não salvam o mundo, e começo a ter pressa. Se eu conseguir ser lido por milhões de pessoas, posso, com habilidade, enxertar no meio das aventuras poderosos ensinamentos. Parece ser este mesmo o meu caminho. Gozado: começo a sentir meu novo trabalho como uma missão sagrada. Pior (ou melhor?) que isso: não consigo mais ficar três dias sem escrever.

Aliás, a arte (**Arte:** capacidade que o homem tem de fazer coisas bonitas. Sou mesmo bom em definições. Talvez eu escreva junto com o meu livro um dicionário de definições básicas, imprescindíveis para a vida prática e espiritual. O homem moderno perdeu completamente a sabedoria mais elementar. Bom, fica como um plano para o futuro.)

A frase ficou truncada, não sei do que falava. Por hoje chega.

## Segundo capítulo

Moro no 17.º andar. Precisando descer, apertei o botão do elevador. Como demora, e o corredor é escuro (não trocam lâmpadas queimadas), costumo deixar a porta aberta com a chave engatilhada na fechadura – assim não fico às cegas e nem atraso outros passageiros, procurando a chave e o buraco enquanto outros esperam. Excesso de humanismo, talvez, mas o tempo dos outros também é precioso. Como frequentemente acontece, as velhas do 10º e do 11.º conversavam, provavelmente cheias de pacotes, enquanto seguravam o elevador. Já fiz uma representação ao síndico contra este abuso, mas de nada adiantou. São uns safados, os síndicos. Já convivi com quatro; todos iguais, a mesma gentileza

vazia e a incapacidade total de tomar qualquer decisão em questões de importância.

Pois bem, finalmente o elevador subiu, mas subiu direto, até o 19º. Porta abre, porta fecha, parou no meu andar. Dou de cara com a jovem do 19. Não sei por que, se pela timidez, se pelo olhar, ela me perturba. Muitas vezes evitei o elevador para não ter de enfrentar o sofrimento de uma subida a dois. naquele silêncio solene, onde cada rangida de sapato ganha um significado sobrenatural.

Não havia como evitá-la. Entrei e descemos vagorosamente, sem olharmos um ao outro. Entre o décimo e o nono ela tossiu. À altura do sexto, troquei o pé de apoio e coloquei as mãos no bolso. Resolvi ser gentil, não sei se já inspirado por estas páginas. Enquanto descíamos, calculava meu gesto: deixá-la sair por primeiro, recuando da porta e sorrindo. Seria um modo de mudar minha imagem de solteirão rabugento, abrupto, incapaz de uma delicadeza para com os vizinhos (detesto vizinhos). Além do mais a jovem me agrada, confesso. Tem um rosto patético, olhos sinceros; parecem dizer: não tenho culpa de nada! Ou, se tem alguma, é por envolvimento puramente acidental. Em suma: merecia meu gesto. Parado o elevador no térreo, o coração disparando, recuei, sorridente, dando passagem. Encolhida no fundo, assustada, ela me fitou. Falamos ao mesmo tempo:

– Por favor!

Sorrimos pela coincidência, eu feliz, ela nervosa. Tarde demais; a porta se fechou e a coisa recomeçou uma inapelável subida, atendendo indiferente a algum chamado. Ridículo. Fiquei idiotizado. Ela pulou ao painel, pressionando botões, mas o elevador prosseguiu. Parou no terceiro, no quarto, mas seria inútil, a coisa não mudaria o seu curso, de modo que nos conformamos, eu com algum humor, ela numa irritação crescente, respirando alto. Não trocamos uma palavra. A máquina subia, plácida, sem pressa, enquanto nós suspirávamos, tentando adivinhar de onde era o chamado, ansiando que fosse logo. Fiz um ar sério, compenetrado, conveniente à situação levemente indignado com a tragédia: o elevador já ultrapassava o décimo e prometia ir mais longe. Parou

no quinze. O perfume de uma madame invadiu o recinto. Apertou o oito, desculpando-se:

– Vou visitar a Isaura.

E deu uma risadinha sem graça. No oito, desceu madame, sem se despedir. A jovem apertou cinco vezes o térreo, por via das dúvidas. O elevador, obediente, recomeçou a descida. Entre o seis e o cinco, falei num impulso, como quem propõe paz:

– Desta vez eu saio antes.

Ela riu, vermelha. E então aconteceu o absurdo. Um sinal de que sou predestinado? Quando o elevador acionou os freios, entre o primeiro andar e o térreo, ela me abraçou, tomada de um carinho súbito, mas com medo nos olhos:

– Desculpe, eu fui rude... e...

Mais do que isto: me beijou na boca, uma chupada feroz, enquanto suas mãos esmagavam minhas costas. Aberto o elevador, disparou na frente sem olhar para trás.

## **dia 7**

Claro que não consegui fazer mais nada, senão pensar no caso. Ainda ontem descemos juntos novamente, mas havia mais cinco passageiros e ela sequer me olhou. Penso e mais penso e não entende. Contudo, há um sentido. Falta-me perspicácia, tenho muito a aprender.

## **dia 8**

Como não pensei antes nisso? é óbvio, é claro. O beijo foi um aviso, um pedido de socorro. Qualquer coisa de muito grave acontece com ela. Está envolvida, não há dúvida. O medo é tão grande que não se atreve a falar. Confiou na minha inteligência, e, no entanto, decepção, não lhe traduzindo o código. Não posso, de forma alguma, ficar indiferente.

## **dia 9**

Troquei a chave da gaveta; questão de segurança. O caso tem me perturbado tanto que hoje à tarde refiz cinco vezes uma petição e mesmo assim ficou cheia de erros. Como era de se esperar, o patrão me chamou, pessoalmente, com ar severo. Trancou-se comigo no ar condicionado, foi logo ao assunto:

– Que está acontecendo com você?

Fiquei quieto, tentando adivinhar o que ele sabia. Dobrou-se sobre a mesa, carinhoso como um pai:

– Sou teu amigo. Pode falar.

Mostrou a petição:

– Nunca aconteceu isso antes. Você sempre foi o nosso orgulho. Sem você isso aqui não anda.

Fui evasivo:

– Uma dor de cabeça. Ando meio esgotado .

Ele parecia compreender, mas pedia cuidado.

– Sabe como é, com teus anos de serviço você tem que ser o melhor, sempre. Veja só esse cabeçalho: “Caro Tavares, tudo bem por aí? Estamos dando um duro danado, tentando reformular as contas do patrimônio público. O Diário Oficial tem sido extremamente útil, apesar dos erros ortográficos.” Você ficou louco? logo pro Superintendente?

Fui educado:

– O senhor me desculpe. Eu... pensava longe... e...

– Quer umas férias? Você tem direito.

Empalideci. A coisa tomou um rumo inesperado. Não havia dúvida, com o entusiasmo do meu diário andei falando demais. Querem se livrar de mim. Prometi melhorar, recusei o ardil das férias. Amanhã eles vão ver do que sou capaz, quando quero. Uma coisa é certa: preciso tomar cuidado em dobro. É muito cedo para colocar as cartas na mesa.

## **dia 10**



Hoje à tarde fui impecável na repartição. Para que nada percebessem, contei piadas no cafezinho. O chefe me piscou, cúmplice. Cúmplice?

## Terceiro capítulo

Tomei uma decisão drástica, mas não suportava mais a dúvida. Há dias não encontro a moça do dezenove. Umhas perguntas inocentes ao porteiro e descobri: mora sozinha no apartamento 1917.

– Cachorro na cabeça – sorriu ele.

O ano da revolução russa, pensei comigo. Dia seguinte subi ao 19. Apertei três vezes a campainha, afastando-me do olho mágico. Ninguém atendia. Desgraçadamente a zeladora me pegou em flagrante; não podendo fugir a tempo, sorri.

– Está procurando D. Clara?

“Clara” – o nome!

– É... eu emprestei uns livros a ela, coisas de estudo... precisava com urgência e...

Quanto mais falava, mais me enredava.

– Ela viajou.

Tudo fazia sentido. Mesmo curioso, não perguntei para onde. Arrisquei a data:

– Quando?

– Faz bem uma semana.

– Ah... e ela volta logo, a senhora não sabe?

– Não disse nada, senhor.

– Uma pena, eu...

A velhinha se interessou, apoiada na vassoura:

– Mas... se for importante... eu posso lhe emprestar a chave... o senhor é do prédio mesmo...

Fiquei calado, com assombro Ela remexia uma chavarada nos bolsos do avental:

– D. Clara me falou do senhor, se não me engano, que... se precisasse eu podia ... – me estendeu a chave, depois de confirmar

o número – ... eu podia lhe emprestar. Depois o senhor me devolve. Ou então ela pega com o senhor mesmo...

Envolvido naquele palavrório, não tive tempo para recusa. Com a mão tremendo, suado, entrei no apartamento e fechei a porta. Senti que os grandes acontecimentos da minha vida começavam naquele momento preciso, com a mentira dos livros, com um porteiro e uma zeladora cúmplices, com a invasão do apartamento de uma jovem desconhecida e com a sensação real, profunda, visceral, de perigo. PERIGO: até então não sabia o que era isso. Começava a viver; ou, melhor, a vida começava a me levar aos seus domínios misteriosos.

Nada de extraordinário no apartamento de Clara: poltronas vermelhas já um tanto gastas, gravuras nas paredes, um tapete velho mas limpinho, mesinha cheia de cinzeiros, uma televisão enorme, fruteira com frutas de plástico, uma vitrola vagabunda com discos empilhadinhos, toalhas aqui e ali, uma boneca de feltro falha de um olho, cortinas azuis.

Antes de começar uma investigação mais rigorosa, larguei-me numa poltrona, exausto. Tinha a perfeita consciência de ser um homem conduzido pelos acontecimentos, uma vítima inocente das circunstâncias. Não senti piedade, mas irritação. Pois bem: inverteria o processo Porque **eu** devo fazer, senão a história, pelo menos a **minha** história. E gostaria que Clara chegasse naquele momento. Não sairia correndo nem pediria perdão. Diria tudo o que nós sabíamos um do outro, de nossa vida, da vida. Deixei me dominar alguns momentos por aquele romantismo estúpido, piegas, aquele pano quente emocional a ocultar o horror verdadeiro que é essa puta cidade. Mas deixei me dominar, essa a verdade. Eu me vi beijando a boca de Clara, tirando-lhe a roupa e possuindo-a no tapete como um bicho poeta e feroz. Eu me vi mamando os peitos de Clara e sendo chupado com amor verdadeiro. E fui tão longe na fantasia que inventei um filho sábio, uma filha linda, de mãos dadas conosco, vendo o sol se pôr atrás da muralha de prédios como um espetáculo divino.

Bosta! mil vezes bosta!

Afrouxei o laço da gravata e lentamente voltei a mim, à frieza e à razão que é o melhor que tenho. As mulheres criam pelancas, os filhos morrem, pegam sarampo, catapora, enchem o saco. Sozinho, sempre sozinho, e sem nenhuma ilusão. Há uma obra a ser feita, saberão em tempo. Por enquanto, calma e rigor científico.

Clara pede socorro: não devo misturar as coisas.

## **dia 16**

Perdi o sono com a explosão emocional de ontem: não posso me dar ao luxo do sonho, principalmente quando já estou enredado. Pouco tempo atrás preocupava-me com a correção gramatical e com os altos pensamentos. De repente, palavras rompem o cerco, ilusões estúpidas enchem-me a cabeça. Cuidado e frieza, ou descobrirão.

Deixo para falar de Clara agora, que estou tranquilo.

Levantei-me do sofá e fui ao seu quarto. Tudo impecável, lustre de vime, armário embutido, penteadeira cheia de frascos, colcha colorida numa cama de solteira. Na parede, a foto preto-e-branco de uma criança, talvez ela mesma. Abri os gavetões da penteadeira, um amontoado de roupas. No meio delas, um envelope vazio: "À srta. Clara Santos, em mãos." Numa prateleira do armário achei a carta:

**Clara: encontro você em frente ao Correio da Pedro II, dia 18, 9 da manhã. Um beijo.**

Um sinal esquisito como assinatura: namorados secretos, com certeza. Guardei o papel no bolso, mais um impulso, e continuei a investigar.

Pilha de revistas velhas. Sapatos. Uma gaveta de cartas, todas, sem exceção, de uma tal Antonieta Santos. Bastou ler uma para saber o resto: a mãe dela. Não perdi tempo, as mães não sabem nada. Exemplo:

**Minha filhinha querida, tenho ficado com preocupação todo dia e rezado missa por ti minha adorada não se esqueça de sua mãe escreve sempre. Que bom que tu conseguiu o trabalho na loja e tá dando tudo certo tenho resado bastante e teu estudo?**

E daí por diante. Deixei tudo lá, cartas de mãe são um saco. Pobre Clara!

Na gavetinha da cabeceira, o costumeiro: chaves, remédios, lenços, bandeides, moedas, uma fotografia três por quatro (horrrível) que guardei comigo, também não sei por quê. Uma barra de chocolate. Extrato bancário: uma miséria. No chão, ao lado da cama, o único livro da casa: Histórias Extraordinárias, de Edgar Poe, que me surpreendeu. Uma lista de supermercado (bombril, azeite, arroz, cebola, margarina, macarrão, carne moída) marcava a página. Abri: **A Queda da Casa de Usher**. Logo nas primeiras linhas tive a súbita intuição de que Clara chegaria em seguida, mas apesar do medo continuei a leitura até o fim, obcecado, envolvido pelo horror. A rachadura da casa de Usher: perdi a frieza, olhando a parede em frente – havia uma finíssima rachadura no reboco, como um sinal – e visualizando a cidade inteira, rachada, apodrecida, caindo de uma vez, tornada escombros. Larguei o livro no mesmo lugar e, pernas frouxas, voltei à sala, mais uma vez transtornado, sem saber por quê, pelo quê. De novo a maldita emoção subterrânea ameaçava-me do seu poço sombrio: Clara. Ainda uma vez recuperei sentidos, respirei fundo, e de novo assumi o método. Havia uma expressão chave: **Clara precisa de ajuda, estou aqui para isso, para salvá-la.**

Fui à cozinha. Na pia, a louça lavada com capricho, coberta com um pano de prato. Mas já não podia me concentrar. Dei uma rápida olhada nas prateleiras – louça e panelas – abri o forno, onde jazia um esquecido esqueleto de frango, entrei na área de serviço e voltei em seguida, com medo de ser visto dos outros andares.

Minha cabeça não funcionava mais: a sensação angustiosa de perigo dominava-me. Tinha que voltar ao meu quarto, folhear estas páginas, pensar para que tudo voltasse a fazer sentido.

Desgraçadamente, esbarrei na zeladora ao sair; suponho que me esperava. Ela sorriu:

– O senhor não achou os livros?

Disfarcei o susto devolvendo a chave:

– Não... ela deve ter levado... depois eu falo... obrigado...

E disparei pela escada, enquanto ela remexia nos bolsos.

## **dia 17**

Quanta vida!! É a isto, a este perigo, a este fogo desconhecido me comendo de horror, ódio, pânico – a isto chamo vida! (Outra boa definição: **Vida** – capacidade de sofrer.)

Reli porradas de vezes o bilhete:

## **Clara: encontro você em...**

Dia 18, amanhã. Os planos começam a se delinear, mas antes devo encontrar Clara. Tenho já por certo que ela estará do meu lado. Nada de romantismo: ciência pura. Faremos o que temos a fazer. Desde já, sei que serei consumido, mas este livro ficará. Assumo aqui um compromisso com a verdade, solenemente. De repente me ocorre a ideia de que os homens não acreditem no que escrevo. Tantas mentiras, tantas traições: esta seria mais uma. Invento histórias, engano, empulho. Por favor, creiam no que falo. Não é passatempo, afirmo: escrevo com minha alma.

Pois bem, amanhã irei ao encontro de Clara.

## **ainda dia 17**

Uma ideia me perturba: e se o bilhete é do mês passado? Nenhuma indicação no envelope... ela deixou no guarda-roupa

justo por isso: é coisa velha. Ou melhor: guardou-o para escondê-lo dos outros, por segurança. Não é o mesmo que faço com meu diário? Fecho-o à chave, e no entanto escrevia nele minutos antes. O bilhete é deste mês, o dia é amanhã. Mas ela não está viajando? ora, volta amanhã. O dia é amanhã.

## **ainda 17**

Estou angustiado, não por Clara, mas por mim. Vou longe demais com esta coisa, e isto é perigoso. Maldita Clara, me deixou transtornado. Ontem novamente me estranharam no trabalho. O chefe voltou a falar em férias. Eu brincava com uma caneta esferográfica, pensando longe, e de repente ela se partiu nas minhas mãos. Todos me olharam com espanto, dei uma gargalhada.

Férias é um truque: querem se livrar de mim.

## **Quarto capítulo**

No dia 18 de junho, domingo, Raul Vasquez acordou cedo, com as badaladas da Catedral. Chovia uma chuva monótona, miúda, e fazia frio. Diante do espelho, fez a barba com capricho, que tanto poderia ser a gravidade de um quarentão que vai à missa matinal, quanto a faceirice de um namorado. Uma coisa e outra: da missa, a cerimônia, o momento de contemplação; do namorado, o amor às pequenas coisas e uma ânsia silenciosa.

Contemplou pela janela da sala a cidade, a sua cidade – blocos retangulares de concreto e mil janelas fechadas, sob o manto cinza da chuva. Sorrindo, imaginou que em cada janela havia um homem parado, como ele olhando através do vidro, de barba feita e mãos no bolso – todos esperando a hora do encontro com Clara; todos apalpando, revirando entre os dedos a fotografia três por quatro de uma moça feia; todos com uma gaveta trancada à chave e com um diário espantoso. E cada um se lembraria, aos pedaços, de velhas

cenar da vida, como ele, Raul Vasquez, se lembrava: de uma criança sem rosto entre outras crianças sem rosto; de um jovem escrevendo um poema ao entardecer; de um velho de gravata num balcão; de outro velho, sem gravata, dando risadas e bebendo chope; de muitos velhos, num enterro; de uma barulheira infernal, de sirenes, de roncões; de trancos na rua e um vozerio desesperado, sem rumo; de luzes amarelas; de jovens seminuas como figuras de revista.

Ainda imóvel à janela, diante da cidade fantástica que silenciosa pairava diante dele, sob o badalar dos sinos da Catedral que soavam como hora última do tempo, Raul Vasquez teve a legítima, funda sensação, que haviam lhe roubado a vida.

Vestiu o capote, pegou o guarda-chuva e desceu à rua.

Carros perdidos, avulsos, davam a impressão de que a cidade acordava de uma noite mal dormida. Poucos guarda-chuvas perambulavam nas calçadas e a água brilhava fria. Evitou as ruas estreitas e alcançou uma praça salpicada de árvores secas e rodeada de prédios, uma imensidão serena e triste. Num momento, parou. Tirou do bolso um papel e releu-o três vezes, como quem confere um mapa. Um instante indeciso, acabou por tomar o rumo de uma avenida. Num fliperama próximo, máquinas pipocavam sons metálicos, entre gritos de crianças. Passou pelo café cheio de velhos, evitou um mendigo encharcado que lhe estendia a mão e apressou o passo. Um imenso relógio eletrônico acendia e apagava as horas, minuto a minuto: 8.47 8.47 8.47 8.47 8.48 8.48.

Adiante, o correio. Releu mais uma vez o papel: **em frente ao Correio da Pedro II**. Conferiu a placa, como se não soubesse: AVENIDA D. PEDRO II. A vontade súbita de ir embora nascia e morria, como um bicho incômodo. Ficou.

Sob a marquise do Correio, fechou o guarda-chuva, sacudiu-o dez vezes evitando os respingos, enrolou as pontas das dobras e fechou-o com o elástico. Em seguida, contemplou a foto de Clara, apenas um segundo. Agora abria a carteira, numa obsessão repentina de conferir o dinheiro. Olhou para o relógio, trocando o guarda-chuva de mão. 8.59 8:59 8.59.

Ninguém por perto. Um táxi passou disparado e freou na esquina. 8.59. **Quem seria ele? Jovem, com certeza.** Passou a mão no rosto: **não sou velho.** 9.00 9.00. **Dia 18, 9 da manhã. Um beijo.**

Teve a impressão de que de repente a rua se enchia. Um bando de homens apressados, uma velha com sombrinha colorida, crianças correndo. Quando deu por si, havia um rapaz ao seu lado. Protegia-se da chuva, roupas encharcadas. Nervoso, tragava fundo o cigarro. Novo demais para Clara. Talvez... Ia pegar o papel do bolso, conteve-se; em troca, apalpava ansioso a foto de Clara. O rapaz evitava olhar para ele, incomodado: quando consultou o relógio e fitou a esquina, Vasquez arrepiou-se. Era ele. Tinha certeza de que era ele. Passou a se torturar com a perspectiva de Clara aparecer – era fundamental que ela viesse antes, e agora... **Ele vai levar Clara para longe. Ela nunca mais vai voltar ao apartamento, esta era a última chance.** Quem sabe falasse com ele? Angustiado, torturado, teve ganas de agarrar o jovem peio colarinho, pedir satisfações e... 9.10 9.10 9.10 9.11. Deu dois passos, parou. Voltou-se ao jovem, súbito, estendendo a foto amarrotada:

– Conhece essa moça?

O rapaz se assustou, recuou. O braço de Raul insistia. Mal olhou:

– Não... senhor...

– Olhe bem.

Espremido contra a parede, o rapaz olhava.

– Não conheço, não senhor.

– É Clara.

O rapaz ficou quieto. Quando Vasquez colocou a mão no bolso do colete o jovem se encolheu mais, sem chance de fuga. Em vez de um revólver apontava-lhe um papel:

– Você escreveu isto?

– Eu não... nunca... (percebeu que o homem suava e tremia.)

Raul enterrou o papel no bolso, tirou um lenço, esfregou na cara:

– Desculpe... é...



O jovem se aliviou, espantado:

– É sua filha?

– Não... é afilhada... desapareceu...

O rapaz aproveitou a folga de espaço e disparou atrás de um táxi sob a chuva; fechou a porta e desapareceu. Raul Vasquez nada percebeu, já o havia esquecido. Olhava o relógio. **9.23 9.23 9.23.**

**Ela não vem. Cheguei tarde. Não percebi a tempo seu aviso.**

Voltou por onde viera, a cabeça baixa sob o guarda-chuva. Agora sim, a descoberta da manhã lhe voltava como uma sentença absoluta, para todo o sempre: haviam lhe roubado a vida. Então parou, espantado com outra conquista. Chegou a sorrir, a suspirar de alívio: agora estava livre. Agora estava pronto para tirar de si a história grandiosa que não lhe haviam permitido viver.

## 19

Tive ímpetos de rasgar o capítulo quatro. Me expor deste modo aos outros me fez suar frio, de vergonha – me senti ridículo. Aquela solenidade no escrever, o palavrório, a pose. Sou homem de pratos limpos, não de entremeios. Já tinha a mão na página, cheguei a romper uma ponta, mas... senti dor – como se me escondesse, ou, pior, como se me aleijasse. Esclareço: Raul Vasquez sou eu. Se a expressão é piegas, não me interessa: roubaram minha vida com requintes de sadismo. Hora a hora. Ainda é muito cedo para falar, mas desde já prometo: devolvarei o roubo com tal força que não sobrá ninguém.

## 21

Estou ainda vivendo a memória do dia 18. Não consigo retomar os pensamentos, ordená-los, como exigiria obra de tal envergadura. Me espanto comigo mesmo, com os mil Raul Vasquez que se matam dentro de mim, inimigos mortais um do outro. Inventei até uma reza solene, que me diverte:

– Pacificai-vos, Raul Vasquez! Pacificai-vos! Unidos sois o maior homem do mundo!

Enquanto isso, nenhuma notícia de Clara.

## 22

Por problemas de digestão passei a frequentar um restaurante macrobiótico. Não por convicção; essa lenga-lenga orientalista é insuportável. Questão de saúde e de dinheiro. Sei que os vegetais acabarão com minhas hemorroidas e minha prisão de ventre – desculpem a grossura do assunto, mas estão piorando. Como odeio médicos, fico com a gororoba macrô – realmente funciona. Além do mais é barato – e devo economizar, logo vou precisar de muito dinheiro.

A ideia surgiu de um encontro casual na rua: fui abordado por uma moça sorridente, com uma pastinha na mão. Ao fim queria dinheiro; deu-me uns folhetos ridículos com instruções seguras para a salvação do mundo. Seitas iogas, essas coisas. No meio da papelada, o cartãozinho do restaurante. A menina se esforçava para ser simpática, mas aquele sorriso plastificado me agoniou. Deixei alguns cruzeiros, agradecidos com medidas repugnantes. A cidade inteira é repugnante, uma multidão de ratos infelizes. Que venha a peste!

## 23

Enquanto a peste não vem, como vegetais e pastas, vindos não sei daonde, regados com o mijo do próprio agricultor, como manda o figurino. Deviam contratar japoneses, são muitos bons nisso. Talvez não os queiram porque os japoneses gostam muito de rádios portáteis, televisões, máquinas de calcular, esses brinquedos da decadência. (**Decadência:** processo inexorável que corrompe as civilizações.)

Mas voltemos ao assunto: o restaurante. Mereceria um capítulo à parte, é curiosíssimo.

Antes porém, algumas considerações. Não tenciono engabelar os que me lerão futuramente, e como não confio de modo algum em biógrafos, esses sanguessugas do valor alheio, não quero dar margem a imprecisões nem pretendo legar um diamante lapidado, perfeito em forma mas vazio de fundo. Assim, estabeleço desde já que o que eu escrever aqui será definitivo, agrade ou não. Prometo: o gesto de rasgar um capítulo não mais se repetirá. Talvez o gesto, concordo, tenho fraquezas; mas apenas ele. Tudo isso veio a propósito quando reli meu diário, desde o início. Comecei de um modo, tomei um rumo; de repente, volto atrás, viro à direita e à esquerda, misturo filosofia com ação. Raul Vasquez não existe!, diria um racionalista qualquer, com viseira nos olhos. Deixo a modéstia de lado por amor à verdade: sou um homem complexo, de mil faces, profundo, de emoções ricas e várias. Exigir de mim coerência plena seria me transformar em personagem medíocre, em ovelha de rebanho. Você que me lê, em algum lugar no futuro, escondido nos porões – se você for uma ovelha de rebanho, por favor, me feche, passe-me adiante. É aos únicos que me dirijo. Se é que haverá deles – aliás, nem me interessa, a vida é agora, aqui, neste quarto. (Em tempo: a questão de ser ou não ser popular tem me perturbado.)

## **ainda 23**

Continuando meu raciocínio:

Que ninguém estranhe se eu mudar de ideia, de um dia para outro. As ideias, começo a me convencer, são somente apêndices, coisas menores, vêm depois. Fundamentalmente, este diário tem sido um implacável processo de autorrevelação. Não é fácil rasgar a máscara, a face antiga e a nova se confundem com frequência. Sou muito maior que eu mesmo – e, nesta dimensão, as ideias são picuinhas que se atropelam debaixo das patas da vida.

Bela esta expressão: patas da vida.

## **primeiros minutos do dia 24 de junho**

Escrevo um trecho, levanto-me, e fico andando no apartamento de um lado para outro, como um tigre na jaula. Vou à janela e a visão magnífica da cidade me inspira. Talvez porque a veia do alto, como uma águia. (É o segundo animal que me ocorre. Percebo que neste panorama ser um animal tem um sentido de nobreza, de grandeza, tão profundo, antigo, que nos dá vergonha. Não somos animais.)

Mas vamos, finalmente, ao restaurante. Resolvi lhe dedicar um capítulo. Se é que há alguma ordem neste diário, até aqui falava da introdução; agora declaro inaugurado o desenvolvimento da minha vida. Mais uma coisinha só: todo este vaivém está me dando a impressão azeda de que o que eu pretendo mesmo é esquecer Clara.

## **Quinto capítulo**

O que me atrai no restaurante macrobiótico é uma espécie de comunhão superior que há entre os frequentadores, como se pelo simples fato de comermos os primos ricos do capim, fôssemos melhores que o resto do mundo, nos distinguíssemos singularmente dos comedores de carne. A distinção é ridícula: todos defecam da mesma forma. Concordo que os carnívoros, eventualmente, enfrentam maiores dificuldades, mas a merda é a mesma.

De qualquer forma, esta anônima distinção me atrai, sei lá por quê, uma vez que não creio nas suas razões. Herança de adolescência, quem sabe – houve uma época que ansiava ser convidado para a maçonaria. Pois bem, satisfaço-me com a, digamos, Academia dos Vegetais. As reuniões são ao meio dia, pelo menos entre os da minha equipe. Sim, percebo que se formou uma equipe: todos os dias encontro as mesmas caras, caras pálidas, brancas, transparentes, olhos parados, não sei se de estupidez ou de sabedoria búdica.

De início, me irritaram as mesas comuns: socializaram as refeições. É claro que não gostei; gosto de ser dono do meu espaço, da minha mesa, do meu prato, principalmente num momento tão íntimo, o de se alimentar. Depois, sempre receei fazer barulho com a boca. Reconheço que na frente dos outros não tenho direito. E mais o medo secreto de escapar um perdigoto, uma cuspidinha que vá – confesso um temor antigo – na boca, nos olhos de alguém. No primeiro dia, quando sem cerimônia invadiram minha mesa – um casal de velhos iguaizinhos sorrindo idiotamente para mim – tive ímpetos de chamar o garçom, pedir a conta, protestar. Inútil: não há garçom nem conta, paga-se na entrada e carrega-se uma bandeja incolor. Contentei-me em me encolher e mastigar com rapidez, para me livrar logo dos velhos. A ideia foi má. A velha intrometeu-se:

– O senhor não deve mastigar tão depressa. A refeição macrobiótica deve ser deglutida (foi o que ela disse: deglutida) vagarosamente. – Deu um risinho: – É um calmante!

O velho ao lado concordou, engolindo a massa que mastigava há duas horas:

– É muito saudável essa comida.

Pareciam múmias. Eu sorri, angustiado. Continuei o sacrifício: além daquilo ter gosto de nada, devia mastigá-lo cinquenta vezes. Quiseram ainda puxar assunto, mas fui tão seco nas respostas que desistiram, embora sem perderem o sorriso.

Voltei à Academia mais vezes. O pior é quando todas as mesas já estão ocupadas. Aí a angústia terrível de escolher uma delas para depositar minha bandeja e meu corpo. Em geral escolho as de canto, as escondidas, e dentre essas as que tenham menos gente. Poderia abandonar essa tragédia, esse sofrimento, voltar à vida normal e preservar minha solidão. Mas me incomoda a ideia de que eu seja incapaz de alguma coisa. Enfrento o sofrimento como um desafio, um processo de auto-fortalecimento. Além do mais, aumentar um milésimo a minha popularidade poderá me ser útil no futuro. Avanço impávido entre as mesas, alguns sócios já me conhecem, sorriem, cumprimentam, as bocas em perpétuo movimento. Ontem escolhi um jovem como parceiro. Já o conhecia

de outras vezes, parece se sentir tão mal ali como eu. É o único que tem alguma vida nos olhos, no corpo – pelo menos não para quieto, dominado por infinitas coceiras. Parou de mastigar quando me viu à sua frente. Parecia satisfeito, animado; coçou o cavanhaque, cumprimentou-me com um gesto ansioso de cabeça, ofereceu-me a bandejinha de molhos, tirou um lenço do bolso, assoou o nariz virando-se para o lado. Depois, começou a mastigar com fúria: um dissidente, sem dúvida.

Eu suspirei, satisfeito com a companhia, antes de enfrentar a massa sem gosto. De repente, o jovem estica a cabeça à frente, arregala os olhos, e diz baixinho:

– Cá entre nós, essa comida é uma bosta!

Dou uma risada súbita, incontrolável, de vingança; ele me acompanha, sacudindo o corpo, chorando de rir. Olhamo-nos e rimos, como velhos amigos, companheiros afins. A Academia Inteira nos fita, cem bocas mastigando. Não parecem zangados, mas satisfeitos com a nossa alegria. Quando nos acalmamos, tomo a iniciativa; falar com alguém me dá uma sensação esquisita de felicidade.

– Concordo com você.

Ele me olha, olhos brilhantes:

– Uma bosta.

Voltamos a rir, desta vez sem escândalo. Eu ataco a bosta com estoicismo, misturando tudo, mastigando pouco, engolindo aos montes. Ele faz um carnaval de molhos, sem qualquer pudor, à procura de gosto. Conversamos com animação, reconhecemos as vantagens relativas da bosta: daí passamos o assuntos gerais, uma incrível coincidência de pontos de vista. É verdade que ele precisa ser burilado; pensa bem mas em excesso, atropela as coisas. Com a minha ponderação transformamo-nos numa amizade perfeita. Não é tão jovem: as rugas da testa indicam que chega aos trinta, talvez mais. Diz que é estudante, o que não acreditei de imediato, a menos que se trate de um eterno repetente; sabe demais para sentar em bancos de escola. Pergunto-lhe o nome. Aí mudou de atitude: calado, olhou em volta, numa repentina desconfiança.

– Marcos, por enquanto.

Rimos novamente. Não tenho qualquer dúvida: será dos meus.

### **dia 30**

A semana foi excepcionalmente boa. Apenas algumas depressões; a principal delas, o susto que levei ao perceber que não me interessava tanto pelo Diário. Cheguei a passar um dia todo sem pensar nele um só instante. Mas bastou a linha acima para retomar minha fria lucidez. Vamos lá: no trabalho, nenhuma novidade. Felizmente estou conseguindo iludir a todos, inclusive ao chefe. Pensam que voltei a ser o mesmo de sempre. Esqueceram férias e licenças, bato minhas petições com a categoria costumeira. É claro que isso exige concentração permanente, mas eu a pratico como exercício de vida.

Quanto à Clara: tudo no mesmo, nenhuma notícia. O que mais me tranquilizou foi um encontro no corredor com a zeladora. Disse apenas um "bom dia" mecânico e seguiu adiante com suas chaves e vassouras. Felizmente não desconfia de nada, não supõe coisa alguma, não aventa hipóteses. Talvez já tenha esquecido o incidente. Eu é que não: com frequência releio o bilhete misterioso, olho o rosto amassado de Clara na foto três por quatro. Aliás, guardo-os junto com estas páginas, como se fossem parte integrante da minha vida. Uma noite dessas, televisão ligada, comecei a divagar, inventando fantasias, sonhando com Clara. De novo o romantismo estúpido, uma certeza de que ela virá a qualquer momento, sairá de sua toca, de seu limbo, para se juntar a mim. É estúpido mas é invencível: minha cabeça funcionava sozinha, voava com Clara, arquitetava histórias. Quando a campainha bateu me levantei absolutamente certo de que era ela. Cheguei a vê-la: o rosto inchado, espancado, o olho roxo, jogando-se sobre mim e pedindo proteção. Repetia: não me largue, não me largue nunca mais! Aquilo doeu fundo, me fez suar, tremer. Abri a porta de um tranco, olhos arregalados. O filho da lavadeira recuou com pavor:

– Seu Raul!... é a roupa...

Sorri a tempo, antes que ele disparasse. Que ódio não ser Clara, que alívio voltar a mim!

### **1.º de julho (chuva)**

Sexta-feira desgraçada! Tudo me lembra Clara. Minha ideia ontem era falar de Marcos, mas a mulher tomou conta de minha cabeça. Quase fui acordar a zeladora de madrugada, pedir a chave, conferir se tudo está no mesmo ou se ela voltou secretamente. É claro que não sou tão imbecil, mas faltou pouco. Não me acostumo mais com a solidão, o diário é insuficiente. A vontade de companhia nos acovarda, deixa-nos humildes, miseráveis, infelizes. Bosta! Cheguei a esticar conversas inúteis com Marcos apenas para que ele não se fosse, para não ficar só. Bosta! Bosta!

### **4**

Hoje garanto: o assunto é Marcos. Marcos "por enquanto", o triste ainda desconfia. Admiro este cuidado – nesse aspecto ele é muito superior a mim. Às vezes me sinto uma criança idiota, vou falando tudo, mesmo percebendo a atenção com que ele me ouve, a perícia de suas perguntas. Ainda assim, me preservo: ele nada sabe, nem dessas páginas, nem de Clara. Mas que as duas coisas já estiveram na ponta da língua para eu confessar tudo, isso já estiveram. Dez vezes morde a língua, o beijo, engoli seco. Mas não falo nada antes de ter certeza absoluta.

### **5**

Tem me irritado o modo como este texto derrapa, perde a lógica, vai e vem sem rumo. Ou terá clareza ou não servirá para nada. Dói confessar, mas enfrento a verdade: estou disfarçando, fujo do assunto, sinto medo. Porra! Tenho medo de Marcos. Ou será egoísmo, ciúme, inveja? Aquela alegria dele, o falatório, o jeito



despachado, a segurança! Finge respeito por mim, ilude-me com uma falsa atenção. Na verdade, sente-se nas nuvens. Duas vezes já paguei almoço a ele – se é que aquela merda é almoço – e ele tranquilo, absoluto, indiferente. Nem um muito obrigado. Acha mesmo que eu é que devo agradecimentos, eu é que tenho de ser gentil por **ele** permitir minha enfadonha companhia.

Vou dormir.

## 6

Tive que arrancar de mim toda a superioridade, a coragem, o sangue frio, a nobreza que tenho, para não rasgar de um golpe o que escrevi ontem. Meu Deus, quanta mesquinharia! Que houve comigo, onde fui parar? Esqueço o que disse, apago da memória, enterro esse desabafo no porão mais fundo. Faço de conta que não houve dia 5, apenas um pesadelo. Não me convenço de que é inútil escrever deprimido; nesses momentos não somos nós, mas um demônio secreto, uma outra coisa que puseram em nossa cabeça à nossa revelia. I u não escrevi aquilo: foi um outro Raul Vasquez, um asqueroso, mesquinho, repugnante, vil Raul, saído sei lá de onde pura acabar comigo. Pois não acabou; antes, me deixou mais limpo, mais inteiro. E superior: fica aí o trecho intacto. Servirá de exemplo para mim e para os outros.

## **dia 7, 23.30**

Marcos é mais que um amigo: é um companheiro para a obra. Todos esses dias temos almoçado na Academia de Vegetais. Às vezes ele me espera à saída do serviço, às vezes encontro-o no Café. Assunto para bate-papo nunca falta. Uma simples manchete de jornal, a aporrinhção de um engraxate, uma mulher que passa, tudo é o pávio inicial de intermináveis conversas. No início, éramos dois diamantes brutos, um amontoado irregular de visões que se esbarravam com frequência. Mas dia a dia recompomos os pontos

de vista, lapidamos as arestas, desprezamos o secundário e nos aprofundamos no essencial, na visão de mundo – surpreendentemente tão próximas uma da outra. Dois leões solitários, cheios de ódio e frieza, lucidez e cálculo. (Voltei aos animais: não há outra forma de enfrentar esta cidade, de se manter em pé neste inferno.)

Por amor à perfeição, estabeleci simetria entre nós dois. Marcos riu da ideia, mas concordou. Ele é o jovem, eu o velho. Ele é desleixado no vestir, usa roupas coloridas de mau gosto, tem cabelos e barba sem trato, rompe com os padrões do tempo; eu sou o liame com o antigo, com o regular, com a norma de sobrevivência. Ele fala demais, é explosivo, solta a imaginação, ri à vontade. Sou comedido, cuidadoso, sério, sem invenções súbitas. Sou moralista, o medo e a segurança pesam em meus critérios de valor. Ele não tem limites, rouba artigos de supermercado, revistas de bancas, diz piadas na rua, briga com frequência, vive em bares. Eis nossa **forma**. No fundamental, a mesma ânsia e o mesmo destino. Somos iguais, ambos sem saída. Somos a resposta implacável da história. Repito, pagarão cada minuto da vida que nos roubaram.

### **dia 8, primeiros minutos**

Gostei do que escrevi. É claro que não somos tão esquemáticos; nem eu tão comedido nem ele tão explosivo. Roubamos características um do outro, trocamos detalhes, emprestamos impulsos; um lento trabalho de maturação, de equilíbrio, de afinidade.

Como a humanidade gosta de esquemas, vai mais este, a título provisório. Não há de fazer dano. Que cada um refaça a seu gosto, dê as explicações que achar justas, acrescente notas. Enfim, ocupem-se, encham o tempo enquanto podem. Nós temos mais o que fazer.

Estou pensando seriamente em colocar um cadeado forte na gaveta, ou instalar um cofre de parede. Já fui longe demais, já dei

nome aos bois. Continuo me descuidando. Ainda ontem esqueci a gaveta aberta. Outro dia falava tão alto na Academia que um bando de vegetais nos fitava com interesse. Quanto a Marcos, é escandaloso demais. Preciso lhe chamar a atenção severamente; já bastam meus próprios descuidos.

Mas que tanto ponho a carroça na frente dos burros!? Nem sei se Marcos é Marcos! O desgraçado é cuidadoso: naquele falatório todo não deixa escapar nada de seus planos. Nem eu dos meus, é claro. Não há tanta pressa; devagar vamos nos tateando, alicerçando posições, fincando estacas.

Em suma: estou otimista. As coisas ganham um sentido que nunca tiveram. Conto um segredo: ontem beijei a foto de Clara e senti a garganta apertada.

## Sexto capítulo

Este domingo eu e Marcos fomos almoçar na Academia. De lá, saímos a andar pelas ruas, sem direção nem objetivo. Os ratos pareciam animados: havia um jogo importante de futebol, até o presidente da República veio assistir. Bandeiras coloridas, um caldeirão de carros buzinando, camelos, discussões em voz alta, brigas em cada esquina. Vieram nos oferecer ingressos a preços exorbitantes – os últimos dos últimos, justificavam. Eu dispenso futebol, que metam no rabo bolas e traves, mas Marcos satisfaz o narcisismo: de um lado, explica a exploração monstruosa em todas suas minúcias; de outro, conhece jogadores, escala times, propõe mudança de regras. Quanto a mim, dinamitaria um estádio sem remorsos; um trabalho limpo, a humanidade iria agradecer. Ele contesta: seria ato de rancor, não de lógica. Disse ainda: **Temos que ser frios, Raul. Nessas coisas não devem interferir manias ou ódios particulares.** Cumprimentei-o: o raciocínio era impecável.

Caí em mim: a alusão de Marcos tinha sido clara (Clara!?). Do jeito como me olhava, percebi o jogar verde para colher maduro.

Não colheu de imediato, mas as coisas vão bem. É o parceiro certo para a obra.

A conversa foi interrompida por uma fila alucinada de carros a buzinar. Qualquer coisa na frente parava o trânsito. A avenida ia se entupindo de automóveis ansiosos, acelerados, procurando uma passagem impossível. A massa metálica parou, sufocada, como quem acorda. Um carro miúdo pula para a calçada e dispara por ela; como galinhas em pânico corremos buscando proteção nas portas; outros vêm atrás pelo caminho novo, tentando alcançar a esquina de uma rua menor. Inútil, não há saídas. Adiante, alguém salta do carro furioso, dá um pontapé na porta do vizinho.

– Filho da puta!

Das janelas estoura um foguetório, bandeiras desfraldadas. Um batalhão de guardas surge não sei de onde; se espalham por tudo, um enxame de apitos, cassetetes e máscaras. Nas rua paralelas, sirenes de bombeiros e de polícia. As sirenes dominam soberanas agora, até que novos foguetes entram na guerra, em meio às bandeiras. Eu e Marcos avançamos entre os carros, empurrados por outros. Não podemos iludir a sensação de que assistimos um espetáculo, um teatro requintado que nos purificará de todo o mal. Os guardas cercam um homem adiante, que pula sobre os carros, tentando escapar, avança, recua, dá pontapés do alto, grita rouco, abre os braços, baba de tanta fúria. Todos querem sair dos carros, mas não há espaço para tantas portas. Levo esbarrões, pisadas, sou jogado de um lado para outro, mas não tiro os olhos do homem que faz das capotas dos carros palco do seu ódio. Que grandeza! Quarenta cassetetes não podem com ele. Uma porrada na testa espirra sangue. Um urro e dentes que parecem rir no meio da carne. Não suportará tanto: um pulo mal calculado de um teto para outro, escorrega e cai entre dois para-choques. É o fim; não conseguimos pensar nada, apenas um alívio nos tranquiliza subitamente, param os foguetes e as buzinas, como se o mundo acabasse de ser salvo. O que restou do homem é transportado no alto, num enterro vivo. Depois, emerge do silêncio uma gritaria desesperada de motoristas, alisando inconsoláveis os destroços. De novo foguetes, de novo buzinas.

Eu e Marcos desembocamos com a massa humana na praça. Não me enganei desta vez, éramos iguais ao resto. O mesmo pânico, o mesmo alívio de ratos. Então aconteceu, como um desfecho previamente preparado, como uma apoteose diabólica. Marcos aponta:

– Olha!

Num segundo, vejo a figura no céu, pernas e braços abertos, Do último andar de um prédio alguém se jogou, não para o chão, mas para o alto, como uma última tentativa de escapar desta força. Era um pássaro, de longe sem qualquer agonia, apenas um pássaro. Subiu mais alto que o prédio, fez a curva com requintes de acrobacia, brilhou no sol e veio súbito abaixo.

Que grito, meu Deus!

## **Sétimo capítulo**

Não corremos para lá, como todo mundo. Felizmente voltei a mim, constatei minha sensibilidade singular, minha capacidade de solidão. Propus que tomássemos café em casa, ele concordou.

Caminhamos em silêncio uns trinta minutos, ruminando a tarde cheia. No apartamento, ele ficou à janela, enquanto eu punha água a ferver. O silêncio começou a ocupar demasiado espaço. Não era falta de assunto, mas excesso. Vontade de falar tudo de uma vez, esclarecer papéis. Se desconfiássemos um do outro, em quem confiar? Eu, por mim, estava pronto para começar a tarefa. E tinha certeza de que ele concordaria.

Pensei em lhe mostrar o diário; ficaria ocupado enquanto a água fervia. Mas não disse nem fiz nada. O grito do suicídio ainda estava na sala, como um som familiar, comovente, quase de infância. Porém não tínhamos infância, nem pai, nem mãe, nem terra, sequer um acento particular na voz. A ideia de que éramos nada, apenas um amontoado confuso de suposições ambulantes começou a me irritar, a me desafiar. Enchi o coador de café, ele na janela. Talvez pensasse em alguma Clara, como eu.

O barulho das xicrinhas e colherinhas me aporrinhava. Marcos, sério, bebeu de um gole, acendeu um cigarro. Quebrou a cisma:

– Puta café ruim!

Eu ri.

– É melhor que a bosta da Academia.

Ele riu.

– Vou trazer a Tânia pra fazer café pra gente.

Levei um susto:

– Quem é Tânia?

– Amiga. Joga no nosso time.

Ainda não temos equipe, pensei. Mais cinco minutos de silêncio.

Puxei assunto:

– Pensando no que aconteceu à tarde?

– Todo dia é a mesma coisa. Já me acostumei.

– Eu não.

Olhei firme para ele; testava-o. Marcos se perturbou, remexeu-se na cadeira.

– Nem eu. Falei... por falar.

– Vê alguma solução?

– Nenhuma.

– Já é um começo – arrisquei, pondo mais açúcar na xícara.

– É. Não ter solução parece que me alivia.

– Não ter solução é a melhor solução: ficamos sem nenhum rabo preso.

Ele riu solto:

– Gostei dessa! é verdade.

Eu avancei:

– Qualquer coisa vale!

– Isso!

– Na pior das hipóteses, continua o mesmo!

– Claro! e na melhor...

– ... qualquer coisa de fundamental acontece!

Ele se levantou, agitado:

– Chegamos à raiz!

Rimos gostosamente. Era um jogo de inteligência: o melhor da conversa acontecia na sugestão, nas entrelinhas, nos

subentendidos. Empolgado pela comunhão (não tão súbita como parecia), fui adiante:

– Marcos, nunca te ocorreu que te... roubaram a vida? Ele refletiu.

– Roubar a vida?

– É. Que estamos mortos e não podemos fazer mais nada a respeito senão esperar um outro fim, ainda outra morte além dessa?

Ele se impressionou, arregalou os olhos:

– Velhão... grande... é isso aí...!

Com um gole de café saboreei o sucesso. Mas não parei:

– E você não acha que devemos nos vingar, recuperando a vida que se perdeu?

Marcos cada vez mais impressionado:

– Raul, não tenho pensado noutra coisa nos últimos meses... e...

Debruçando-me na mesa, dei murros entusiasmados:

– ... e o que nós precisamos é método, lógica, raciocínio e frieza!

Ele estendeu a mão, trêmulo, feliz:

– Negócio fechado!

### **ainda dia 10, domingo**

Depois que Marcos saiu, já de noite, liguei a televisão:

**... e mesmo os que não puderam assistir o jogo, presos pelo engarrafamento ou por falta de ingressos, tiveram hoje uma tarde cheia, repleta de emoções. O ponto alto aconteceu por volta das quatro horas, quando em meio ao foguetório, sirenes, gritos e bandeiras desfraldadas, uma torcedora, no auge da alegria, jogou-se do último andar do Edifício Benjamin Constant, na praça XV, fazendo acrobacias no espaço antes de se estatelar na**

**calçada. Uma multidão correu imediatamente para o local, atrapalhando o serviço da polícia. Nosso cinegrafista, num sensacional furo de reportagem, colheu o flagrante desde o início. Vejam em câmara lenta a curva que o corpo descreve.**

Repetiram o salto três vezes.

**Apesar de gravemente deformada pelo choque, a torcedora já foi identificada, após um rápido despacho do Instituto Médico Legal. Trata-se de Clara Santos, que...**

Não consegui ouvir mais nada.

## **11**

Clara está morta. Hoje vi sua fotografia em todos os jornais, em estado deplorável. Não posso vencer a depressão, a sensação estranha de culpa. O beijo no elevador... não percebi seus avisos. Inventaram a história de "torcedora", nada sabem de Clara, de seu desespero, de sua falta de saídas. Eu, pelo menos, tenho uma foto três por quatro, um bilhete secreto, a memória de Clara.

No serviço, percebem que estou triste. Disse que morreu um parente, acreditaram. Era quase como se fosse, um parente, alguém muito próximo. Viver sem Clara é difícil, enterra definitivamente todas as possibilidades.

Por outro lado – doloroso dizer, mas é verdade – sua morte como que esclarece tudo, deixa-me limpo, livre para a obra. Não há mais sentimentos para atrapalhar, o mundo já deu absolutamente tudo que eu necessitava. Daqui para a frente, eu dou as cartas.

## **Oitavo capítulo**



Dois ou três dias depois, mais uma vez fiquei à janela. A vidraça é como o refúgio da minha filosofia; a cidade me inspira e me esclarece. Pensava em Marcos, em nossas posições radicais e nossos planos. O mal estava aí: eram ainda planos estratosféricos, demasiadamente gerais, e que corriam o risco de nos satisfazer apenas por sua formulação. Concordávamos da necessidade urgente de provarmos ao mundo que estávamos vivos; mas daí para a frente surgia uma nuvem de espera, de desconfiança e de medo mútuo. Quanto a mim, estava com a palavra chave na boca o tempo todo. Mas ele...

Bateram à porta. Marcos não seria, havia saído minutos antes. No corredor escuro divisei o corpo da zeladora, o sorriso temeroso:

– Doutor Raul.. .

Havia outra velha atrás.

– ... esta é Dona Antonieta, mãe da Dona Clara.

Treinado, sorri um sorriso perfeito, misto de funda condolência, piedade e satisfação por conhecê-la. A zeladora esclarecia:

– Ela queria falar com o senhor e eu...

Fui impecável:

– A senhora tenha a bondade... – e lhe dei passagem.

Era uma velha em agonia, curva, humilde, sofrida. Toda de preto, os olhos vivos:

– Obrigada...

A zeladora fez menção de segui-la casa adentro, mas lhe cortei, habilidoso:

– Muito obrigado!

Fechada a porta, Dona Antonieta parou em seguida, aguardando ordens sem saber se olhava para mim ou para o apartamento.

– Por favor, a senhora se sente...

Os passos miúdos levaram a velha até a poltrona, onde ela se sentou, lenta, desconfiada. Toda ela era lenta, particularmente o raciocínio, que parecia mastigar com dificuldade cada fato novo, e sempre um de cada vez.

– O senhor desculpe eu estar aqui, mas...

– Não foi nada, senhora. Fez muito bem. Eu... – sem assunto, me levantei. Percebi que deveria mais ouvir do que falar – ... eu vou trazer um café.

Ela tentou protestar, mas nem a voz nem o gesto lhe obedeceram. Colocando xícaras, açúcar e bule na bandeja, matutava o que pretendia a velha. Num instante senti perigo, como se imaginassem algum envolvimento no suicídio – a ideia chegou a me perturbar, o bule tremeu. Mas a primeira frase da velha me tranquilizou:

– Eu queria agradecer.

Surpreso, fiquei à espera.

– O senhor sempre foi muito bom para Clara.

Concordei, temeroso, envergonhado e curiosíssimo de saber até onde iria aquilo. Ela esperava que eu dissesse alguma coisa. Arrisquei um comentário neutro:

– Ela era... uma excelente moça... eu não sei... se...

– Muito boa menina.

Com dificuldade levou a xícara aos lábios e deu um gole barulhento. Foi adiante:

– O senhor fez tudo para salvá-la... mas ela era tão esquisita... ficou tão estranha que...

Fiz um gesto solene de desalento.

– Há certas coisas, certos mistérios, Dona Antonieta, que a gente não sabe nunca...

– Só Deus. Só Deus sabe.

De novo concordei com a velha. Mas de onde ela tirava tudo aquilo? Tomei outro cafezinho querendo perguntar e ficando à espera. A velha sonhava:

– Ela falava muito do senhor. Todas as cartas – deu uma risadinha triste – todas as cartas era doutor Raul pra cá, doutor Raul pra lá. Os restaurantes que o senhor levava ela pra almoçar, os filmes que iam ver, os livros que o senhor dava pra ela...

Entrei na peça imediatamente, encantando:

– Éramos muito amigos... eu sempre quis...

– ... casar com ela! Eu sei, eu sei...

A velha se afundou na tristeza algum tempo.

– Pois é – concordei aturdido. – Mas ela...

– ... nunca quis casar... era bobinha... eu sei... o senhor... um homem tão bom... respeitador...

Clara me amava! Desandei a falar, tecendo elogios sem fim, inventando saudades, diálogos, passeios, jantares – e até discussões. Eu quase chorava:

– Eu tentei, Dona Antonieta, eu tentei...

– Mas eu não estranho, doutor Raul. Desde pequena era confusa. Só Deus sabe o quanto rezei por ela quando veio para a capital. Queria vir! queria vir de qualquer jeito maneira. Depois, conheceu o senhor e eu pensei cá comigo, agora ela casa, toma jeito... ela gostava muito do senhor...

A velha me olhava demoradamente.

– O senhor é bem como ela descrevia... e como eu imaginava. Um homem bom.

Inchei de vaidade, mas sem qualquer vergonha: tanto a velha como a filha estavam certas. Buscava algum argumento para consolá-la, mas aquelas informações eram tão surpreendentes que só conseguia pensar em mim mesmo. Além disso a velha já parecia consolada pela morte da filha. Ou pelo menos vida e morte para ela era como que uma coisa só, um mundo vago onde o desespero não chegava a tomar corpo – memória e realidade, esta vida e a outra se somavam num mesmo painel, triste mas sem sofrimento. Depois de um tempo de conversa perdida, a velha voltava ao início:

– ... ela me falou também do seu último bilhete, do encontro na cidade...

Fiquei quieto, gelado.

– ... e ela acabou não indo. Depois, não tive mais notícias. Coitadinha.

A velha começou a chorar mansinho, enxugou as lágrimas.

Surpreendente, uma coisa mais surpreendente que a outra! A velha suspirou, disse que assim é a vida, que Deus escreve certo por linhas tortas, que Deus cuidará de Clara. Pela primeira vez compreendi o Deus das velhas, esta Coisa que sempre me espantou. A velhinha se agarrava nEle como em um amigo do peito, realmente provedor de tudo. Bendito cupincha da tragédia!

– Mais uma coisinha, doutor Raul. Não quero tirar o seu tempo, o senhor é um homem ocupado e...

– Ora!

– ... mas eu queria lhe devolver – remexeu na bolsa – o livro que o senhor deu pra ela.

A velha me estendeu as Histórias Extraordinárias.

– A zeladora me disse que o senhor estava precisando e não tinha encontrado. Estava no lado da cama. Eu sempre fui ignorante, mas Clara era muito estudiosa... e o senhor ajudou muito e.. .

Cortei a lenga-lenga que a velha recomeçava. Estava muito nervoso, precisava despachá-la e pensar, pensar, pensar. Levantei:

– Fiz tudo que pude, Dona Antonieta. Deus é testemunha.

Ela ficou satisfeita. Ajudei-a a erguer-se do sofá, levei-a à porta. Continuava repetindo:

– Muito obrigada por tudo... obrigada...

De novo só, folhee o volume. Na contracapa estava escrito: **Presente do Raul**. E eu não havia percebido antes! Comecei a reler **A Queda da Casa de Usher**, duas ou três linhas, e fechei o livro. Num segundo o plano se arquitetou inteiro na cabeça. A rachadura na parede... Se pudesse, procuraria Marcos em seguida.

Tudo pronto para a obra. Nada mais a preparar. Que as razões fossem falhas, que não houvesse razões, enfim restava Clara. Em memória dela, em vingança dela, a única mulher que me amou – e eu não sabia.

## dia 16

O que me impressiona em Marcos é a sua espécie de ódio. É um ódio seco, enxuto, total, sem arestas. Mais: é um ódio ressecado, sedimentado há milênios e entregue pronto de uma vez para consumo imediato, sem prévio ritual. Ódios há passageiros, de curta ou longa duração, mas com começo e fim. Outros são permanentes, mas em capítulos, encadeados, ódios com método, fundamentos, razões. E há ainda os ódios súbitos, apopléticos,

brutais na sua imprevisão mas que se consomem logo que se manifestam, sem deixar resquícios.

Não exageremos; o ódio de Marcos não é desumano, mas parece. É um bloco absoluto sem começo nem fim. É o ódio matéria-prima, por si só, sem fraquezas nem explosões, um ódio sem pressa, sem infância, sem memória. O ódio de Marcos não se confunde nem com a raiva, nem com a indignação; ignora valores. É olímpico, indiferente – diria que quase sem crueldade. Se Deus odiasse, odiaria como Marcos. Não tem direção: abarca tudo, de uma vez só – dilúvio e lavas. Ódio purificador. Cego.

Quanto a mim, sou fraco. Um sentimentalismo piegas me atrapalha e me confunde. Sou retórico, amante das justificativas e dos panos quentes. Qualquer Clara miserável me coloca ante o abismo. Sou capaz do choro – suprema fraqueza dos calhordas. Eu não odeio – sinto-me mal. É isto: sinto-me mal neste mundo, sem lugar, excrescência incômoda. O passado é um fantasma, a memória me acorrenta. Também sou cego, mas, ao contrário de Marcos, um cego que tem visões. Ainda aqui nos complementamos, embora ele não perceba. Ele disse:

– Faremos isso por nada. Aliás: apenas **faremos isso**. Precisa mais?

Eu olhava os olhos frios de Marcos, naqueles raros momentos em que ele perdia a fala, a alegria, o palavrório mascarador e se reduzia ao ódio.

– Marcos... tenho um milhão de razões para a nossa obra.

Que ele me deixasse pelo menos uma: a vingança de Clara. Ou, menos sutil, a salvação do mundo. Marcos deu uma gargalhada:

– E lá vem você com teus programas, com teus ofícios, com teus memorandos, pareceres, teus "tendo em vista", tuas palavras de ordem!? Porra, até nisso você é um funcionário público?

– Não, mas...

Ele dobrou o mapa com carinho, levantando-se.

– Limpe o rabo com tuas justificativas de donzela. Pelo menos uma vez na vida quero ir ao osso.

Que ódio o dele – babava! Que poço imemorial! Apertei a sua mão, comovido.

## **Nono capítulo**

### **O que aconteceu no dia 15 julho**

Percebo que colocando títulos o diário ganha vivacidade. Por exemplo, o que escrevi há pouco poderia se chamar "Marcos e o ódio", ou "O Fundo do Poço", para ser metafórico. (Outra digressãozinha: bastou a coisa se decidir para eu me tornar mais claro, mais elegante, mais dono de mim. Quase – ah ah! – literário. Marcos tem razão: sou ridículo na minha pieguice.)

Bom, doravante este diário toma, enfim, a dimensão de um documento histórico. Não mais diletantismo, esporte solitário, brincadeira de fim de semana. Mas documento. Sacrifico o estilo pelos detalhes. Assim, vou relatar o que aconteceu no dia anterior, um dos mais felizes da minha vida.

Marcos apareceu em casa particularmente agitado. Foi direto ao assunto:

- Como é, começamos?
- Estou pronto.
- Tem confiança em mim?

Titubeei, mas respondi:

- Absoluta.
- Eu não tenho muita em você, mas é o que basta.

Rimos juntos. Ele acrescentou:

– Além do mais, não vai ser fácil arranjar outro. Eu te aceito mais por preguiça. Que se foda o resto.

- Digo a mesma coisa.
- Excelente!

Puxou uma cadeira, sentou-se à mesa. Fiz o mesmo, meio hipnotizado por aquela determinação. Ele estava contente, se derramava. Deu um murro na mesa:

- Porra, que noite, velho! que grande noite!

Concordei. Ele tomava a dianteira:

- Tem algum plano em especial?
- Tenho, mas aceito sugestões.
- Tá disposto?

– Disposto.

O seu ar de mando me irritava, mas disfarcei.

– Nada a perder?

– Mais do que foi perdido?

Ele deu uma gargalhada comprida, que ameaçava se desdobrar sem fim. Senti o quanto é sinistro. Detrás do jovem brincalhão surgia um velho rancoroso, um antigo chefe de tribo, um canibal faminto. Parou de rir, fungou, assoou o nariz.

– Bem, primeiro temos que concordar em alguns pontos de partida.

– Certo. Pode falar.

– Nada de pessoal. Já falamos muito sobre isso. A coisa é maior que nós.

– Correto.

– Segundo: ir até as últimas consequências. Nenhum, absolutamente nenhum acerto de gabinete. Não sobrar nada.

Foi a minha vez de dar um murro na mesa.

– Nada!

– Terceiro – e este é um ponto chave: nenhum programa. Nenhuma palavra. Eles sabem. Se não sabem, vão aprender.

Fiquei na dúvida. A atração retórica é grande demais, sinto que tenho muito a dizer para a humanidade. Tentei argumentar:

– Mas nós dois estamos salvando o mundo! Colocar isso na cabeça dos imbecis e ...

Marcos, implacável, murro na mesa:

– Não interessa! Maldita razão! A história são os fatos, não os discursos! Eu cago em cima das laudas de papel! Não se iluda, idiota!

Fiquei quieto. Me percebi apalpando no bolso a foto gasta e suada de Clara, como uma tábua de salvação. Ele se acalmava.

– Raul, este é um ponto chave. A coisa em si, sem invólucro.

Concordei, finalmente. Ele tem razão, a fraqueza é minha.

Vencida esta etapa, foi a minha vez de assumir a liderança. Falta-me prática, tremem as pernas, mas me saí bem.

– Marcos, outro detalhe importante.

– Pode falar.

– Nosso alvo não são os homens. Concorda?

– Claro!

– Não adianta nada a gente sair por aí estrangulando criancinhas.

– Certo.

Nesse momento a coisa entrou inteira em mim. A voz trêmula, mas a lucidez intacta. Falei com vagar, impregnado:

– Nosso alvo é a obra.

– Justo!

– A obra!

– Justíssimo!

– Cada tijolo erguido!

– Pedra sobre pedra!

– Cada monumento!

– Prédio!

– Edifícios!

– Teatros!

– Correios e Telégrafos!

– Estátuas!

– Bancos!

– Usinas!

– Fábricas!

– Templos!

– TUDO!

– TUDO!

Sentamo-nos novamente, aliviados. Que limpeza na alma, que clareza de ideias, que visão do futuro! De novo a gargalhada anárquica, absoluta, de Marcos:

– Não vai sobrar nada!

Fui à porta, sobressaltado. Medo de que nos ouvissem.

– Marcos, precisamos cuidar.

– Todo cuidado é pouco.

Uma sirene entrou no apartamento e se foi em agonia.

– São as últimas.

Rimos de novo. De repente Marcos ficou sério.

– Raul...



- Fala.
- ... vamos morrer logo.
- Não tive medo. Verdade: não tive medo.
- Eu sei. Mas outros...
- ... outros vão continuar! que certeza!
- A coisa vai andar por si. É o dominó...
- Prédio a prédio. Marcos suspirou.
- Tudo bem. Perfeito.
- Tirou do bolso um mapa da cidade, desdobrou-o sobre a mesa.
- Você fica sendo o estrategista. A teoria por tua conta.
- Reconheço que sou estourado e os planos precisam ser frios.
- Aceita?
- Aceito. E as bombas?
- Falo disso amanhã. Estou exausto.

## 17

Oh querida Clara morta  
minha deusa feia três por quatro  
acrobata sem rumo  
minha louca Clara louquinha  
minha doida Clara morta  
minha coisa triste  
    minha infeliz chorona  
querida desajustada  
    rosto em sangue  
    três por quatro  
    beijo de elevador  
percebo, Clarinha  
    que te amo morta  
    minha infância  
    meu jogo de pião  
    minha pandorga  
    minha perna de pau  
    minha puta anónima

meu gosto de tangerina  
deusa feia feia feia  
puta morta feia  
passarinha  
minha doença Clara  
minha fruta de plástico  
te darei a tumba da terra  
ela também te comerá  
querida filha de Dona Antonieta dos Santos  
tantos santos te protegem  
minha reza  
vagabundinha vagabunda  
te darei tumba  
te darei flores  
que saudades, morta  
tu que me comeste em silêncio  
tu que me amaste anjinha  
tu que voaste  
passarinha  
tranquiliza-te, coisa feia  
estou contigo

## 18

Não consigo me livrar de Clara. Há quatro dias com o mapa e nada de um plano, um esboço que seja. Marcos não me apressa, mas parece impaciente. Enquanto isso filosofamos; quanto a mim, cheguei a escrever um poema, coisa que não fazia há vinte anos. Não parece tão mau; os palavrões me escapam, como se escrevesse em transe. Recuso-me a riscá-los, cumprindo promessa feita anteriormente. O poema, na verdade, é um álibi para minha visão de mundo. A memória de Clara parece romper diques da minha personalidade. Sinto que meu dilúvio se aproxima, em toda sua grandeza. Repito: o poema é apenas um álibi (gosto desta

palavra). O poeta e a poesia são como o esgoto da civilização, apodrecem tudo o que tocam.

Quero as bombas. Pelo menos são limpas e de brutal eficiência, exatamente como o tempo exige.

## **Décimo capítulo (duas horas da manhã)**

Marcos não trouxe as bombas, sequer falou delas. Em compensação, hoje surgiu com a tal de Tânia, que ele garante jogar no nosso time. Que saudades de Clara, da sua singela beleza, de seu beijo singular! Tânia jamais se jogaria de um prédio, jamais se incendiaria. É medíocre, estúpida, silenciosa mesmo quando fala. É burra, calhorda, servil, humilde.

Pior que tudo: incapaz de fazer um café que preste. Que olhos inexpressivos! que boca pálida, que cabelos secos, que corpo morto! A voz é horrível, arrastada e vazia. Marcos que me desculpe: que ele a tenha de vez em quando, exclusivamente por descarga biológica, justifica-se. Vá lá, ninguém tem obrigação de se alimentar somente de estátuas. Até eu, quando jovem, vez por outra abria mão de minhas preferências para suportar qualquer mulher, quando a solidão ultrapassava os limites.

Mas daí dizer que um monte de bosta é uma revolucionária como nós, porra! Não é erro de cálculo: é imprevidência grave. Revelar tudo que conquistamos a ferro e fogo a uma tralha vazia é um risco ao qual não podemos nos dar ao luxo. Desgraçadamente, a mula não nos deixou nenhum momento a sós para que eu advertisse Marcos. E ele com a tramela ligada, falando igual papagaio. As orelhas dela acesas o tempo todo. Tenho quase certeza; ou melhor, tenho certeza que é uma espiã. Estamos desgraçados muito antes que a cidade, e o idiota não percebe.

Pior, muito pior que tudo isto: quando iam embora, já perto da meia-noite, ele se vira para mim:

– Raul, esta noite Tânia fica com você.

Fiquei mudo.

– ... eu... hã...?

– Depois te explico.

Fechou a porta e se foi. Fico eu com a besta, plantada no meio da sala como à espera de ordens. Com soldados assim, a hierarquia é uma nulidade. Sério mesmo: passo a desconfiar de Marcos, a ver nisso tudo uma esparrela onde caí como um pato.

– Vou lavar a louça.

E foi. Eu fiquei andando de um lado para outro no apartamento, tigre na jaula. Louco para relatar tudo no diário, mas ela viria ler na minha nuca. Por fim me acalmei na janela, minha companheira de sempre, onde, otimista, tentei aparar as arestas da minha fúria. Que fazer com aquele pacote? Ela também não sabia:

– Durmo onde?

Comigo é que não (percebi um peso moral dentro de mim que não suspeitava fosse tão forte). Tomado de um humanismo rançoso, uma súbita piedade por aquela coisa tão indefesa aos meus julgamentos, lhe ofereci o quarto principal.

– Fique aqui.

– E você?

Esclareço: tudo que ela falava era impessoal, absolutamente impessoal. Nenhuma sugestão oculta, sutileza de espírito. Que lata!

– Durmo no escritório. Tem colchão e cobertor.

Tânia chegou a esboçar uma reação, uma espécie de “não é justo”, numa delicadeza mecânica. Mas não lhe dei tempo:

– Boa noite.

Que dormisse logo, a maldita, para eu escrever sossegado! É claro que hoje não vou dormir, não tenho sono. Nem que eu tenha de passar a madrugada toda falando da mesma coisa, destilando o mesmo ódio, até a hora de ir para o serviço. E amanhã? passará o dia inteiro no apartamento, fuçando minhas coisas. Se lê este diário me desgraça. Parece que estou vendo: ao voltar do trabalho, dou com cinco metralhadoras apontando para mim. Sentado no sofá, Marcos vai dar uma gargalhada gostosa. E tudo isto sem ter destruído sequer um quarteirão desta cidade puta. Vão me fuzilar. Isso depois de passar pelo pau-de-arara, de desfilar nu pela avenida principal com uma corda no pescoço, de publicarem – com

modificações convenientes – meu diário: depois das crianças me jogarem pedras no rosto com a aprovação dos pais. Vão descobrir mil coisas, os animais. Vão descobrir que eu dava o rabo, que fui amante do bispo, que sofria de esquizofrenia galopante, que pratiquei estelionato, que chicoteava as empregadinhas, que comi a filha do governador, de apenas onze anos de idade, que envenenei minha mãe. Daí as manchetes: TERRORISTA CAI DE JOELHOS E PEDE PERDÃO. Ou: TERRORISTA SOLITÁRIO FUZILADO COM SETE TIROS NO PEITO. Ou: TERRORISTA TEM O DIABO NO CORPO.

Melhor ainda: MULTIDÃO INVADE QUARTEL E LINCHA O MONSTRO. Talvez: ESQUARTEJADO HOMICIDA DA PRAÇA QUINZE. TARADO SE ENFORCA NO PIJAMA.

Já estou lendo o editorial: **As trezentas mil pessoas que se concentraram na avenida para assistir ao enforcamento de Raul Vasquez deram insofismável lição de civismo que não pode ser escamoteada – dado seu caráter plebiscitário – por aqueles que, vestindo o manto diáfano da bondade, ocultam o poço subterrâneo das intenções mais deletérias. Assim...**

Corja de filhos da puta! Que ódio!

Ah, eu só quero que tudo seja alucinação minha, que Marcos não me traia, que esta mula não me denuncie, eu só quero que não tenham me engabelado, que tudo seja como antes, para levar até o fim meus planos; só desejo que não me matem antes do tempo, que me deixem realizar a função sagrada da grande destruição. Homens como eu são insubstituíveis, sou a realização mais lapidada, a síntese plena e única do mundo civilizado. Estou suando, o papel se encharca. Vou tentar dormir, estou no inferno, quero dormir.

**Clara, Clarinha  
desça do paraíso  
vem me dar um beijo na boca**

meu Deus, que vontade de chorar

## 21

O dia foi um alívio completo. A começar pela manhã: fui acordado com suco de laranja, café, leite, bolachinhas, pão com manteiga, por uma silenciosa mas bem humorada Tânia. Reconheço que ela se dedica à causa, pelo menos ao seu cérebro-mor. Os fantasmas do meu medo se foram com a mesma rapidez com que me aprisionaram. Desconfiar de Marcos! – é falta de serviço. Agora à noite abri o mapa e comecei o esquema. Tânia pediu licença para ver televisão, enquanto eu planejava. Permiti.

Meu esquema é simples- com lápis vermelho dividi a cidade em quatro zonas – norte, sul, leste, oeste – e mais o círculo central, o coração desta bosta. Nossos ataques alternarão as zonas de modo irregular; assim eles nunca vão descobrir o próximo ataque pela sequência dos anteriores. Marquei uma série de pontos prioritários de uma primeira fase, que servirão como aviso aos mais inteligentes. Serão atentados noturnos em locais desabitados, com poucas vítimas. Chamei esta etapa de “fase limpa”. É claro que não poderemos contar com qualquer apoio, sequer na fase limpa – os animais são burros demais para perceberem o significado da coisa. Aqui seriam úteis – continuo discordando de Marcos – breves comunicados à população esclarecendo o avanço implacável da destruição e seu refinado sentido histórico. Mas como nossa assembleia decidiu o contrário, até segunda ordem agiremos em silêncio. Que cada um tire sua conclusão. De certa forma é melhor assim, será um convite ao pensamento criativo.

A fase limpa destruirá principalmente prédios de repartições públicas – imagino a alegria dos barnabés com a perspectiva de alguns dias de folga até que o governo determine outros locais de trabalho –, bancos, fábricas, universidades, monumentos.

A segunda etapa – “fase suja” – não, este nome não. Vou pensar. (Tânia não tirava os olhos da TV. E dizer que esta besta é

“nossa”. Só mesmo um irresponsável como o Marcos.) Achei: “fase H”. O nome é vulgar, mas serve.

Na fase H a guerra estará declarada de modo fulminante. Os ataques não escolherão a hora, e é inevitável que haja grande número de vítimas. Na fase H o inimigo vai estrebuchar com fúria. Será um terremoto: pânico, fome, sede, miséria e terror. Pensando bem, nada muito diferente do que já está aí, só que agora de modo declarado. Seremos os cavaleiros do apocalipse! Clarinha, meu amor, serás vingada!

Alvos da fase H: centrais de abastecimento, usinas, quartéis, centrais de comunicação, igrejas, clubes, os pavorosos shopping center, lojas grandes em geral, escolas, o diabo!

Quanto à fase final, o fecho de ouro (ou de pólvora) – talvez ainda seja cedo para preocupar-se com ela. Em princípio, destruirá tudo que eventualmente sobrar de pé. Além do mais, tenho e sensação de que uma vez deflagrado o processo, a obra avançará por si só, as bombas explodirão por geração espontânea.

Fechei o mapa, satisfeito com o esquema. Perdi o sono, não vejo a hora de conferenciar com Marcos. Fiquei tão feliz com o trabalho que acabei vendo televisão ao lado de Tânia. De repente ela apareceu com um cafezinho feito na hora. Lê meus pensamentos, a safada.

## 22

Boas notícias. Marcos apareceu radiante, achou o homem chave, o cidadão das bombas.

– De confiança?

– O homem é nosso.

Da mesma forma que Tânia?, eu pensei.

– Não exatamente nosso. Gepeto – o nome do sujeito – age por conta própria, por amor à arte. Já conheço ele há algum tempo, e devagarinho fui me chegando. Especialista em bombas. Autodidata. Ninguém tem a ficha dele.

– Dinamites?

– Não! Você vai se espantar, o homem é um gênio. Você entende de bombas?

– Nada.

– Nem eu. Estão nem adianta a gente filosofar. Ele cuida da parte dele, nós cuidamos da nossa.

Fiquei desconfiado.

– Ele está sabendo do nosso projeto?

– Nem quer saber. O que, aliás, é uma garantia.

– Mas...

– Estou dizendo que ele trabalha por amor à arte! A bomba pela bomba, o prazer do explosivo: coisas que não se explicam. Enfim, ele faz as bombas, nós testamos. Não exatamente “testamos”; explodimos!

E Marcos deu uma gargalhada sinistra, contagiante e libertadora. Tânia apenas sorria (o que já é alguma coisa).

– E eu posso conhecer o tal Gepeto?

Me arrependi da pergunta: que devo eu pedir autorização para alguém? A obra é minha.

– Amanhã vamos lá. O velho é uma simpatia, você vai ver. Ele parece esses cientistas malucos das histórias, só que não está a serviço de ninguém.

– Ele se interessa, de algum modo, peia nossa causa?

– Causa? nem perde tempo com este palavrorio. Pelo que sei, Gepeto caga solenemente em todas as causas do mundo.

Uma súbita ânsia de vômito me surgiu não sei de onde: vertigem, tontura. Marcos percebeu:

– Vamos lá, Raul, que é isso?

Tânia:

– Tudo bem com você? vou trazer café.

Marcos ria solto:

– Que soldados tem esse exército! Um incendiário humanista e uma puta enfermeira!

– E um calhorda... – eu disse, não sei bem se falando dele ou de mim.

O café de Tânia – ou a mão nos meus cabelos? (ela tomava confiança) – me fez bem. Marcos não perdeu o humor:



– Raul, deixa de poesia. Eu sei que o que você quer mesmo é ver esses prédios abaixo, pelo prazer mesmo da coisa. O resto é literatura.

– Mas o resto também conta.

– Ótimo. Eu fico com o orgasmo da destruição, você redige as palavras de ordem. Ou, para ser mais direto: você excita, eu fodo.

Outra gargalhada libertária. Depois de um tempo, voltou a falar sério:

– Como é? e os planos?

Recuperei entusiasmo, desdobrando o mapa. Mostrei o esquema-chave, a divisão em fases, a evolução da obra. Ele acompanhava atentamente os riscos da minha caneta vermelha.

– Que tal?

– Perfeito! Nunca que eu teria saco para tanto método. Mas você tem razão: precisamos de método. Nós nos ajustamos em tudo.

– Paralelamente a isto, vou fazer um fichário em ordem alfabética, e...

– O quê?

Marcos é intolerante.

– Um fichário. Especificando tudo: local, data, hora, número de bombas, efeito desejado e efeito real...

– Nem me mostre. Você ficou louco.

– Vamos precisar de um arquivo.

– Pra quê?

Minha razão é simples:

– Você se esquece que esta é a obra mais importante de nossas vidas?

Ele mudou de assunto:

– Tânia, me traz café. – Continuava o humor: – Só porque está perto do Grande Chefe, do Grande Amo, do Rei, ela não se importa mais comigo.

Mania de brincar com tudo. Pior: quando ela chegou ao seu lado com a xícara, ele lhe abraçou o traseiro, quase derrubando o café. Falava comigo:

– Gostosa, essa Tânia! Não acha?

Fiquei quieto – ou irritado. Para que ofendê-la? De novo a estúpida gargalhada:

– Raul, se você não existisse eu inventava você!

Tânia ficou perturbada, eu notei. Ele não parava de rir:

– Fichário! Ah ah!

– Marcos, se você coloca as coisas nesses termos, que se dane.

Eu faço a minha parte.

Ele se acalmou:

– É isso aí. – Mudou de assunto: – E no trabalho, tudo bem?

Mais uma boa notícia:

– Tão bem, que tive um aumento.

– Ótimo. Vamos precisar de dinheiro pra pagar as bombas.

– Muito caro?

– Preço de custo. Gepeto não pensa em lucro – apenas na arte.

A gente vai comprando o máximo que der, fazendo estoque.

Depois, conversamos banalidades. Na despedida, queria levar Tânia. Não gostei, fiquei incomodado, mas com vergonha de reclamar. Não me perturbei por ela, é claro; mas por uma questão de direito, de princípio.

– Como é, gatinha das bombas, vamos?

A vulgaridade de Marcos me irrita. Ela não disse nada, olhava para mim, com um jeito de quem pede socorro. Marcos riu:

– Já entendi.

Protestei, vermelho:

– Não é nada disso! Tânia faz o que quer. Ela está bem aqui, e...

Marcos foi embora, um sorrisinho cínico. Nestas horas sinto que ele passa dos limites, excede na confiança, não me respeita. Da próxima vez colocarei as coisas nos seus lugares. Afinal, sou eu o chefe. Ninguém falou nisso, mas sou o cabeça, o cérebro da operação. Ora bolas, quem pensa que é? Não gosto dele, luto contra esta ideia, mas não gosto dele.

Marcos não apareceu mais, faz cinco dias. Melhor. Assim posso descansar a cabeça de toda esta agitação e filosofar um pouco. Estou sentindo falta da filosofia. A vida me atropela – acabo virando um mero relator de casos, um miserável contador de histórias. Tento recuperar o brilho das primeiras páginas, aquelas reflexões profundas sobre o agir que tanto me deixam feliz. A culpa não é minha, as coisas foram acontecendo de cambalhada. Como trabalho o dia todo, resta-me somente a noite para escrever, e no afã de ser fiel à realidade esqueço a reflexão. Com Tânia em casa, pior ainda; escrevo só de madrugada, quando ela dorme.

Falar em Tânia, ela tem se revelado uma serviçal magnífica. Não fala, não ocupa espaço, não aporrinha – e faz tudo no apartamento. Que aliás já é outro apartamento, de tão limpo, organizado. Desenterrou toalhinhas, limpou vasos, desencracou o chão, as janelas, a cozinha. Tudo em silêncio, sem perguntas ou comentários. É uma poita, mas uma poita útil. Não sei por que, ela tem me despertado sentimentos antigos, melancólicos, uma barafunda na cabeça que nem vou tentar explicar. Tão pouco tempo e Clara se confunde no rosto dela – absurdo! Fico olhando horas a foto três por quatro, para salvaguardar minha querida finada. Mas falava dos sentimentos: pois é, Tânia me deixa sentimental. Uma vontade de fazer perguntas, de contar histórias... Por ela, ficaríamos até o fim da vida sem trocar uma palavra. Quanto a mim, também sou um osso duro de roer, tenho uma muralha no coração. A nossa convivência é difícil, tensa, nervosa. Mas parece que nos atraímos, que sentimos necessidade um do outro, mesmo sem falar. Como uma situação de perigo tão grande, que até os inimigos se juntam, se olham em pânico. Eu rabisco mil vezes o mapa, ela vê televisão e assim ficamos. Se alguém sai da sala, parece que o teto desaba. A hora de dormir é pior ainda. Criamos uma espécie de código, um cerimonial de despedida noturna.

Bom, basta de circunlóquios (circunlóquios: que gozado!) Basta de disfarces. Sou homem – e para o macho, a proximidade da fêmea é sempre um desafio, por maior que seja o autocontrole. Acho que ela deve sentir a mesma coisa, lá do seu lado.

Sacudo a cabeça, espanto a ideia. Relembro tudo o que maldisse de Tânia, encho-me de raiva. Além do mais, a Obra não permite historinhas de amor. (Pobre Clara, morta e traída).

Era só o que faltava. Estou prestes a dinamitar esta cidade e me incomodo com histórias de amor. Volta-me a ânsia das bombas. E Marcos, que não aparece?

## **Décimo primeiro capítulo**

A saída do serviço encontrei Marcos. Pensava em reclamar de sua demora, mas eu estava tão contente que não falei nada. Um relatório meu tinha sido fartamente elogiado pelo chefe; foi até lido em voz alta a dois funcionários novos e penduraram uma fotocópia no quadro dos editais para servir de modelo. Não iria estragar meu bom humor com discussões. Mesmo porque Marcos demonstrava igual entusiasmo:

- Vamos ao Gepeto?
- Agora?
- Agora. Uma visita tarde da noite pode despertar suspeitas.
- Pegamos um táxi? é longe?
- É longe, mas nada de táxi. Você precisa se acostumar com a ideia de que estamos conspirando. Daqui pra frente, qualquer detalhe pode ser fatal.

Ele estava certo, mas a repreensão me irritou – mais uma vez, fiquei quieto. Tomamos um ônibus de subúrbio, superlotado. Fomos em pé, esmagados pela pobreza; freadas e arrancadas súbitas faziam paçoca da gente. Suportei, resignado. Marcos parecia se divertir com a viagem, leva tudo na brincadeira. Uma hora depois ele avisa:

- É aqui.

Para descer do ônibus foi outra tragédia. Respirei com alívio o ar da rua, já estava tonto. De cem em cem metros a luz de um poste tentava romper a escuridão. Fomos subindo um morro, pés cheios de barro, entre casinhas amontoadas, sem pintura, uma ou outra janela acesa, televisões em volume alto.

– Muito longe?

Ele ria, sem responder.

De novo, o medo da traição – por mais que me esforce não consigo confiar em Marcos. Ele avançava na frente, já sabendo o caminho; eu tropeçava em pedras, metia o pé em buracos. Num momento esperou que eu o alcançasse. Sussurrou:

– Não esqueça: por segurança, não me chame pelo nome e nem fale qualquer coisa de você.

– É claro!

Claro coisa nenhuma: isto nem tinha me passado pela cabeça. De qualquer modo, me preocupei:

– Você não disse que ele é de confiança?

– Claro que é. Mas quem não sabe não fala. Precisamos das bombas, não dele.

No alto do morro, olhei para trás. A cidade iluminada era um circo faiscante, um espetáculo de luzes, cores, sob o céu carregado. Apesar de tudo, havia uma beleza naquilo – não de cartão postal, mas uma beleza frágil, de vidro, qualquer coisa de estrela cadente, de brilho súbito antes da morte, de monumento desesperado a troco de nada. Fiquei com um nó na garganta – a perspectiva da destruição, o medo do fim: que fazia eu ali? que Marcos me levava junto, por que não cuidava das bombas sozinho?

– Chegamos, poeta!

Meia dúzia de cães latiam furiosos atrás de uma cerca velha e torta. Marcos bateu palmas. A porta da casinha de madeira – um oásis no matagal em volta, fim de rua e de mundo – se abriu, e um vulto de mulher veio nos livrar dos cachorros. Era uma moça, com jeito de empregada.

– O seu Gepeto está nos fundos.

Eu suava, tenso; tenho medo dos outros, é a verdade. Contornamos a casa através de uma horta de alfaces repolhudas, que uma luz da varanda permitia ver, com a cachorrada, agora simpática, nos atropelando os passos. No galpão dos fundos apareceu Gepeto, entreabrindo uma porta sinistra, o suficiente para que entrássemos e para que os cães ficassem de fora. Vou

confessar: eu tremia de medo. Sem qualquer razão – Gepeto é uma delicadeza de velho, careca, miúdo, enrugado, espinha curva.

Olhei em volta, disfarçadamente: era uma saleta abarrotada de tralhas, parafusos, tornos, aparelhos, rodas, fios, vidros, uns livrões empoeirados, uma prancha imunda servindo de mesa. A janelona ao fundo emoldurava a cidade.

– Querem cenoura?

Mal me sentei num caixote – a única cadeira, de palha, por sinal aos pedaços, era de Gepeto – e ele estendeu uma bandeja cheia de cenouras, já limpas.

– É da minha horta. Cenouras puras. Porque as cenouras dos botecos por aí estão envenenadas. É comer e morrer, devagarinho.

Por educação, escolhi das menores e me pus a mastigar. Éramos três mastigando cenouras. Tinham gosto de nada. Comecei a me sentir mal:

– O senhor... o senhor gosta de plantar... hortas e...

– De hortas e de bombas – respondeu Marcos por ele, com uma gargalhada.

O velho Gepeto alisou o cabelo imaginário – gesto que repetia com frequência – ignorando a risada de Marcos:

– A Maria cuida da horta. Eu não tenho muito tempo.

Continuamos mastigando cenouras. O velho tinha os olhos claros e tristes. De repente – tudo nele era de repente – levantou-se, trouxe uma caixa de papelão:

– Aqui estão as bombas.

Percebi a agitação de Gepeto, a alegria em falar do próprio trabalho:

– Vocês não entendem de bombas?

– Nada.

Coçou a careca, subitamente desanimado:

– Então, nem adianta explicar o processo de... são perfeitas!

Meu coração disparou mais uma vez, medo e curiosidade. Marcos pegou outra cenoura, indiferente, talvez por já saber do que se tratava. O velho mostrou qualquer coisa parecida com uma caixa de fósforos:

– Pegue.

– É... a bomba?

Marcos ria.

– É.

Segurei a coisa: pesava chumbo.

– Só não deixe cair.

Devolvi imediatamente.

– E... como funciona? é do tipo "granada"? – a ânsia de falar me levava a dizer besteira.

Gepeto fez um gesto irritado, de desprezo:

– Não, não, não, não é nada disso. – Os olhos brilhavam, a careca luzia: – Essa bomba é minha obra-prima!

Não tinha pressa, ou rumo: voltou a sentar-se, acendeu um cigarro barato, olhou pela janela. Realmente, um homem triste. Silêncio.

– Não é perigoso, o cigarro... o fogo...? – eu continuava, incontrolável, a dizer besteira.

Marcos sorria, deliciado com meu temor. O velho, longe:

– Não.

Eu queria ir adiante de uma vez:

– E uma caixinha dessas é suficiente para...

– Já tem vinte prontas. Pelo que o rapaz falou, vocês querem destruir prédios, não é?

Fiquei vermelho, irritado, pego em flagrante – viriam me prender, um desejo de ficar indignado (– **As bombas têm finalidade pacífica! O senhor fique sabendo!**) e a súbita queda em mim:

– É... nós...

A indiferença de Gepeto – indiferença ou, quem sabe, surdez, desligamento absoluto, estranho – me fazia suar:

– Uma por andar. Uma por andar é o suficiente. Não sobra nada. E tem uma vantagem: não explode, mas **implode**. – Um sorrisinho de triunfo, no canto da boca: – Uma vez detonadas, abalam as estruturas de concreto. Vem tudo abaixo. Questão de segundos.

Tão fácil?

– Mas é... ótimo!

O velho brincava com a bomba, jogando-a para o alto:

– Um serviço limpo.

– Cuidado com isso!

O filho da puta do Marcos ria. Estavam brincando comigo? E se fossem caixas de fósforo cheias de chumbo? O velho mudou de assunto, seco e direto:

– Novecentos cruzeiros cada bomba. – E como quem se desculpa: – Preciso de material.

– Está bem. Mas ainda não sei como funciona e...

– Ah! vocês vão precisar do detonador. – Foi à mesa, trouxe um aparelho: – O detonador é caro; levem por cinco mil, mas basta um.

– Explicou: – Aqui liga. Clic!

– Cuidado!

– E aqui desliga: clic!

– Marcos começava a prestar atenção, cenoura esmigalhada na boca:

– Vamos ver se entendemos: colocamos as caixinhas no prédio, vamos pra casa, ligamos o detonador na tomada, fazemos “clic” e o mundo vem abaixo?

– Exatamente. – Estendeu a bandeja: – Mais cenoura?

Aceitei, nervoso.

– E no momento de detonar, não explodirão também as que estiverem em estoque?

O velho sorriu, no canto da boca:

– Bem lembrado. – Pegou de volta a amostra: – Está vendo este cabinho? – Parecia uma cabeça de fósforo, só que de metal. – Quando colocarem as bombas, apertam esta ponta. Uma vez apertada, estará tudo pronto para a explosão.

Eu mastigava a cenoura com fúria:

– E onde a gente coloca as bombas?

– De preferência, pelo lado de dentro das paredes externas. Pode ser nos cantos, nos rodapés, para não chamar atenção.

Mas é fácil demais! Subitamente entusiasmado, fui tirando o talão de cheques.

– Levamos o detonador e as bombas que o senhor tiver. O senhor... aceita cheque?



– É melhor em dinheiro. Não gosto de lidar com cheques. – De repente, sorriso no canto dos lábios: – Aliás, precisamos acertar um dia de trégua, para eu comprar material sem risco de cair um prédio na cabeça.

Raul já propôs:

– Que tal quarta-feira?

– Quarta-feira. As quartas serão de paz.

Mas o homem não aceitava cheque: fiquei angustiado, não queria voltar ali de novo.

– Levem as bombas na confiança, servem de teste. Quando vierem buscar mais, pagam o que devem.

Marcos não se fez de rogado: juntou a caixa de bombas debaixo do braço. Quando estávamos saindo – a cãozarada imbecil latindo do outro lado da porta –, Gepeto impôs sua condição:

– Só não façam experiências aqui por perto.

Marcos ergue o polegar, em sinal positivo. Casas velhas, pobres, sem esgoto, sem concreto, de que serviam? – queríamos os monumentos de vidro, as alturas, as grandes conquistas do homem: isto sim, tudo abaixo. A empregada nos alcançou no portão:

– O seu Gepeto mandou entregar essas cenouras...

– Obrigado, mas não...

A mulher enfiou as cenouras na caixa, quase que Marcos derruba as bombas.

NOTA: Fui injusto com Gepeto. Na minha síntese acabei pintando um velho maluco e sinistro; ele é um pouco disso também, mas muito mais. Faltou um dado essencial: é um homem **nobre**. E há bondade nos seus olhos. Omiti algumas informações, na pressa. Por exemplo, insinuou, num momento, que sofre de uma doença incurável – não perguntei nada nem entrei em detalhes, mas faz sentido. Aliás: todos nós sofremos de doença incurável. E para que fazer sentido? Que se dane Gepeto, suas cenouras, sua doença, o diabo – quero as bombas.

**dia 29 de julho**

Uma data histórica: em volta do mapa, eu e Marcos discutíamos nosso primeiro ataque, enquanto Tânia nos servia cafezinhos. Trancadas à chave no guarda-roupa, as bombas aguardavam uso. É curioso: o medo tem cedido lugar a um entusiasmo juvenil, àquela alegria máxima de criança que pula cercas para roubar frutas. Espantoso, mas verdadeiro – somente à força de bombas consigo me sentir feliz e realizado.

Marcos até perdeu o seu ar de deboche, de cinismo, ante a grandeza da Obra. Para ele, devíamos começar pela Universidade – particularmente o setor de Ciências Exatas.

– Veja só, Raul – “Ciências Exatas”! – não merece bombas?

Descartei a ideia, não me parece um bom começo:

– Vão nos chamar de bárbaros!

– E lá vem você com seus pruridos! Bárbaros vamos ser de qualquer modo. Que se foda!

Meu último argumentou convenceu:

– Você está misturando problemas pessoais com nosso trabalho.

Marcos fez um ar contrito de “mea culpa”.

– Tem razão.

A proposta seguinte foi para o prédio da Receita Federal. Também não achei bom:

– O governo leva muito a sério esse negócio de Receita.

– E daí?

– E daí que vão cair de pau na gente logo no início. Eles virão com tanques, bazucas, força aérea. Vão chamar detetives americanos, contratar mercenários. Temos que deixar a Receita por último, quando eles já estiverem esgotados.

Marcos fumava um cigarro atrás do outro:

– Se continuar assim, não começamos!

Eu ri:

– Calma, coleguinha. Tenho uma proposta excelente para o início. Só não vai entender quem for cego – damos um cunho levemente social...

– De novo tua filosofia. O negócio é destruir, dinamitar, pôr abaixo. O resto não é da nossa conta.

– Então ouça: o prédio da Saúde Pública. São oito andares. Com oito caixinhas fazemos o serviço.

Ele se entusiasmou:

– Boa, velho!

Eu já tinha o esquema na manga:

– O prédio fica fechado amanhã à tarde e domingo. Amanhã do manhã a gente vai lá, desfila entre os tuberculosos, leprosos e subnutridos e deixa uma bomba por andar. Aquilo lá é um formigueiro, ninguém vai notar nada. E domingo à tarde acionamos o botãozinho mágico.

– Aprovado! Mas por que só domingo?

– Porque tem jogo. O povo vai estar no outro lado da cidade, pensando em gol.

– E nós fazemos o nosso, de letra! Raul, você é um Napoleão!

– E há mais um detalhe. Vem cá!

Levei-o à janela. Dali podíamos ver, ao longe, os quatro últimos andares do nosso alvo.

– Que tal? Assistimos tudo daqui!

Marcos, eufórico, agarrou Tânia pela cintura, ergueu-a, girou pela sala, esbarrou na mesinha e caiu na poltrona:

– Taninha querida, vamos mudar o mundo!

Corrigi:

– Mudar, não. Destruir!

Que saudades de Clara, a mulher que me amou sem que eu soubesse! Queria que ela estivesse comigo. Mostraria o mapa, falaria dos planos, lhe daria um abraço gostoso e um beijo na boca.

Falar em beijo: depois que Marcos se foi, Tânia veio me dizer boa noite de um modo comovido. Ficou a meio metro de mim, me olhando nos olhos.

– Boa noite.

Queria um beijo, eu senti que queria um beijo. Chegou a entreabrir os lábios – não tão feios – mas eu virei as costas, angustiado.

Hoje pela manhã Marcos apareceu:

– Começamos o serviço?

Mostrou uma maleta de executivo:

– Aqui vão as bombas.

Tânia nos serviu um café caprichado. Eu em silêncio, pensando mil coisas sem me concentrar em nenhuma. A certeza de que havia um trabalho a ser feito – e que passava a ser a própria razão da minha vida – anulava todas as pequenas angústias. Surpreendia-me o vazio da cabeça. Mais que vazio, um "oco" mental, como se o medo sugasse a memória para o mais fundo dos poços. Bom, isso. Muito bom. Pagarão a vida que me roubaram, devolverão minha terra – eu repetia em voz baixa. Marcos não parava de falar, de se agitar:

– O Raul endoidou. Falando sozinho. Taninha gostosa, me dá mais café!

Tânia obedecia.

– Raul, você está ridículo com esse terno. Ponha uma camisa esporte. Trouxe uns óculos escuros pra disfarce. E um bigode.

– Ahn?

Acabei aceitando tudo. Na rua colocaria os disfarces. Quando saímos, ouvi surpreso a voz de Tânia, maternal:

– Tenham cuidado.

– Eles que tenham – riu Marcos – que nós estamos soltos!

A gargalhada sinistra ecoou nos corredores do prédio.

## **Décimo segundo capítulo**

Em frente ao prédio da Saúde Pública desdobravam-se filas intermináveis de mendigos, avançando porta adentro em direção de espremidos guichês. Dali saíam tontos, com um cartãozinho na mão, para outras filas onde os papéis eram conferidos e carimbados. Funcionários enfadados indicavam escadas, andares, outras portas. De uma sala uma voz de enfermeiro gritava, lendo uma lista:

– Fulano de Tal!

Um homem sujo, sem dentes, trouxa nas costas, tirava a camisa ante um aparelho monstruoso. Crianças berravam em toda parte, debaixo de tapas, beliscões e desespero.

Dois homens circulavam no saguão, pouco à vontade, um tanto assustados. Um senhor de camisa esporte e um bigodão mal aparado, óculos escuros, e um jovem despenteado com uma valise preta. Conversavam em cochichos.

O jovem foi ao primeiro lance de escada, ao lado dos elevadores, tirou um objeto da valise. Enquanto o velho de bigodes assobiava, o jovem, num gesto rápido, largou qualquer coisa num buraco de parede, onde antes teria havido uma tomada de luz. Subiram as escadas. Cochichos:

– Apertou a cabinho?

– Claro.

Esbarravam numa multidão de miseráveis que se arrastava escada abaixo.

– Devíamos acionar hoje de manhã mesmo. Matar de um golpe essa pobreza. O governo ia agradecer.

– O governo que se foda.

No primeiro andar, cada um foi para um lado. Voltaram a se encontrar num canto vazio do corredor.

– Achei um lugar excelente.

– Onde?

– Entre o bebedor de água e a parede.

– Vai você agora.

O jovem abriu a valise, passou uma caixinha ao velho.

– Não era melhor duas por andar?

– Se o Gepeto falou uma, é uma e basta. O homem não mente.

No segundo andar se meteram num salão abarrotado de mendigos, onde um funcionário de branco tentava organizar uma fila. Os homens, mulheres e crianças obedeciam como bichos ensaiados, próximo da morte. Cochichos.

– Debaixo da janela. Tem uma falha no reboco.

Uma bagunça de crianças sujas se espalhava pelo terceiro andar. Corriam de um lado para outro, perseguidas por mães secas, desesperadas. Mil portas fechadas.

– Temos que entrar numa delas.

– É, no corredor não adianta.

Numa sala, um médico olhava uma radiografia enorme contra a luz da janela. Gritou:

– Os senhores não sabem ler?!

Porta fechada, tentaram outra. Não havia ninguém.

– Rápido.

Um objeto foi colocado no canto da sala, atrás de uma parafernália de aparelhos e fios. De volta ao corredor, um bêbado ansioso se aproxima:

– O senhor é médico?

Subiram as escadas sem responder. Quarto andar, gente velha se amontoava em bancos de espera. Os dois se perturbaram, foco súbito das atenções. O mais novo:

– Suba e me espere. Eu me viro.

O de bigodes obedeceu. O jovem entrou direto atrás de um balcão, perguntando pelo banheiro. Sem olhar, um funcionário apontou uma porta aos fundos: Em seguida chamou:

– Beltrana da Silva!

A mulher, grávida, aproximou-se arrastando dois filhos menores.

– A senhora tem que voltar amanhã.

– Amanhã é domingo.

– Então segunda-feira, à tarde.

No quinto andar, estranhamente vazio, o de bigode colocou uma caixinha na portinhola das chaves de luz. Esperou dois minutos pelo jovem e subiram juntos mais um lance de escadas.

ADMINISTRAÇÃO – dizia a placa do sexto pavimento. Funcionários entediados liam jornal atrás das mesas. Um deles tirou os óculos, vagaroso e modorrento.

– Os senhores desejam alguma coisa?

O mais jovem olhava em volta, de um jeito distraído.

– Não... é... estamos procurando uma moça que...

– Acabou de subir – informou o homem, pondo os óculos e voltando ao jornal.

O de bigode bebia água numa torneirinha automática, e coçava qualquer coisa no bolso. Subiram mais um lance de escadas, controlando o riso.

– Não esqueceu de apertar o cabinho?

– Não.

– Caramba, que vontade de estourar hoje mesmo! Essa putada ia ler jornal no inferno!

O sétimo ostentava uma luxuosa sala de espera com ar condicionado: DIRETOR GERAL. Atrás de uma mesinha, uma moça datilografava qualquer coisa com extremo cuidado, a ponto de não percebê-los. O jovem avançou corredor adentro, voltando logo depois.

O último andar era uma espécie de depósito de coisas velhas. De lá, decidiram voltar pela escada, mas quando estavam no sexto pavimento aproveitaram um elevador vago e foram ao térreo.

Saíram rapidamente do prédio, esbarrando em mendigos, e, ao ar livre, pareciam aliviados.

– Nervoso? – perguntou o jovem.

– Um pouco.

– Então arrume teu bigode que está descolando...

O homem põe a mão na face, agitado.

– Será que perceberam?

### **Dia 30, 6 da tarde**

Para fins de fichário:

**N.º da operação:** zero.

**Local:** prédio da Saúde Pública.

**Altura:** 8 andares.

**N.º de bombas:** 9.

**Dia e hora da colocação:** 30 de julho/8:30 às 9:30 h.

**Objetivo:** destruição total.

**Data da destruição:** 31 de julho.

**Efeito das bombas:**

**Incidentes:****Observações posteriores:**

Acho que o modelo acima serve perfeitamente aos nossos propósitos. Marcos vai achar graça, mas precisamos de um mínimo de ordem. Caso contrário, acabamos nos perdendo. Postas no papel, as coisas ganham autoridade, consubstanciam-se. Sei que é perigoso, mas temos de correr o risco. Poderia inventar um código secreto, mas não o faço por duas razões: primeiro, porque se colocarem as mãos em nós descobrirão de qualquer maneira; e segundo, porque daqui a séculos, quando isto for lido por alguém, ninguém saberá mais a chave. Fica portanto em português claro. Repito: gosto de jogar limpo, mesmo clandestino.

Estou muito tenso para escrever, tanto relatos simples como filosofias mais altas. A ação me tomou por inteiro, não deixou espaço para o resto. Confesso: às vezes um arrepio medonho me faz suar, mas felizmente os lapsos são passageiros. Escrevi o décimo segundo capítulo de manhã, quando ainda estava empolgado, contagiado pelo otimismo de Marcos. Todos devem ter percebido que o velho de que falava, de bigode, sou eu – Raul Vasquez, que isso fique bem claro – não tão velho assim. E o jovem – não tão jovem – é o cidadão que atende pelo nome de Marcos e que até agora não tem sobrenome. O capítulo me divertiu: consegui me livrar da pompa pretensiosa com que me escondi no quarto capítulo e me senti redator de uma história policial, onde, curiosamente, o bandido era eu. (Não é fácil se livrar de tudo o que metem na cabeça da gente durante a vida inteira. Mas estou conseguindo – finalmente me tomei meu próprio herói. Tenho certeza de que era assim que Clara me via. Não posso decepcioná-la mais uma vez).

Ainda sobre o capítulo: a coisa não aconteceu exatamente daquela forma. No prazer de contar, fui modificando detalhes, mas nada de fundamental. (Chego a pensar em só escrever deste modo, floreado, para tornar o diário mais atraente.)



Voltando ao dia-a-dia: Tânia fez um almoço delicioso. A desgraçada é talentosa!

Chega de escrever. Só consigo pensar no momento em que acionarmos o "clic" e aquela porra vier abaixo.

### 31 de julho, manhã

Estou nervosíssimo. Para me acalmar escrevo. Não tem assunto, mas vou espremer. Vontade de ficar fazendo risquinhos, quadrinhos. Na repartição, sempre faço, mas no fim acabo rasgando tudo – um medo que fique alguma pista inconsciente da minha vida. **Fazer palavras** é outra história, elas acabam "se contando", essas vagabundas fofoqueiras que não posso mais controlar. Vontade de falar, falar, falar. (Olha aí: passaram dez minutos. Passaram ou passaram-se? escritor de bosta! Bem, não sou escritor, sou "relator". Ou "diarista". Não, diarista é outra coisa. Já fui diarista, agora tenho apartamento próprio. É só o que tenho, minha mulher suicidou-se. E também não por muito tempo. Logo vamos bombardear esta merda.)

E amigos, tenho<sup>7</sup> – nenhum Quarenta anos e nenhum amigo! Nem Marcos: não suporto ele. Nunca falou dele mesmo para mim. Nunca contou uma história. Não sei nem o nome. "Marcos, por enquanto" Será que ele tem pai, mãe, irmãos? Eu sempre quis ter irmão. Irmã, não: são chatas. Aliás, tenho a sensação de que as mulheres não pertencem ao gênero humano. Não, não é isso. A sensação que eu tenho é que o resto da humanidade não pertence ao gênero humano. Só eu, último representante do **homo sapiens**. O homem sapiens é diferente do homem sapo. Porra, chega de dizer besteira. Como sou frágil! A coisa mais fácil do mundo é eu ficar louco.

Se a minha mãe soubesse: "Dona fulana, o seu filho vai destruir o mundo!" E aquele sorriso de orgulho. Todas as mães merecem uma grande obra, um grande gesto, algo que fique para sempre.

Acho que sei porque sou tão lúcido: porque não tenho filhos. Isto me dá quilômetros de vantagem sobre o resto da humanidade.

Nunca me alcançarão. Sabe o que me irrita? – repartir minha liberdade com um sujeito bunda feito o Marcos. Enfim, sempre fazemos concessões, o radicalismo absoluto é uma impossibilidade biológica (até que enfim uma frase inteligente...)

Falar de Tânia: da Tânia é bom de falar, ela é previsível, ou quase. Como um cadáver para dissecação, a gente fica à vontade. Mas ontem à noite ela começou a perturbar as coisas. Isto que me incomoda nas outras pessoas: obrigam a gente a se modificar. As outras pessoas são como diques rompidos, inundam o espaço em volta, atravancam movimentos, invadem sem pudor o nosso mundo. Mesmo quietas, ocupam espaço, sugerem, pensam, escravizam. A Tânia, por exemplo. Eu achava que o fato de ela ficar comigo não tinha importância, que não iria me incomodar, me modificar, principalmente me modificar. Pois é, **modifica**. Tudo tem um preço: ela faz comida, cafezinho, limpa a casa – a sua simples presença é uma espécie de alívio. Até aí, ótimo. Mas, silenciosamente, a desgraçada está entrando na minha cabeça, está envolvendo meu raciocínio, está me **modificando**, está me **exigindo**. Isto me irrita, mas também me desafia. Uma espécie de brinquedo. Eu quero e não quero brincar. Jogo o medo fora, pronto. Enfrento Tânia.

Falava de ontem à noite. Na verdade começou antes de ontem, quando ela pediu um beijo sem dizer nada. Ontem eia estava vestida com uma blusa de tecido fino, quase transparente, e com três botões abertos logo abaixo da gola (só então notei, o pescoço dela é delicadíssimo.) De modo que se eu olhasse desse ou daquele ângulo, veria a curva dos seios. E se eu me esforçasse mesmo, veria inclusive o rosado dos bicos – que aliás quase furam o tecido. Não que ela esteja se exibindo de propósito: a intenção fica no subterrâneo, no inferno, nunca no rosto tranquilo de Tânia.

Sou um homem solitário, já disse. Ela me enfrenta com golpes baixos, e o que me aporrinha mais ainda é o fato de eu não ser capaz de jogar com as mesmas regras. Preciso de energia concentrada para a Obra – não posso me dar ao luxo de relaxar, com as bombas prontas para a explosão. O sexo é primitivo demais, nivela tudo com sua força bruta. Ela se aproxima muito, sugere

muito. Poderia despachá-la de volta, que o Marcos a carregue, mas ao mesmo tempo quero que ela fique comigo. Não tem explicação.

Meio-dia: ela me chama para comer.

## **Décimo terceiro capítulo**

Marcos chegou logo depois do almoço. Ficamos tensos, calados. Na mesinha da sala, o aparelho. Tânia servindo cafezinhos, também nervosa.

- E se não explodir?
- Vai ver as caixinhas são de papelão.
- Quem sabe o Gepeto é da Polícia.
- Já estão sabendo de tudo.

Para me distrair, desdobrei o mapa.

- E o próximo ataque?
- Se houver próximo ataque...

O rosto de Marcos era pedra; e as mãos dele estraçalhavam uma almofada. Eu fiquei olhando o prédio, como se esperando a explosão, como se não dependesse de nós.

- Marcos, já pensou nas consequências?
- Que consequências?
- No que vai acontecer depois.
- Depois do quê?
- Porra, das explosões!

Ele riu:

- Calma! Não fique nervoso.

(Tânia roía unhas.)

- Não estou nervoso. Já pensou no depois?
- Depois, depois, depois o quê?! É medo isso?

Eu estava com muito medo.

- Não. É filosofia.
- Que horas são?
- Duas.
- Vamos ligar logo esta bosta.

– Não! – Ele tinha avançado para o aparelho, eu o impedi: – Vamos seguir o plano direitinho. Com ordem e método.

Ele voltou para a poltrona, eu olhava os últimos andares do nosso alvo. Difícil esquecer o medo.

– Eles vão nos pegar logo.

A fúria de Marcos:

– Nunca! Nós vamos fazer tudo até o fim! Eles jamais vão descobrir, vão correr de um lado para outro, levando pedradas na cabeça, sempre atrás da pista errada!

– Não são tão burros.

– São! Vão pensar em ladrão, em política, em caso pessoal, em tarado, em esquizofrênico, em tudo – mas nunca vão pensar em nós,

O raciocínio dele me atraiu:

– Por quê?

– Porque eles vão buscar razões imediatas para os atentados – e o fato é que não há qualquer razão. É como a chuva. como a noite, como o sol: simplesmente acontece!

– Isso é absurdo! Nós temos razões... (pensei em Clara, em...)

– **Você**, que é um imbecil, tem razões. Mas não dá pra tapar o sol com a peneira, entende? você não é maior que o fato! – levantou-se de novo, transtornado pela própria fala: – Vamos ligar!

– Não ainda!

Virou-se para Tânia, olhando nos olhos dela; súbito, deu-lhe um beijo na boca e largou-a de lado. Aquilo doeu fundo em mim; Tânia se encolheu na poltrona, olhando-me com o canto dos olhos, o mesmo ar de desculpa e socorro. Via-lhe a curva do seio, os bicos furando o tecido. Sacudi a cabeça, era a hora errada de pensar em Tânia; voltei a argumentar:

– Vai morrer muita gente.

Marcos, implacável:

– Um dado para as estatísticas. Não para nós.

– E depois?

– E que porra de depois você está querendo? Depois não vai ter mais nada! Depois é o pó!

– E nós?

– Raul, seu idiota! E que importará "nós" depois?

Para mim é inaceitável a ideia de que o mundo se acabe.

– Mas...

Ele prosseguia, numa empolgação irritada, com um quê teatral:

– Está na hora justa desta cidade – e todas as outras putas cidades do mundo – vir abaixo como foguete de São João. Ou você acha que estas pirocas vão continuar a crescer feito cogumelos, com vida própria até o fim dos tempos?

A Obra, de repente, ganhou uma dimensão que eu não suspeitava, e senti um vácuo na barriga. Eu era pequeno, ridículo, mesquinho, miserável – e confuso.

– Não sei... eu. . é tudo tão sem sentido, absurdo, alucinante. Me pergunte: que diabo é isso? Não sei.

Marcos nem me ouvia. Suspirou:

– Tânia, me traz café.

Eu estava **realmente** sofrendo. O medo – buraco no estômago – me empurrava adiante:

– Crianças, vamos matar crianças...

Marcos deu uma gargalhada.

– Essa é boa! Ah ah! As criancinhas, os velhinhos... os casaizinhos de namoradinhos... as florzinhas dos jardinzinhos... Não seja calhorda!

Com vergonha do meu vazio (eu não sentia nada, eis a tragédia, todos os meus sentimentos eram cartão postal, palavras, imagem vaga na parede branca, havia apenas ansiedade e medo, muito medo) com vergonha busquei rostos de crianças, brincadeiras, numa angústia funda, numa armadilha da memória que me jogava no poço: nada. Marcos parou de rir:

– As crianças já estão mortas há muito tempo. Todas as crianças desta terra já nascem mortas, você não percebe?

Marcos fazia teatro de novo, orgulhoso da oratória, enchia o vazio com brilho e ritmo. Quanto a mim, uma tentativa lancinante de entender tudo, de situar a vida e o fato, de relacionar causa e efeito, explicações lógicas, razões e sentidos, tudo de uma vez só, em segundos – em segundos ou nunca mais, juntar todos os cacos naquela instante urgente em que a vida se avolumava como animal

pré-histórico, vulcânica, imensa, brutal, quando se aproximava o meu único instante **chave** em quarenta anos; não uma história escrita, uma intenção de agir, mas uma explosão sem conserto. As três horas eu pertenceria à humanidade. Esperamos em silêncio.

Três horas:

– Quem liga?

Marcos deu um pulo:

– Eu!

– Não!

Ele se assustou:

– O que foi?

– Tânia faz o serviço.

Ele riu:

– Uma homenagem ao amor! Tá bem, garota, vamos lá!

Irritado, fui à janela – tudo ele aviltava, amesquinhava, apequenava. De repente ouvi uma explosão medonha que estremeceu a terra. O prédio veio abaixo, imponente, ereto, digno; segundos depois, uma nuvem sinistra de pó se ergueu e foi se espalhando devagar, enquanto um alívio estranho me acalmava. Não tirava os olhos do horizonte cinza, e só muito tempo depois que comecei a sentir a mão nos meus cabelos, o braço na cintura, o calor de Tânia, o beijo no pescoço, dedos no meu rosto, o beijo na boca. Não havia desespero, nem dor, nem angústia, apenas um tremor de coxas coladas e um carinho suave de proteção, asas, ninho, sussurro:

– ... meu amor...

Marcos gritava na cozinha, estourando um champanhe:

– Viva o fim do mundo! Somos os cavaleiros do apocalipse!

Distribuiu as taças com frenesi, derrubando champanhe, babando-se:

– À nossa exclusiva saúde!

O gelo da bebida me queimou, entonteceu. Vi duas, três Tânicas à frente, pálidas e vagas, protetoras, me segurando.

– Deite aqui.

Imediatamente sonhei que estava nu e voava na escuridão.

## 1.º de agosto

Quando acordei, já anoitecendo, Tânia perguntou se eu tinha descansado bem, se queria café. Apesar da suavidade da voz, nenhuma insinuação de coisa alguma, embora a blusa continuasse entreaberta e os bicos eriçados.

– Não.. . não quero nada... aliás, me traz café.

Ela trouxe, tentei desculpar meu sono:

– Fiquei tonto... não sei... cadê o Marcos?

– Volta amanhã. Está feliz da vida.

Me assustei:

– E o prédio? eu...

– Tudo bem. Não sobrou nada.

Devagar voltava a ser o Raul Vasquez de sempre. Esquecia o beijo de Tânia, a tontura, a fraqueza, o nervoso; a Obra mais uma vez me dominava.

– Ligue a televisão. Deve ter noticiário.

Ela obedeceu; como ainda era cedo, aceitei o conselho de comer alguma coisa. Descascando laranjas, filosofava. O terror da tarde havia passado completamente; afinal, perdera minha virgindade revolucionária e daqui para diante minhas crises e meus medos não iriam mais interferir na tarefa. Destruir a cidade passou a se justificar por si mesmo. Marcos tem razão, os argumentos e desculpas são ridículos. Para que tudo não fique monótono, ainda há Tânia, uma curiosidade a ser desvendada. Não estou louco: ela sussurrou **meu** amor. Soa como traição, mas começo a esquecer Clara. Parece que Clara simplesmente me preparou o terreno. De qualquer modo, sempre releio **A Queda da Casa de Usher**: é inspirador.

Vou longe demais, sou volúvel demais. Tânia é medíocre, não posso me esquecer.

Mas vamos ao que interessa: o noticiário. (Essa maldita mania de "capítulos" me enche de frescuras e medidas literárias. A história apenas distrai, o que interessa é o osso.)

**REPÓRTER – ...e a inexplicável queda do prédio da Saúde Pública intriga as autoridades. Para o Secretário de Segurança, a explosão indubitavelmente tem origem criminosa.**

**SECRETÁRIO DE SEGURANÇA – ... e a perícia que estamos fazendo no local – além do fato da explosão ter sido ouvida num raio de quilómetros – indica que o prédio foi dinamitado, muito provavelmente por grupos terroristas internacionais, interessados na destruição do nosso patrimônio material e dos nossos valores democráticos.**

**REPÓRTER – Algum suspeito?**

**SECRETÁRIO (encostando-se na poltrona, uma baforada longa) – Muitos. Muitos. E posso adiantar que nas próximas horas já poderemos dizer algo de concreto e solucionar o crime.**

Senti um frio na espinha. Outro canal:

**REPÓRTER – ... milagrosamente não morreu ninguém. O senhor acha que foi ato terrorista?**

**ENGENHEIRO – N... não, não acho. À primeira vista, o prédio caiu... ahn... por defeitos gravíssimos no sistema de sustentação. Concreto mal feito, com tijolo ao invés de pedra e...**

**REPÓRTER – Mas e o barulho?**

**ENGENHEIRO – Normal. Normal. A queda de um prédio de oito andares provoca naturalmente p barulho de uma explosão. Normal.**

**REPÓRTER (ao telespectador) – O prédio da Saúde Pública havia sido inaugurado há apenas três meses. O engenheiro responsável e o diretor da empresa construtora – Fundatex S.A. –**



**desapareceram de circulação. Para o deputado Fulano de Tal...**

**DEPUTADO (gesticulação furiosa) – ... a construção deste prédio foi uma barbaridade desde o começo! Não houve concorrência pública, conforme manda a lei. O senhor Beltrano de Melo, dono da empresa, é sobrinho do governador. O engenheiro responsável é primo. A verba foi astronômica. E o resultado aí está. Mas nós exigimos explicações!**

Que delícia de noticiário! Marcos tem razão: estamos lidando com retardados, com uma chusma de idiotas que não veem um palmo na frente do nariz. Mas o mais divertido foi no serviço – não falavam noutra coisa senão na queda do prédio. E com alegria:

– O próximo vai ser o nosso! – divertiam-se eles.

A ideia não é má. Talvez ainda seja cedo para minha repartição (dez andares!) mas pretendo incluí-la na lista.

– E você, Raul? o que acha?

Não achava nada – quem tinha de achar era a Polícia. Eles debatiam:

– Pra mim, é terrorismo.

– Que nada! Aqueles engenheiros são umas vacas. Caiu de podre.

– Mas e o estrondo?

– Isso é história, não ouvi nada.

Achei melhor dizer alguma coisa – parece absurdo, mas talvez o meu silêncio fosse entendido como cúmplice.

– Que teve barulho isso teve. Parecia uma bomba atômica.

– Viu? viu como fez barulho!?

Enfim, ninguém fez nada a manhã inteira. Todo mundo lendo jornal, as manchetes do dia. É claro, nada de novo: a polícia prendendo marginal e os deputados papagaiando. À tarde ninguém mais se lembrava do caso, voltamos aos carimbos, ofícios, relatórios.

Pensei em coletar recortes de jornais para o arquivo, mas desisti da ideia – são tantos, e depois, arriscado guardar essa papelada. Satisfaço-me em preencher as fichas. Acrescentei os dados:

**Efeito das bombas: total. Incidentes: nenhum.**

**Observações posteriores:** objetivo plenamente alcançado. Nenhuma suspeita.

Marcos não apareceu à noite, deve vir amanhã. Sinto-me extraordinariamente bem, pronto para o próximo ataque. Talvez em dois meses, ou até menos, a gente já possa encerrar a fase limpa e passar à fase H. A rapidez é importante, não podemos dar muito tempo a eles.

Tânia dorme no quarto. Não sei por que, deixou a porta entreaberta pela primeira vez. Mexe-se muito na cama, está agitada. Tenho vontade de entrar, de lhe beijar a boca e o resto. Mas me controlo. Não vou estragar tudo agora.

### **3 de agosto**

Marcos apareceu radiante, com uma sacola cheia de cervejas.

– Vamos festejar, Raul. A Obra merece! Viu que barbada destruir esta bosta!?

Bebemos com animação; até a Tânia pediu um copo.

– Algum plano novo, Marcos? É tua vez.

– Negócio seguinte: não podemos deixar a coisa esfriar.

– Concordo.

Ele se agitava:

– Cadê o mapa? minha ideia é desnortear mais ainda os idiotas.

Apontou no mapa a praça 19, no outro lado da cidade:

– Que tal?

– Mas só tem estátua!

– Então! O “Monumento à República”! Vamos botar abaixo aquela tropa de cavalos de pedra!

A ideia era engraçada, e tinha função:

– Destruir estátuas! Os caras vão ficar loucos tentando entender!

– Marcos, essa é boa. .!

Mais cerveja, mais risadas.

– E as bombas?

– Ainda temos que chegar. Mas é preciso pagar o Gepeto e pegar mais. Você vai lá?

Marcos concordou:

– Vou. Além disso, ganhamos cenouras.

Acertamos detalhes: a explosão será domingo à noite.

– À tarde tem muita gente; não precisamos matar ninguém, pelo menos nesta fase.

Marcos abraçou Tânia:

– E o nosso anjo da guarda, como vai?

Fiquei quieto. Marcos, dando risadas, apertava a cintura macia da Tânia. Já estava bêbado, o infeliz.

## **4 de agosto**

Não vejo a hora do próximo ataque: ninguém fala mais do prédio, o povo devora notícias.

Estou me sentindo tão bem! A angústia se esvai, sou outro Raul Vasquez, cheio de vida, alegria. No emprego já sentiram a diferença; insinuam que devo ter ganho um aumento. Ou então que vou casar:

– Te agarraram, hein Raul!? conta pra gente...

A ideia é absurda: a cidade se destruindo e eu casando. Depois, Tânia jamais pensou nisso. Aliás: nem eu. Falar em Tânia, a porta do quarto continua aberta; pelo barulho do colchão, ela não dorme bem. Hoje inventou mais uma: a blusa amarradinha na cintura, de modo que lhe vejo o umbigo, a barriguinha. Olha demais para mim, aproxima-se muito, perfuma-se. As mulheres são bichos esquisitos,

nunca entendi. E falamos tão pouco! Tentei puxar conversa depois da janta:

– Você tem família, Tânia?

Ela levou um susto: fez que não. As batidas do coração excitam-lhe os bicos dos seios, sempre furando o maldito tecido branco. Por que ela é tão quieta? Talvez de vergonha ao passado. Amanhã vou lhe falar sobre isso – o passado, todo o passado, está morto. Nós decretamos o futuro.

Quem sabe eu esteja sendo radical demais, quem sabe um relacionamento mais profundo entre nós dois não prejudique a Obra? Besteira minha: basta me sentir bem para ficar romântico, meloso feito um adolescente.

Uma coisa me incomoda: é que quando eu estiver completamente curado da minha angústia a cidade não existirá mais, seremos pó.

## **5 de agosto**

Começaram a reconstrução do prédio da Saúde Pública, no mesmo lugar: A civilização tem um saco!

## **dia 6**

Hoje ao anoitecer colocamos as bombas. Contei 27 cavalos, alguns comandantes a pé, de espada na mão, mais uns caixotões de bronze significando não sei o quê. A praça estava praticamente vazia. Foi fácil: enfiamos bombas no rabo dos cavalos, nas bocas, no bolso dos generais, nos buracos do monumento. Ninguém percebeu nada. Por via das dúvidas, estávamos convenientemente disfarçados.

O gosto pela aventura é tanto que não tenho mais paciência para filosofar. Só quero saber dos resultados. Eu me divirto, mas o diário perde conteúdo.

Falar em diário: vontade de mostrá-lo ao Marcos. Mas não: ele vai dar gargalhadas asquerosas da minha documentação. Mostrar à Tânia, nem pensar. Só Clara entenderia, mas ela está morta. O que me entristece é que a cada dia mais esqueço Clara. É traição, eu sei. Devo tudo a ela. Chego a entender meu amor (amor: ridículo!) à Tânia. Eu amo a Clara que lá no fundo se oculta em Tânia. Gostei desta frase. Vai outra: todas as mulheres são a mesma deusa disfarçada.

## **dia 7**

Marcos me encarregou de detonar as bombas. Ele fica per to da praça, quer ver o efeito **in loco**. Marcamos nove horas. Não estou nervoso, esse negócio de destruir estátuas, no fundo, é uma sacanagem infantil, desrecalque do Marcos. Enfim, piadas também fazem parte da vida.

À tarde Tânia me perguntou:

– O que você tanto escreve?

– Ahn? coisa do serviço que eu trago pra casa.

Evidente que não acreditou. Tenho de esconder melhor o diário, se ela lê se desapaixona. (Para ser sincero: estou louco que alguém me leia.) A desgraçada passou o dia de **short**, continua me atentando. Tem pernas boas, firmes, lisinhas, gostosas. Não sei onde isso vai parar. Daqui uns dias ela serve o almoço de calcinha e sutiã. Se não bastar, surge pelada do quarto. Bom, não sei o que pensar, o que fazer. É ridículo, mas gosto dela.

## **8 de agosto**

Sucesso total e absoluto. Só lamentei não ouvir a explosão, a praça fica muito longe. Quando apertei o botão – o silêncio – Tânia estranhou:

– Ué!? que houve?

Mas bastou ligar a televisão para constatarmos o efeito. Às nove e meia o apresentador anunciava:

**Interrompemos nossa programação normal para uma notícia extraordinária. Uma explosão pavorosa acaba de destruir completamente os monumentos da Praça da República. A Secretaria de Segurança, imediatamente notificada do sinistro, não tem qualquer dúvida que ele é de origem criminosa e é bem provável que se relacione com a recente destruição do prédio da Saúde Pública. O Corpo de Bombeiros já está trabalhando no local, e vários corpos de indigentes, que costumavam dormir sob as estátuas, estão sendo retirados dos destroços. Segundo rápida declaração do Comandante da Corporação Militar da Região, as duas explosões são obra de um grupo organizado de paranoicos, provavelmente orientados por terroristas de extrema-esquerda. Logo mais, no Jornal Mundial, daremos informações mais detalhadas...**

Senti um misto de euforia e choque:

– Tânia, os mendigos...

Ela ficou quieta.

– Será que o Marcos... foi atingido...? pelo que eles falaram...

Na verdade, não senti nada, nem pelos mortos, nem por Marcos

– incomoda-me esta maldita necessidade de sentir pelos outros, que não posso vencer.

– O Marcos não é bobo. Tome.

Me estendeu uma cerveja. Eu olhava para o seu umbigo, pensando nos indigentes mortos. Ela sentou-se no braço da poltrona, me alisou os cabelos. Tentava me consolar:

– Mais dia menos dia alguém iria morrer. Vocês sabem, é o preço. Quem sai na chuva se molha.

Feito criança, me aconcheguei no seu colo, pensando longe. Cochichei:

– Estou quase com medo.

– Não tenha medo.

Voltei a mim:

– Tânia, o que você sabe disso tudo? Por que está aqui?

Ela se assustou:

– Não sei coisa alguma. O plano é de vocês. Mas não tenho medo. E... também não sei porque estou aqui... não tenho para onde ir...

Eu sentia o perfume dela.

## **dia 9**

Estou preocupado, Marcos não apareceu mais. A polícia prendeu uma multidão de suspeitos e a cidade está em pé de guerra. Caminhões do exército, sirenes pra lá e pra cá. Dizem que o caso é de Segurança Nacional: os homens não param de dar entrevistas, todos os figurões do governo. Se prendem Marcos, estou literalmente fuzilado. A coisa se atropela, é muito cedo para o pânico – queria gozar mais lentamente a destruição. Tânia me consola em silêncio, já é alguma coisa. Mas parece tão assustada quanto eu.

Se Marcos não aparecer logo, a solução é eu ir embora daqui. Esta noite sonhei que os homens arrombaram a porta a pontapés e me levaram de cuecas, me dando porradas com o cabo do revólver. Na rua, uma multidão delirava à minha espera, jogando flores: "Raul! Raul! Raul!" Me puseram na parede e me metralharam. Aí – mesmo morto eu levantava a cabeça para ver – a multidão começou a empurrar os prédios com tal força que foram todos caindo, um a um. Preciso comprar um livro de interpretação de sonhos, sinto que à noite recebemos avisos profundos e

misteriosos. Interpretando como leigo, diria que este sonho é a prova de que meu trabalho frutificará.

Falar em trabalho: desconfiam de mim no emprego, percebo que me observam. Mesmo assim, multiplicam-se as piadas sobre as explosões, há uma satisfação secreta, misturada com medo, correndo por baixo. Uma explosão dessas é um alívio geral. Não percebem o bem que estou fazendo, mesmo à custa de alguns mortos.

Muito tarde para recuar: vou até o fim, mesmo que me matem. A vida pega fogo. Não tenho medo. Tenho certeza que não tenho medo.

## **dia 10**

O filho da puta do Marcos sumiu.

## **11**

O noticiário já me encheu o saco. Ou os caras estão disfarçando ou realmente não sabem de nada. Estou angustiado – e o pior é que os outros percebem, desconfiam. Só Tânia me acalma, com seu café pontual, sua gentileza silenciosa, seu umbigo de fora. Mas nem com ela consigo conversar. Devo estar terrivelmente rabugento. Para me acalmar, volto à queda da casa de Usher e à fotografia de Clara. Está gasta, ensebada – não tiro do meu bolso, um medo de que esqueça para sempre o seu rosto. Minha querida Clara, minha tábua de salvação que se foi no céu. Tânia é mesquinha. Nem com a gentileza, nem com o silêncio, nem com a mão nos meus cabelos, nem com a curva do seio e os bicos pontudos furando a blusa (que tesão meu Deus) ela chegará aos pés de Clara, que me amava, me amava tanto. Talvez eu tivesse um filho de Clara, que continuasse minha obra. (É pensar em Clara e me tranquilizo.)

De repente Tânia me viu com a foto.

– Quem é?



– Ninguém.

Guardei no bolso.

O pior é que de novo a Obra perde o rumo, foge ao controle. Este diário se amesquinha, perde verdade e fundo. Nunca mais um pensamento limpo, claro, transparente, nunca mais uma revelação. Só tortura, dor e queda – como a maldita cidade, que hei de devorar inteira.

## **dia 12**

Viva! Marcos apareceu, e com toda a corda; uma caixa de bombas na mão.

– Estive com o Gepeto.

Ele não parava de falar:

– Que tal, se divertindo muito com as notícias? Os homens estão muito putos da vida, mas continuam sem saber de nada. Vamos aproveitar o embalo. E o nosso anjo da guarda?

De novo aquele abraço safado, asqueroso, numa Tânia envergonhada.

– Raul, traz o mapa. Tenho um plano.

Aquilo não me agradava, queria repreendê-lo:

– Por que sumiu?

– Deixa de frescura, traz o mapa. Não apareci por segurança. Olha – remexeu na caixa – o Gepeto mandou cenouras.

A euforia dele acabou me dobrando, era um banho de entusiasmo:

– O velhinho é um sarro! Mandou dar parabéns pelas nossas atividades. Mas recomendou cuidado. Diz que quer viver ainda mais uns anos.

– Eu tomo cuidado.

– Vai lá, traz o mapa.

– Marcos, é muito cedo. Vamos esperar um pouco...

– Claro que não. É porrada em cima de porrada. Sem piedade! Eles vão ficar cada vez mais perdidos. Não podemos dar tempo pra eles pensarem.

Fazia sentido, e o entusiasmo já me tomava. Mapa desdobrado na mesa, ele fez o círculo vermelho bem no miolo da cidade:

– Aqui. Os 27 andares do Banco Central. Segunda-feira.

Me arrepiei, de prazer e medo.

– Marcos, o policiamento é ostensivo...

– Tudo planejado. Vamos descendo pela escada e deixando uma bomba em cada caixa de prevenção de incêndio. É barbada. Só tem guarda nas portas, na escadaria não há ninguém.

– Mas espere aí: vai explodir só um lado do prédio?

Marcos, triunfal, arrancou um papel do bolso:

– Veja!

– Que é isso?

Linhas quadriculadas, cálculos geométricos, círculos, tangências, mistérios – atrás de tudo, o esboço de um prédio caindo.

– Isso é o balé das bombas! Criação minha, modéstia à parte. Economia e eficiência: maior destruição com menor gasto. Sem falar da beleza da queda!

Eu continuava sem entender.

– Balé? você ficou louco?

– Isso é arte, velho! Arte!

Havia números no papel.

– Que aritmética é esta?

– Cálculos profundos! – Deu uma risada: – O princípio da linha torta, uma readaptação da teoria de Einstein!

Acabei achando graça, mas não quis dar o braço a torcer – brincar com coisas sérias não é o nosso trabalho.

– Explique essa palhaçada.

– Você entendeu bem: se explodimos só um lado que acontece?

– O prédio... – tentei supor alguma coisa, me sentido idiota – ... o prédio cai de lado...

– Exato! E o que acontece, se cai para o lado da rua?

Eu continuava idiota:

– Entope o trânsito...

– Ah! o trânsito já entupiu há cinquenta anos. Mais além!

– Derrubar o prédio da frente...

(Grande!)

– É isso! Toneladas de concreto, Raul de uma vez só!

Reconheço: simples e brilhante. Marcos gesticulava, babando-se:

– Pegamos a Galeria do Comércio, com seus cinco andares de picaretagem! Tânia, o champanhe!

Fiquei tonto, empolgado: dali para frente, o pânico!

– Mas... (as crianças, as putas crianças) as mortes...

Ele lutava com a rolha da garrafa:

– Bah! isso é café pequeno. Umas mortezinhas de merda. Explodiremos de madrugada. De qualquer jeito não vai sobrar ninguém, no final das contas. – A taça cheia: – Nem nós! Saúde!

### 13 de agosto

Dia de azar: ainda bem que a explosão ficou para segunda-feira. Mesmo porque o mundo inteiro aguarda outro atentado para este domingo, o terceiro da série de um grupo religioso – de acordo com um filósofo da TV – que cultua Satã. A destruição de prédios e monumentos seria uma espécie de oferenda que estes sacerdotes demoníacos oferecem ao seu deus das trevas. Vão cair do cavalo; mas na segunda, todos de guarda relaxada, o mais espetacular atentado de todos os tempos – porra, somos gênios – assombrará a multidão em pânico.

Ainda convenço o Marcos de que devemos lançar algum manifesto esclarecendo o que se passa. Um mínimo de orientação é indispensável. Ninguém mais sabe pensar, não veem um palmo na frente do nariz, não reconhecem o óbvio. Poderíamos dar uma mãozinha, praticamente não há risco.

Depois de uma semana de excesso de desconfiança, volto a ficar tranquilo. Por que suspeitariam de mim? Sabem que apenas um gênio seria capaz de articular uma obra deste porte. Mas não sabem, e nunca saberão, que este gênio se oculta num inofensivo funcionário público. Não sabem que de tanto me anularem, de tanto me massacrarem, não sabem que pelo fato de terem **roubado**

**minha vida** para todo o sempre, eu sou o adubo da renovação da História, a consciência viva do fracasso absoluto. **Renovação** é otimismo. Diria: fim. Não exagero, apenas realismo: FIM. Ou, para ser mais completa a coisa, mais perfeita na sua lógica, um deserto de pó onde havia a cidade, e o letreiro garrafal, rebuscado: THE END.

### **Domingo, dia 14**

Um fim de semana tedioso e angustiado. Marcos não apareceu mais, ficamos de nos encontrar só amanhã. Preocupo-me com ele: não sei que vida leva, onde mora, o que faz. Dois meses de convivência superficial e, no entanto, carregamos juntos nosso grande destino. Está me dando uma nostalgia sei lá do quê, de infância, de amigos, de festas de aniversário, de humanidade. Achei a palavra: nostalgia de humanidade. A solidão marca tanto que parece que pertença a outra espécie, outra raça de seres da qual sou o único exemplar.

### **Décimo quarto capítulo**

Raul Vasquez dá a impressão exata de um homem que não tem qualquer objetivo na vida. Mas este fato, longe de tranquilizá-lo – como seria de se esperar – torna-o irritadiço, inquieto, nervoso, agitado. Anda de um lado para outro no apartamento não mais como um tigre, que, mesmo preso, mantém uma dignidade de rei, de grande solitário, de deus – mas como, digamos, um cão meio assustado, meio furioso, e sem forças para latir. Pior: sem vontade de latir. Raul Vasquez, definitivamente, é um homem velho. Tem os ombros tensos, como se ali, bem atrás da nuca, caísse o peso insuportável do mundo inteiro. É isso que, de certa forma, ainda o reconforta – é este o seu consolo: tem o mundo nas costas. Pode depositá-lo suavemente no chão e se retirar em silêncio, pode sacudi-lo com raiva até onde aguentar, ou pode simplesmente

arremessá-lo contra a parede. Aliás, esta última hipótese é a que mais lhe atrai, mas a desgraça é que não consegue achar nenhum argumento que a justifique, a não ser, apenas e tão somente, o desejo de fazê-lo.

Tânia o interrompe:

– Quer café? Está pronto.

Raul contempla a jovem, uma incógnita que lentamente ameaça se tornar o elemento determinante de sua vida. A única angústia de Tânia é perceber que o homem que ela ama está sofrendo. De um lado, ele tentando a toda força voltar-se para si mesmo e fechar a concha; de outro, ela querendo puxá-lo para fora. Ou melhor: para si.

– Quero.

A mão dele treme, segurando a xícara. A mão dela atreve-se nos seus cabelos, nas costas tensas.

– Você está nervoso. Relaxe. O trabalho é só amanhã.

– Eu sei.

Ele bebe o café, joga-se na poltrona, suspira. **É ela que o perturba, é somente ela que atrapalha.**

– Raul, você já foi casado?

Surpreso, ele demora para responder.

– Já.

– Ela...

– Ela morreu.

Tânia faz um ar contrito.

– Você... você amava ela?

Ele sente um prazer secreto na conversa. O nó na garganta:

– Muito.

– Aquela fotografia que você sempre olha é...

– ... é ela. Clara.

Tânia repete, como quem imagina:

– Clara... Deixa eu ver a foto?

Ele titubeia, mas acaba entregando. Tânia mente:

– Era bonita.

De novo a foto no seu bolso. A voz de Tânia é suave:

– Vocês tiveram filhos?

Ele faz que não. Tem os olhos molhados; é o que basta para Tânia se aproximar e beijar sua testa.

– Você está triste.

Tenso, ele não responde. Não consegue fugir dos seus olhos. Sente que ela respira fundo, como ele.

– Raul, vai dar tudo certo...

– O que vai dar certo?

– Teus planos... e...

– ... e o quê?

Agora o beijo na boca:

– Eu te amo.

Ele vai dizer **você ficou louca** – mas se vê beijando os peitos de Tânia, e numa fúria crescente se vê mordendo-a, apertando-a, caindo com ela no tapete. Tânia baba de vontade, rasga-lhe a camisa, puxa a mão dele para seu corpo, para seus pelos, aperta-o contra si e geme arrastado, toda unha e lábios:

– Meu gostoso...

Depois do amor – rápido e fulminante – eles se acariciam em paz. Ela diz:

– Raul, você tem algum plano...?

– Plano? que plano? está no mapa!

– Se acalme aí, fique deitado. Plano pra depois... quando tudo acabar.

– Ahn?

– Pro futuro! plano pro futuro!

Raul arregalou os olhos, intrigado:

– Do que você está falando?

– Fique calmo.

Ela beijou-o com suavidade. Ele fechou os olhos, mas o corpo tenso:

– Não há futuro. Você não entende nada, não entendeu nada!

– Não seja bobo.

Ele endureceu a voz:

– Você não percebe que nós acabamos com o futuro? que não vai sobrar nada?

Tânia suspirou, com paciência.

– Eu sei, meu amor, meu querido, meu homem gostoso – deu um beijo, outro, mais outro – eu sei que não vai sobrar nada! Estou cansada de saber que vocês vão destruir tudo!

Raul fez um ar espantado:

– Pois é. Se você sabe... por que pergunta?

– Porque eu quero saber o que você... o que nós dois, meu anjo, o que nós dois vamos fazer depois!

Raul se ergue:

– Mas... (viu-se fuzilado, morto, soterrado. Tânia aguardava resposta.) nós morreremos todos... eu, você, o Marcos...

Foi a vez dela se espantar:

– Por quê?

– Não sei... porque é assim... acabaremos massacrados... mas...

– virou-se para ela, abraçou-a, beijou-a: – isso começa a não fazer sentido. Eu quero viver!

Ela sorriu, nervosa:

– Eu também!

– Nós dois!

– E o filho! o nosso filho...

Raul acordou:

– Você ficou louca!

Mas a Ideia o dominava: viu o filho, o herdeiro do pó. Voltou-se para ela, beijou-a, confuso, apaixonado.

– Eu te amo.

## **dia 15**

Estou profundamente irritado com o que escrevi. Puto da vida. Em primeiro lugar, porque não aconteceu absolutamente nada daquilo. Menti da primeira à última linha. Depois, porque mesmo sabendo que era mentira, continuei escrevendo, como se em transe. Terceiro, porque constatei, mais uma vez, que o diário me leva à deriva e me transforma num idiota romântico. O fato de Tânia não me sair da cabeça nesses últimos dias não é razão alguma para eu inventar histórias. Como se tivesse algum sentido,

nesta altura dos acontecimentos, inventar histórias. É covardia indesculpável de minha parte transformar Tânia num fantoche dos meus poços sem fundo. Sei o mal: É a mania dos “capítulos”, a ilusão literária. Outra dessa e vou banir os capítulos do diário, que afinal não servem para nada.

Vamos ao que interessa.

Hoje ao meio-dia colocamos as bombas no prédio do Banco. Não foi fácil: uma multidão subindo e descendo escadas. Às vezes era preciso aguardar dez, quinze minutos, até que não houvesse ninguém por perto. Então abríamos a portinhola de prevenção de incêndio e escondíamos a bomba atrás das mangueiras enroladas. Outro andar, mesma coisa. Na frente do Banco, um batalhão do exército patrulhando o centro. Idiotas!

Marcos chegou: daqui a pouco, de novo o mundo vem abaixo.

## **dia 16**

Por etapas:

### **A Explosão (1)**

- Tudo pronto?
- A hora não é boa.
- Por quê?
- Muito cedo.

Eram nove horas da noite. Não me agradava: centenas de pessoas iriam morrer inutilmente.

- Que diferença faz?
- De madrugada há menos gente na rua, nos prédios vizinhos. Já tínhamos aceitado isso! E o impacto é maior.

– Ridículo. Vamos logo com esse troço.

Desliguei a tomada:

- Não. Tudo de acordo com o plano. Às três da manhã é melhor. Marcos estava impaciente. Tomou o quinto cafezinho:



- E o que vamos fazer até as três?
- Esperar.
- Você continua com esse teu humanismo calhorda..

Suspirei:

– A gente tem que dar um máximo de chance aos outros Muita gente pode ser salva. Pode... vir para nosso lado...

Ele se espantou:

– Que lado?! Nós não temos “lado” algum! Afinal, que espécie de monstro acovardado você virou! Já disse que não somos instituição de caridade. Somos o fim do mundo! E você sabe disso!

Tânia parou um momento de roer unhas:

– Acho... acho que ele está certo... de madrugada é melhor...

Marcos levantou-se:

– O quê!? – Furioso: – Essa puta também se mete!? Essa coisa tá ficando esquisita...

Me deu uma revolta funda, a velha náusea me perseguindo.

Avancei, possesso:

– Cale a boca!

O punho erguido parou no ar. Eu iria cair de tontura; procurei a borda da poltrona, sentei, respirando fundo, o vácuo na barriga.

Marcos deu a gargalhada de sempre, olhos enormes:

– Então... acho que começo a entender...

– O quê?

Me dava de dedo:

– Está bem, três da madrugada. Agora, tem o seguinte: eu vou sair. Se esta merda não explodir, se você mijar pra trás, pode ficar certo: amanhã de manhã vai preso. Ouviu bem? eu telefono pra polícia e te entrego.

Eu não conseguia pensar em nada. Ele saiu batendo porta. Tudo aquilo era nervos, eu e ele. Não dei importância. Mesmo porque – necessário repetir sempre – nada me fará abandonar a Obra.

Aguardamos silenciosamente o momento. Ouvia cada buzina na rua, roncões de motor, sirenes, ia à janela – minha amiga – e contemplava o frágil festival de luzes coloridas. Em poucas horas outra explosão, desta vez monstruosa, faria a cidade vomitar de medo e pânico, faria os ratos saírem das tocas em desespero, e

desta vez, ah, desta vez sim, não haveria nada para se apoiarem, nenhuma defesa, nenhuma certeza, nenhuma segurança. Estariam nus, pelados e indefesos como nasceram. E finalmente a Grande Dor, a mais funda de todas, viria à tona como um vulcão invencível. Oh vidas de merda, eu vos ofereço o abismo, finalmente!

À meia-noite comecei a suar. E se houvesse defeito nas bombas, no detonador, Marcos me entregaria por nada.

## **A Explosão (2)**

O plano inicial foi atropelado, da fase limpa pulávamos para a fase H, já no terceiro trabalho. E tenho certeza que o plano continuará se atropelando inexorável, numa cadeia ininterrupta de reações: a cidade é um castelo de cartas. Pois seremos o tufão purificador. Nessa perspectiva, minha salvação começa a ganhar importância, a indicar caminhos que nem eu conheço, mas que devem existir, têm que existir! Marcos é apenas fúria: ficará para trás. Eu, Raul Vasquez, sou fúria e razão. E Tânia estará comigo.

Três horas da madrugada: na cidade em silêncio, eu e Tânia, lado a lado, ouvimos a respiração um do outro. No exato momento, todo o resto é passado. Por um segundo não há medo. A explosão se prolongou: primeiro, o prédio em si, no seu tomo melancólico sobre as próprias pernas. Depois, a queda medonha, o tremor da terra. Mais uma vez senti o dique rompendo dentro de mim, um prazer de profundezas. No instante-chave, no mundo se acabando, o beijo, a chupada de Tânia na minha língua; meteu a mão por dentro da minha roupa e gemeu:

– Você me dá tesão, velho tarado...!

Meu Deus, que arrepio na espinha!

## **O Noticiário**

Televisão:

**O terceiro atentado, desta vez de proporções alarmantes, aconteceu. Nesta madrugada, uma medonha explosão destruiu os 27 andares do Banco Central, que caíram sobre a Galeria do Comércio, na esquina da Avenida Chaves. (Filme mostra as ruínas e uma horda de homens uniformizados trabalhando.) Até o presente momento, o Corpo de Bombeiros, operando em conjunto com a Polícia Militar, já resgatou mais de setenta corpos e uma centena de feridos, a maioria em estado grave. O Exército, a Polícia Civil e a Militar já estão totalmente mobilizados na captura dos autores deste inexplicável e monstruoso atentado. As autoridades pedem calma à população e afirmam que tudo está sob rigoroso controle. Logo mais, às.**

**...o recrudescimento da violência ameaça a tranquilidade da população. Aproveitando-se do atentado, ladrões e assaltantes comuns estão agindo em vários pontos da capital, praticamente sem repressão, uma vez que as forças policiais estão totalmente envolvidas no deslinde da explosão de hoje. Até o presente momento, três supermercados, dois bancos e sete lojas já foram assaltados, com prejuízos consideráveis. Um cidadão foi assassinado à queima-roupa quando reagia, em pleno centro da cidade, à aproximação de dois marginais e...**

**...atual Secretário de Segurança, foi demitido sumariamente, assumindo o cargo o Coronel...**

No Rádio:

**decretado estado de emergência e toque de recolher para segurança da população. Amanhã todas as fábricas, lojas, bancos e repartições públicas estarão fechadas. Os supermercados abrirão somente até as dez horas da manhã. Ninguém poderá sair da cidade nas próximas quarenta e oito horas. O novo Secretário de Segurança informou também que estas medidas são transitórias e que no máximo até quinta-feira a cidade voltará ao seu normal. Repetimos: tendo em vista...**

### **dia 17**

Instaurado o pânico: prisões superlotadas, homicídios à queima-roupa, perseguições nas avenidas vazias, marginais degolados, linchamentos, sirenes, assaltos, mortos e mais mortos. Milhares de miseráveis tentam invadir o centro. A manhã foi infernal: multidões foram buscar comida nos supermercados, sob a vigilância do Exército. Tânia se arriscou, voltou com as mãos vazias e uma pedrada na cabeça. Felizmente temos alguns enlatados, dará para uma semana. Antes disso espero que tudo volte ao "normal". É claro que Marcos não apareceu; deve estar trancado, morrendo de medo... talvez não previsse as consequências. Eu já sabia – mas não as imaginava tão rápidas assim. De qualquer modo, não tenho medo algum, as coisas estão cristalinas na minha cabeça e já articulo um plano infalível, com fuga e tudo.

O que me salva é Tânia: mereceria um capítulo. Finalmente, sinto-me são, de corpo e alma. E vivemos um para o outro. Mas não vou escrever nada disso: Tânia pertence a mim, somente a mim, e não interessa a mais ninguém.

### **dia 18**

Dias maravilhosos, só eu e Tânia. Da janela assistimos o desespero. Pelos noticiários, continuam sem saber de absolutamente nada. Mas começam a entender meus avisos: não são poucas as famílias que estão tentando fugir deste inferno. Hoje de manhã metralharam uma que tentava sair da cidade: pai, mãe e quatro filhos. Não levavam nada.

E começamos a ter discípulos. Atentados à bomba em vários centros do país. Coisa de amadores, já prenderam uns dez. Para nós foi bom: respiram aliviados, certos de que descobriram uma rede de terroristas. Não queria estar no pelo deles, vão apanhar o cão, até confessarem o que não sabem.

### **ainda dia 18**

**... graças à eficiência extraordinária dos técnicos da Polícia Federal, descoberta enfim a gangue nacional que promovia os atentados, a partir das prisões efetuadas na Capital Federal. Prevê-se que nas próximas horas a perigosa quadrilha esteja totalmente desbaratada. Por razões de segurança, a população será informada oportunamente. Amanhã, a Nação respirará aliviada: vida normal para todos. Mais tarde, no noticiário das onze, cobertura completa destes dias que abalaram a cidade e o país...**

Que empulhadores!

### **dia 19, primeiros minutos**

Uma coisa tem me perturbado: estará o povo satisfeito com os atentados?

À primeira vista, não. Toda a lógica do mundo ensina que o pânico, a morte, a insegurança, o desespero, são fatores de desequilíbrio, e que nenhum homem sadio se sente bem neste caos. A televisão diz isto, as autoridades afirmam, as escolas doutrinam, as revistas esclarecem, os jornais não deixam dúvidas. O que este sistema imbecil não percebe é o terremoto que corre embaixo: as forças vulcânicas que tão bem eu represento pela Obra.

Que ninguém se iluda: estou lavando a alma da humanidade! E sob esta histeria superficial, eu vejo, eu sinto nos olhos do cidadão comum, dos funcionários, até do zelador do prédio, uma alegria secreta, uma torcida disfarçada, um desejo profundo do apocalipse. Gastem palavras à vontade! gritem, esbravejem, façam o diabo: mas o coração de todos, mesmo a contragosto, está com a Obra!

Sou um Cristo às avessas.

## Décimo quinto capítulo

### Taninha, minha vida

Bombas lá fora, paz aqui dentro. Vou falar de Tânia. Não devia: está no meu coração, como antes esteve Clara, e deveria ficar lá, secreta, cúmplice deste grande amor. Mas como ela me renasceu, como me dinamitou lentamente, e como botou rumo nesta Obra sem fim, vão lá minhas confissões, abro-me ao mundo .

Primeiro, a presença, a simples presença. Depois, a porta do quarto aberta e o ranger do colchão noite adentro. Em seguida, os bicos dos peitos atrás da blusa, as pernas lisas de fora, os olhares fundos – e mais, e mais, a boca na minha boca, me chupando a língua, a cada bomba que estourava. E finalmente – que libertação – a mão na minha carne e a voz rouca: **velho tesão...**

Como descrever? com linguagem chula, com ridículos nomes científicos, com metáforas poéticas? Enfrento um dilema. Não sei se o mundo futuro, que saberá de mim, que entenderá minha Obra,

terá os condicionamentos que tenho. Tento vencê-los. Lá fora, dinamito o mundo, é o que há de mais decente a se fazer. E aqui dentro... aqui dentro... eu amo Tânia feito um garoto virgem.

Aliás...

Mas não me perco: tudo começou na última explosão, quando ela meteu a mão por dentro das minhas calças e agarrou meu pau com todos os dedos, garra sanguessuga que subiu espinha acima e me derrubou. Minha querida Tânia, a paixão me comeu: abri tua blusa e mamei teus peitos. Depois, babei de amor na tua barriga, teu umbigo, teus pelos, mordi tuas coxas e – bem abertas – meti minha língua no teu sexo. Mais, mais que isso: tua boceta, tua xota, tua xoxota, tua alma, tua vagina, tua gruta, tua aranha. Depois – sirenes disparavam em pânico pelas ruas, gritaria desesperada – tu me chupaste de

joelhos, demoninha bem comportada, e eu te amei, gemi de amor...

Já estávamos nus para sempre. E em cima de você, babando em você, a metida até o fundo e até o fim do mundo. Acabamos explodidos e apaixonados, mordidos e macerados.

Só muito tempo depois aquele vazio foi se enchendo devagar com nós dois e eu ouvi tua voz baixinha na minha orelha:

– Tesão gostoso querido amor.

E eu disse, beijando-lhe a boca:

– Meu amor.

E desta vez – delícia – tudo é verdade. Me senti tão bem, mas tão aliviado, tão inteiro, com um carinho que desenterrei não sei de onde. Depois, muito depois, a vontade de falar, brincando com os cabelos dela, beijinhos curtos, línguas, bocas, orelhas:

– Meu anjo.. . onde você aprendeu tudo isso?

Ela deu um risinho safado:

– Não digo.

Apertei a coxa dela até doer. Eu ria:

– Diz!

– Não digo.

Mordi a cintura de Tânia, que vontade de comê-la!

– Ai! eu digo.

– Então diz.

Ela cochichou bem no meu ouvido:

– Eu era puta vagabunda piranha pistoleira.

– Vou te comer, desgraçada!

– Não!

Rolava pro lado, eu me jogava em cima. Pronto: de pau duro de novo.

– Ai meu barrigudinho me coma.

– Vem, tarada.

– Sou tua puta. Diz: pu-ta.

– Não digo.

– Você parece um menino.

Tânia de quatro, eu agarrava a bunda dela. Lá fora, metralhavam suspeitos na rua, eu gozava. Mas só depois que eu renasci. Tomamos banho: estávamos babados, suados, cansados.

De roupa limpa – amanheci – beijei Tânia na boca. Era de verdade, é de verdade.

– Eu te amo.

– Vem na janela.

Caminhões do exército disparavam no asfalto, ambulâncias, bombeiros, polícia. Com um megafone, alguém dava ordens. Então ela me abraçou:

– Você fica comigo.

– Fico.

– Pra sempre?

– Pra sempre.

– Até o fim?

– Até o fim.

– Vou te pedir uma coisa.

– Pede.

Ela ia falar, fechou a boca.

– Pede meu anjo.

Vacilou, mas disse:

– Vamos embora. Fugir. Antes que te matem.

Um frio na espinha: ela me tentava.

– Não posso.



Beijou minha boca.

– Por quê?

– Não posso largar a Obra.

– A Obra que se foda!

Ficou assustada, com medo do que disse. Me apertou:

– Desculpe. Eu sei que é a tua vida.

– É. Sem meu trabalho não sou nada.

– Eu cuido de você. Até morrer. – Insistiu de novo: – Vamos embora!

Firmei o pé:

– Não.

Mas a ideia começava a se alastrar.

## **manhã do dia 20**

Marcos apareceu ontem com uma garrafa de conhaque. Magro, seco, pálido e sem qualquer entusiasmo visível. Olheiras fundas.

– Andei puxando uns fumos pra aguentar a barra.

– Maconha?

– É. Nunca te falei, sei que você é careta. Mas às vezes é preciso voar um pouco.

Fiquei quieto. Sempre desconfiei que atrás do seu entusiasmo e agitação se escondia um guri covarde. Ficou alguns minutos calado. Tentou a ironia:

– O chefe não vai dar bronca? não vai falar nada?

Nunca gostei de maconha. Também nunca experimentei; na verdade, tenho preconceito. É desleal, coisa de moleque, irresponsável. Cigarro, bebida, vá lá: tolera-se, fazem parte do comum, do aceito, do dia a dia, do que está aí. Maconha, cocaína, picos, essas coisas de cantor americano, me assustam. Com a cabeça não se brinca.

– Você sabe o que faz. Eu só acho... não. Não acho nada.

Qualquer coisa de substancial havia mudado em nós. De um lado, o choque da última explosão foi imprevisto, violento demais.

De outro, Tânia. O fato é que me sinto extraordinariamente seguro, e ele percebeu:

– Vocês... vocês estão esquisitos. – Uma desconfiança cínica: – Anda mudando de ideia?

Olhava para mim, para Tânia. Vi o medo nascendo nos olhos dele.

– Não, claro que não. E já tenho planos.

Com orgulho, senti que voltava a dar as cartas.

– Então por que esse ar de velório?

Tânia sorriu. Eu resolvi confessar. Parece idiota, mas certas coisas precisam de cerimônia, de solenidade.

– Bem, Marcos... eu acho que devo contar que...

Ele se animou, o sorriso irônico se esboçando no rosto seco:

– Continue... aí vem coisa...

Mantive a dignidade:

– Chame como quiser... mas para nós... para mim e para Tânia, é importante.

Tânia me abraçou, comovida. Mesmo as coisas mais simples podem ter seu toque de grandeza. Fiquei com um nó na garganta, lutava contra a vergonha. Marcos deu uma gargalhada:

– Já sei! vocês se casaram?!

A risada não nos perturbou.

– É isso mesmo.

Levantou-se, de novo o mesmo Marcos de sempre:

– Velhão, parabéns! Quero ser o padrinho! Posso beijar a noiva?

Verdade: havia mais respeito que ironia. Forçou um ar solene, com alguma dificuldade, sentindo-se na obrigação de dizer algo importante:

– Bem... tudo de bom pra vocês... eu sei que não vão ter muito tempo, o fim do mundo está na porta, mas... como diz o poeta, que se amem enquanto podem...

Desatou a rir o seu riso medonho, fazia a festa sozinho:

– Vamos beber! **Dona** Tânia, traz os copos!

O conhaque nos queimou, logo estávamos animados, de vento em popa. Marcos repetia, olhos arregalados:

– Hein, Raul! Que obra, a nossa, hein? estão completamente perdidos e não sabem de nada.

Logo éramos três bêbados felizes. Ele ainda queria falar dos planos, enrolando a língua, mas acabamos deixando tudo para o fim da semana. Depois que Marcos se foi, eu e Tânia amamo-nos loucamente no chão da sala.

## **madrugada do dia 21**

Parece incrível, mas esta merda de cidade começa realmente a voltar ao seu normal. Pelo menos o futebol já ocupa o noticiário tanto quanto a quadrilha de terroristas. Hoje vi um deles na televisão: um garoto idiota de 21 anos que tentou dinamitar um prédio. Levou tanta porrada – não tiveram vergonha sequer de mostrar ao público seu rosto inchado (contam com a conivência dos telespectadores) – que confessou “tudo”. Me impressionou na criança seu ar messiânico: mistura libertação social com proletariado e avisos divinos. E se presta perfeitamente para servir de saco de pancadas desta putada toda. Em suma: o noticiário está me dando asco, começo a me recusar a ler jornais ou ver televisão.

## **Décimo sexto capítulo**

Passamos a tarde toda fazendo um levantamento da Obra, e por mais que procurássemos não achamos falhas. Sempre temi que a megalomania nos ocultasse os fatos, mas a verdade é que não falhamos. Apesar de todos os meus medos e desconfianças – frutos de meu estado de nervos e da solidão – absolutamente ninguém desconfia. Raul, Marcos e Tânia não existem para eles. Ótimo. Continuamos à vontade.

Tranquilos neste ponto, passamos adiante. Marcos tirou do bolso um amontoado de recortes. Febril:

– Temos opções demais! Pro futuro, somos obrigados a estabelecer prioridades. Por exemplo, a Assembleia. Leia isto!

Ele havia sublinhado as declarações de alguns deputados.  
– Este é da situação – esclareceu.

**Neste momento grave da nossa história, em que o país caminha para a realização plena de seus projetos específicos rumo ao desenvolvimento político e económico, começamos, desgraçadamente, a perceber até que ponto nos levou a incosequência, a rebeldia irresponsável, a provocação gratuita daqueles ambiciosos que, usando a tribuna por votos equivocados de uma população ingénuo e bem intencionada, lançam mão da mentira, do subterfúgio, dos sofismas fáceis, das elucubrações vazias, para incensar o caos, para alimentar a revolta, para estimular a subversão e incendiar o país. O resultado está aí: mortos anónimos sob as pedras da loucura! Contasse o país com uma oposição sadia, não...**

Marcos deu uma risada:

– Esses filhos da puta precisam de um dinamite no rabo!

Ele se incomoda com picuinhas: besteira.

– Mas o que você esperava da situação?

Furioso:

– É tudo a mesma merda! Leia esse!

**... o país exige respostas claras! O povo, na sua infinita sabedoria, sabe separar o joio do trigo, sabe distinguir atos monstruosos de provocação ainda não devidamente esclarecidos pelos homens que detêm o poder, daquelas vozes legítimas que se elevam neste mar de corrupção e mediocridade para exigir seus direitos. Esta escória da humanidade, este lixo**

**explosivo que nos tira o sono, está impune, porque mancomunado com aqueles que saberão tirar proveito da insegurança nacional, os sacerdotes da crise. Por que nada faz o governo? onde estão os homens responsáveis pela nossa segurança? onde estão as verbas astronómicas, tiradas, grão a grão, do bolso dos humildes? Mas ninguém...**

Ele me atropelava:

– Não é cômico? Esta corja de corruptos vai à tribuna para nos chamar de “escória da humanidade”! Somos a nata!

Eu não sabia onde ele queria chegar.

– E o que você esperava? que nos elogiassem pela Obra que nunca vão entender?

Marcos resmungou.

– E não é só. A outra prioridade é o ensino. Veja isso. Agora era uma pesquisa de opinião levantada na Universidade. Um sociólogo:

**... atentados deste tipo revelam, na sua estrutura contraditória e insana, fruto provável de jovens deformados pelas pressões sociais...**

Gostei do “jovens”.

**... o altíssimo grau de crise de autoridade em que vivemos. Ou a sociedade aciona seus mecanismos de recomposição do tecido social, minado pelo câncer anárquico – e neste ponto de vista, ideologias à parte, há apenas um inimigo, o inconformado de qualquer matiz – ou será rapidamente destruída nos fundamentos mesmos do pacto comunitário. Neste caso – por favor, não distorçam o que digo – apenas neste**

## **caso limite, justifica-se o julgamento sumário e a pena de morte que...**

Marcos deu um murro na mesa:

– Não são uns porcos?

Eu achei graça.

– Mais uma vez Marcos, você esperava o quê?

– Leia mais esse.

Um teólogo:

**... não são homens, são demônios. Para o Mal absoluto, a Justiça absoluta. A cidade é um templo de Deus e...**

Devolvi o recorte.

– Pô, Marcos! não me encha o saco. E daí?

– E daí que as próximas explosões são essas: A Assembleia, a Universidade e a Catedral.

Ele se babava de satisfação:

– De uma vez só, Raul! Que limpeza! A lei, a cultura e a fé!

Tânia nos serviu café; dei um gole demorado, refletindo. Eu via a coisa mais longe. Ele ansioso:

– Que tal?

De repente, uma pontada na cabeça, a tontura: era um absurdo tão incomensurável tudo aquilo...

– O que você tem?

– Nada.

A maldita fraqueza: não física, mas de alma, ou essência. Por que esse desespero, esse mergulho cego na morte, esta incapacidade de controlar o próprio destino... reagi com violência contra mim mesmo, minha ânsia de salvação, meus sonhos de Homem, contra minha própria natureza, que mesmo monstruosamente deformada, insiste em vir à tona, em respirar, em sair do seu poço em direção à vida que nunca teve. Mais uma vez, tudo perdia sentido – e o sentido das coisas, da Obra, da vida, é um

fio roto que eu insisto em amarrar em parte alguma. A lucidez venenosa não me salvou desta vez: contra mim mesmo, me vi sacudindo Marcos com fúria, a gritar:

– Eu não suporto mais este desespero de toda semana!

– O quê?

Avançou para mim:

– Seu grande filho da puta! – agarrou-me pelo pescoço: – Calhorda! Covarde!

Tânia tentava nos separar:

– Não gritem!

Ele estava possesso:

– Seu velho irresponsável!

– ... ãhn?

Deu um soco na boca, eu caí sem pensar em nada, ouvindo os urros:

– Você matou cento e cinquenta pessoas por tédio! e agora, refestelado com a sua puta, mudou de ideia e pretende fundar uma associação de filantropia?!

Era isto, a dor terrível na boca, o sangue, outro murro – a compreensão do mais simples: não há retorno. Só então pude sentir a grandeza insana de Marcos, o seu ódio monolítico:

– É pedra sobre pedra, meu velho! Ou te mato duma vez!

Baluciei:

– A cidade está podre... não precisa mais de mim. de nós... vai cair sozinha...

– Não me interessa nada disso! A cidade vai pro chão porque **nós** vamos destruí-la! E vamos cumprir nossa parte até o fim!

– Marcos, eu...

As ideias se atropelavam, ansiavam na minha cabeça, sem deixar espaço para a raiva do soco, da fala:

– Repito: vou até o fim!

Tânia tratava minha boca ferida, limpava o sangue. Marcos andava de um lado para outro, bufando. Tomou mais um café, acendeu um cigarro, sentou-se:

– E então?

**Não há retomo possível.** Devagar a tontura ia passando. Eu voltava a articular meus pensamentos, na difícil tarefa de conciliar a tragédia absoluta com a salvação pessoal.

– Você não me entendeu quando...

– Eu entendi perfeitamente. Você não quer mais saber da Obra. Está... "enjoado"! Era só o que faltava.

– ... quando eu disse que não suportava mais este desespero em gotas.

(Isto não é covardia!)

– É preciso ir até o fim, ou nada tem sentido. E eu vou até o fim! não depende de ninguém, é o mundo que exige bombas!

– Não falei em desistir, sua mula teimosa, mas em fazer tudo de uma vez, e não em doses diárias. A Obra não é câmara de tortura!

– É! ou...

Finalmente o idiota parou para me ouvir.

– O que você quer dizer?

Gritei:

– Tudo de uma vez! Tudo!

Ah, a grandeza da Obra se revelava num lance!

– Como assim?

– Encher esta cidade de bombas e explodir num momento! Aí estamos livres dela, das bombas, da espera, do desespero! Aí estaremos do lado de fora, livres e limpos!

Ele caiu em si, avançou para mim, braços estendidos:

– Velhão... que ideia de gênio! Grande!

Me ergueu da poltrona, um abraço de tamanduá, girou comigo pela sala, beijou minha lesta. Estava com os olhos molhados, comovidos:

– E eu bati em você... sou doido... desculpe, Raul... não somos nada um sem o outro...

E a gargalhada de sempre:

– Tudo de uma vez! é claro!

**dia 22**



Hoje não vou trabalhar. Estou revoltado, sinto náuseas: a marca do soco no rosto. Até agora não entendi exatamente o que aconteceu. Não admito que tenha passado pela minha cabeça a ideia de desistir: e no entanto passou. Pelo menos está escrito – logo depois de Marcos sair, feliz da vida, relatei os fatos. Releio-os agora, com estranheza – não parece coisa minha. Pelo menos não me recordo exatamente. O fato é que o soco está no meu rosto e isto é inaceitável. Marcos é um imbecil, um grosseirão, um primitivo, um histérico. Poderia matá-lo, se quisesse – mas chega! esqueço, enterro Marcos e o incidente. Quero acabar tudo de uma vez, cumprir minha função sagrada e fim! vou com Tânia para longe, sei lá para onde, vou amá-la em algum canto sossegado, de mãos e alma limpas, puro, vingado, renascido. Esta imagem vaga de um futuro agradável tem me perseguido – uma espécie de sonho juvenil, pasteurizado mas gostoso. Que merda! divago, divago e nada do que interessa.

O que interessa virá logo: a hecatombe final, a fase H. Não sei porque não me ocorreu antes a ideia das explosões simultâneas: talvez pela prática prolongada de pensar só miudezas. A destruição lenta, gradual e agônica é angustiante, para eles e para nós. Já estão todos avisados: já sabem do perigo. Pois que o inferno se acabe de uma vez. Além do mais, a explosão simultânea acabará definitivamente com a possibilidade de sermos descobertos antes do tempo – depois do fim, ninguém mais se incomodará com os responsáveis. É a visão desta liberdade – não sei porque eu achava tão certa a morte, talvez porque não amasse ninguém – desta liberdade final, estes rumos imprevisíveis pela frente, este deserto futuro onde seremos plenos, absolutos, donos do mundo, é esta visão que me empolga, me queima! A eventual tragédia faz parte – sem ela, a vida não é nada. Os que sobrarem – não serão tão poucos assim – ainda me erguerão estátuas em agradecimento.

Basta de filosofia. Enquanto a liberdade não vem (é esquisito: a palavra **liberdade**, pela primeira vez na minha vida, começa a fazer um pálido sentido) é preciso juntar dinheiro para pagar o Gepeto, as centenas de bombas que Marcos vai encomendar. Só

uma solução: o banco. Vou pedir alto, pois não pretendo pagar nunca (e nem pensarão em receber, é claro).

Antes tenho que ficar bom do rosto. Tânia me trata com carinho redobrado. Cochicha-me:

– Até quando vai isso?

– Logo logo acaba.

E nos beijamos furiosamente.

## **dia 23**

Fui para a repartição. Todo mundo curioso para saber o que houve no meu rosto, mas fui tão seco que não se atreveram a perguntar. As fofocas correram logo – ótimo. À tardinha fiquei sabendo: briga por causa de uma mulher num baile do clube Operário. Eles riem. O céu vai cair na cabeça deles e eles riem da minha cara. Já botei um **xis** no prédio onde trabalho: não vai escapar. Aliás, o mapa inteiro está vermelho: não vai escapar nada. Vamos levar algumas semanas para fazer o serviço completo.

## **24**

Uma súbita depressão hoje, sei lá por quê. A Tânia é realmente esperta: não se aproximou de mim.

## **Décimo sétimo capítulo** **O Gerente e o Terrorista**

Raul Vasquez colocou seu melhor terno, sua mais vistosa gravata, seu mais lustroso par de sapatos – e foi ao banco. Sentia um certo orgulho por estar dos dois lados, por se sentir bem nos dois lados: funcionário exemplar, terrorista da maior periculosidade. Sozinho, poderia ser causa de novas e requintadas penas de morte, de mudanças na Constituição, de Reformas sem fim. (Ele, Raul; o outro, adolescente irresponsável, acabaria se livrando, com um bom

advogado). **A amante de Raul** (a fantasia dele era ler jornais imaginários) **declarou à imprensa que a paixão era tamanha, o amor em tão alto grau, que se arriscou a tudo – poderiam matá-la, agora. Com Raul condenado à morte, sua vida não tinha mais sentido.**

Raul sacudiu a cabeça, irritado: os jornais incomodavam-no, havia algo de mórbido naquelas manchetes febris que ele vivia imaginando. Mas concordava com a última: Tânia e ele faziam sentido, mutuamente se explicavam. Primeiro Clara; depois Tânia. Clara fora o aviso, Tânia a redenção.

Enquanto matutava, esperava o gerente atendê-lo – era o terceiro da fila. O gerente sorria para todos, pedindo paciência – telefone na orelha, um gole de café, uma tragada do cigarro, sete assinaturas seguidas, duas gavetas abertas e fechadas e sorrisos ao cliente da vez, que com a bunda na beira da poltrona, diante da mesa, humilde, estraçalhava um clips entre os dedos.

Raul olhava em volta, desligado da agitação do banco – procurava bons locais para as bombas. Nesta inspeção silenciosa, voltou a se orgulhar de sua condição privilegiada. Era capaz de usufruir de todos os confortos e prazeres da civilização, sem nenhuma de suas desvantagens – fome, tortura, hospício, perseguições, sequer uma ficha na polícia – e, ao mesmo tempo, de destruí-la metro a metro, tijolo a tijolo, sistematicamente e **sem remorsos**. Mais do que isto: sem ficar louco. Melhor que tudo, justo o contrário: do indivíduo estranho, com traços esquizofrênicos, com tendência a depressões profundas, misógino, recalçado, desagradável, bilioso, neuroticamente desconfiado, que era – passou a ser, depois do processo de destruição do mesmo mundo que lhe garantia a sobrevivência cômoda, um homem realizado, integrado com o meio, alegre, afetivamente tranquilo, tolerante consigo e com os outros – enfim, um homem saudável.

O gerente despachou o cliente destruidor de clips; a mão enorme esmigalhava a mão do homenzinho enquanto a boca sorria imensa:

– Nada feito, mas no mês que vem...

Em seguida uma velha, que em altos brados queria saber de suas letras de câmbio. Falava olhando em volta, cônica de sua importância, da quantidade do seu dinheiro – e frisando bem, sem o dizer, que a melhor política para o gerente era tratá-la com a mais alta consideração, caso contrário...

– ...a senhora, por favor, não se preocupe... que... um cafezinho, por favor.. . alô!? deixa eu assinar isto aí. Agora não posso. Estou atendendo dona Fulana de Tal. Os dentes arreganhados:

– ... mas, como dizia, as letras estão rendendo excepcionalmente e...

– Porque senão eu compro apartamento! É muito mais seguro!

O sorriso do gerente se insinuava nas certezas da velha:

– Talvez não... – cochicha um segredo de estado: – ... a senhora sabe... depois destes atentados, os preços caíram da noite pro dia. Ninguém mais quer saber de comprar apartamentos. E nem casas!

A velha acendia os olhos.

– Então os preços estão baixíssimos? Mas é a época exata do investimento!

Uma careta rasgou o rosto do gerente enquanto ele se apalpava atrás do cigarro até descobri-lo à sua frente.

– É... não... porque... a senhora veja bem, – Alô! um instante! – apertou um botão do telefone – a senhora veja bem: apartamento não tem liquidez. E nesta época de crise, de economia de guerra, liquidez é tudo! Investimento sem liquidez é como dar um tiro na cabeça! – Refugiou-se na liquidez, repetiu-a cinco vezes, desarmando a velha, que por fim se levantou.

– Eu confio no senhor.

O tom de voz era a própria desconfiança; o gerente despediu-se com o sorriso medonho, satisfeito:

– A senhora pode ficar tranquila!

Finalmente, a vez de Raul Vasquez. O gerente esfregava as mãos no rosto, aliviado pela saída da velha. Tomou um gole de café, deu uma tragada funda e armou o corpo e o sorriso para atender o próximo:

– Pois não?

– Meu nome é Raul Vasquez, sou cliente do banco há mais de quinze anos e estou precisando de um empréstimo.

Raul se impressionou com a própria segurança e determinação. Em poucos minutos, um gerente satisfeito manuseava o seu cadastro. Discutiam a quantia. Raul jogou alto: o gerente, desculpando-se, cortou a metade:

– Não depende de mim, o computador recusa... pelo cadastro...

Raul subiu três quartos, o gerente desceu mais um pouco; aparadas as arestas, se acertaram. Enquanto os funcionários preparavam a papelada, o gerente fazia propostas:

– Que tal umas ações do banco, seu Raul? Estão em baixa, preço bom...

Raul se divertiu:

– Ah, não! numa dessa o banco quebra, perco meu dinheiro...

O gerente deu uma risada gostosa:

– O banco quebrar!? Ah ah, essa é boa, seu Raul... – De novo sério: – E seguro de vida? não lhe interessa? Temos apólices excelentes...

– Não tenho herdeiros.

– Mas contra acidentes, é sempre uma...

– Dá azar! – encerrou Raul.

O gerente contra-atacava:

– E a caderneta de poupança programada? Se o senhor tivesse feito há mais tempo, não precisava pagar esses juros agora. É muito melhor que investir em imóveis. Tem liquidez. Dinheiro na mão é tudo.

O gerente continuou falando, fumando e fazendo caretas para um Raul Vasquez indiferente, a imaginar o bombardeio daquele prédio, com mesas, balcões, máquinas, telefones e computadores. Não bastava cair apenas: era preciso explodir, ir aos ares, espirrar em cacos, para que o alívio fosse completo. E de repente, ao ver o rosto torcido do gerente, onde cada músculo conspirava contra o outro, onde o riso era um esgar de sofrimento e angústia e cada movimento de braço dava choques no corpo – Raul Vasquez se comoveu. E mais se comoveu; ao final, depois de assinar a

papelada e conversar amenidades, o gerente inclinou-se para frente e confessou:

– Sabe de uma coisa, seu Raul? o meu trabalho é tão desgraçado – baixou a voz: – pra falar de uma vez, é tão filho da puta, que estou pedindo peio amor de Deus pros comunistas bombardearem esse banco...!

Despediram-se entre gargalhadas.

## **dia 27**

Estou ansioso para começar e terminar e fase H de uma vez. Evidente que não posso me livrar disso tudo, sem mais nem menos. Esclareço que não é medo de Marcos, ou do que quer que seja. Não tenho medo. Mas assumi um compromisso com a humanidade e este compromisso é superior até mesmo ao meu amor por Tânia. Que aliás não é pouco. Estamos cada vez mais próximos um do outro, e cada vez mais é difícil a espera. Ela me apressa, me envolve, me comove; fala do futuro, da vida gostosa, do cheiro de mato, de coisas que nem me lembro – e fala de filhos. Tenho só um medo: o de perder a lucidez.

Enquanto isso, aguardo Marcos – estou com o dinheiro na gaveta, para as últimas bombas. Que vontade de me livrar deste inferno!

## **dia 29**

Não tenho mais paciência de ficar escrevendo este diário, mas preciso. Senão, o futuro perderá justamente o instante mais feliz da minha vida, quando a Obra atingiu plenamente o objetivo de libertar o homem.

Marcos apareceu. Amanhã vamos ao Gepeto novamente. Marcos parece louco. Está completamente alucinado pela destruição final. Fico imaginando o que fará depois; morrerá com a cidade, não tem reservas dentro de si, como eu tenho. É esta piedade que me

faz perdô-lo – ele não tem estofo para sobreviver à cidade; daí esta sua ânsia do fim, do absoluto, da morte. Não foi capaz de descobrir a mulher, como eu fui. Há duas coisas que libertam o homem: as bombas e as mulheres. Mas uma sem a outra é nada.

### 30

Estou gostando de novo deste diário: volto a filosofar. Em compensação, perco a fúria. Talvez Tânia me estrague: é um velho temor que ressurge. Clara não me ameaçava, não me tocava – era tão somente inspiração. Tânia me come, me devora. E esta obrigação (ainda bem que Marcos nunca vai ler isto aqui) esta obrigação de destruir a cidade começa a me encher o saco. Preciso logo explodir qualquer coisa pra voltar o velho tesão, o prazer do fim.

Fomos ao Gepeto hoje, já trouxemos uma caixa de bombas. Amanhã o Marcos volta para pegar mais, vamos fazer um estoque definitivo. Voltei a sentir a “emoção trágica” – uma coisa que ultimamente tem me atacado. Não consigo definir exatamente o que seja, mas tem qualquer ligação com o fato de as coisas não voltarem atrás. Tudo acontece de uma única forma, e quando percebemos, já é tarde demais.

Gepeto me impressiona. É um velho extremamente sadio – pelo menos só come verduras – mas tem uma bomba detonada na cabeça. Não sei como aquela paz, aquela calma vegetariana, pode esconder um fabricante de bombas. Fabricante é injustiça: um legítimo inventor. Poderia estar no lado de lá, ganhando dinheiro. Mas está do nosso – ou de nenhum, pelo menos. Não tem sequer curiosidade de saber o que estamos fazendo. Não pergunta nada. Mas sei, sinto que gosta de nós – e lá no fundo faz das bombas sua missão.

– A única coisa que se pode semear neste mundo são as bombas. Elas frutificarão.

O velhinho me comove: é bíblico. Ultimamente tudo me comove, a humanidade inteira me comove – culpa de Tânia, que

me parte em pedaços, que me aponta caminhos. Apesar da dor, estou inteiro.

## **1.º de setembro**

Uma quinta-feira: começamos o fim.

**N.º da operação: 4**

**Bombas – 9**

**Local** – Catedral Metropolitana

**Dia e hora: 1/9 – 16:00/16:30**

**Objetivo:** destruição total

Como a explosão ainda vai levar algumas semanas, é fundamental que as bombas estejam perfeitamente ocultas. Se alguém descobri-las antes do tempo, uma devassa relâmpago da polícia e do exército nos anularia.

Cada santo ganhou uma bomba – inclusive Jesus, a grande vítima, na cruz maior. Na verdade, fui contra a ideia de Marcos: os padres vão adorar, serão mártires. Que sejam – não sobrarão mesmo tempo para nada. Faremos um bem, devolvendo ao cristianismo sua força explosiva. Haverá rebanhos enormes no futuro, mas padre algum saberá dizer uma só palavra que aponte caminhos.

## **2 de setembro**

Pesquisamos a Assembleia logo depois do almoço e já descobrimos bons locais para as bombas. É preciso cuidado, aquilo está sempre cheio, o palavrório atrai multidões. Estou feliz, a Obra volta a me empolgar.



**N.º da operação – 5**

**Local** – Universidade Federal (campus)

**Bombas** – 43

**Dia e hora** – 4/9 – 11:00/16:00

**Objetivo** – destruição total.

Um exagero: 43 bombas! Receio que faltem bombas, mas o Marcos fez questão. Inclusive a alegria dele era tanta que acabamos chamando a atenção – um perigo. Todos os departamentos – ciências humanas, exatas, biológicas – foram escrupulosamente minados (inclusive a imponente e empoeirada biblioteca geral) de modo que não vai sobrar nenhuma sala de aula. Já estou vendo utilidade para as lascas de mesas, escrivaninhas e quadros-negros: lenha para fazer fogo. O inverno vai longe.

Faltei ao trabalho hoje.

**dia 5**

Discuti violentamente com o Marcos: poderíamos aproveitar os festejos da independência para um alerta geral à população – um manifesto de destruição total que, finalmente, esclarecesse todas as dúvidas do homem. Quase trocamos socos: ele diz que não poderia haver estupidez maior. Em vez disso – diz ele – devemos aproveitar as festas para minar um ou dois quartéis, que estarão praticamente vazios. Quanto a mim, isto é meter a cabeça na guilhotina. Ele afirma que se encarrega de tudo.

Continuei na dúvida, mas Tânia me acalmou: para ela, a ideia do manifesto é perigosa e inútil. Na verdade, quanto menos eu me mova, mais feliz fica Tânia.

Decidido: os quartéis para o Marcos.

**6 de setembro**

**N.º da operação – 6**

**Local** – Assembleia Legislativa

**Bombas** – 6

**Dia e hora** – 6/9 – 13:00/13:30

**Objetivo** – destruição total

### **dia 7**

Dei boas gargalhadas ouvindo discursos dos deputados, das eminências, do governador, dos generais, da puta que os pariu. Tânia diz que eu devo parar de tomar café – segundo ela estou nervoso, agitado demais, dormindo mal.

– Não gosto de você assim.

É mentira: me adora.

– Está emagrecendo, de olheiras fundas.

Isso é verdade. Não vejo a hora de acabar tudo, de ir embora com Tânia. Estranho: apesar dos planos, não consigo vislumbrar absolutamente nada no futuro.

### **dia 8**

Confirmado: Marcos minou dois quartéis. Como, não sei; ele faz mistério. Já pedi dados para as fichas, ele dá risadas.

– Esse teu fichário é ridículo.

De qualquer modo, garante que não vai sobrar nada.

– Escreva lá: destruição total!

– Quantas bombas?

– Vinte e duas bombinhas do professor Gepeto.

No serviço, estão estranhando minha magreza e meu relaxamento. Todo dia chego tarde e saio antes. Não aguento mais. Tomara que o chefe não me convoque para a sala dele, eu sei que vou estourar, perco a paciência – e tenho contas a acertar com aquele imbecil. Calma, Raul Vasquez, calma: são os últimos dias.

### **dia 10**

Mais dois prédios do governo minados. O fichário se atrasa, não vence o nosso trabalho. Talvez Marcos tenha razão, não vai sobrar nada, pra que fichário? É uma pena, nossa organização deveria servir de exemplo.

Hoje Tânia me segurou em casa, exige meu descanso:

– Você não é mais sozinho.

Não consigo repousar. Velhos fantasmas: cada vez que a campanha toca, imagino um batalhão porta adentro e cinco mil tiros no peito.

– Vamos ser mortos, Tânia...

– Feche os olhos. Durma.

A fotografia de Clara virou farelo e suor. Tânia tem razão: preciso dormir, dormir.

## **dia 11**

Atentados no resto do país. Sempre amadores, gente sem método nem objetivo, embora cheios de filosofia. Os homens se deliciam, apresentando ao público garotos imberbes com a cara torta. Mais um – dizem – e dos últimos.

Aqui no estado – afirmam as autoridades – uma ilha de paz e tranquilidade. Menos, eu, que não aguento mais.

## **15**

Um trabalho febril; Marcos arranhou mais uma centena de bombas, e, um esqueleto de tanta magreza, vai enfiando-as em toda parte. Centrais de comunicação, de abastecimento de água, bancos, supermercados, depósitos de combustível, torres de luz, o desgraçado não para. Meu fichário decididamente ficou caduco.

Estou com medo, muito medo. Marcos se arrisca; por precaução, o detonador está na tomada. Se me prendem, num segundo Tânia providencia o fim. Mas terá ela coragem? terei eu?

Por mim estaria tudo resolvido. Aperto o botão e vou com Tânia, para qualquer lugar. Marcos pede paciência, diz que devo descansar, ele se encarrega do resto.

Hoje, mais uma vez, não fui trabalhar. Um sono crônico, mortal, me derruba em toda parte.

Recebi um folheto do banco, aconselhando-me aplicações em letras de câmbio. Um tipo especial, com liquidez, que pode ser resgatado a qualquer tempo. Quarta-feira, dia de trégua. Gepeto deve estar estranhando tanta demora, saímos do noticiário. Que esperem todos descansados; logo não haverá mais noticiário.

O medo aumenta, com ele uma sensação de horror crescente, de inferno: o corpo treme, sua, geme. Confesso: duvido de mim. Tânia não fala, mas sinto nela o mesmo horror. Marcos está louco: os olhos esbugalhados, um falatório doente, ininterrupto, obcecado. Já não conversamos coisa alguma. São monólogos alucinados, e, com angústia, tento vislumbrar qualquer futuro. Não há nada pela frente – e nem retorno. Que romantismo estúpido a noção de liberdade! Pelo menos este inferno é só meu, obra minha, criação burilada em quarenta anos.

Não me sai da cabeça a ideia de covardia: **ousar** o apocalipse. Impossível parar agora, mas igualmente impossível a paz. Covardia apertar, ou não apertar o botão? Neste exato momento Marcos mete bombas no mundo, uma atrás da outra, para evitar o conflito. Aliás, Marcos sempre foi uma coisa só, pobre e monolítico, bruto, idiota, cintilante e louco. Eu, Raul Vasquez, não: faço questão de ser tudo a um só tempo. Enfrento este horror lancinante de cara limpa, sem defesas, cada vez mais sem defesas. A Obra gira adiante, e eu vou de cambulhada. É tarde: não poderia viver de outra forma. Já sou pequeno de novo.

Enfrento grande dificuldade na comunicação oral: tento conversar com Tânia e o pensamento se estilhaça em pedaços isolados. Difícil relacionar uma coisa com outra. Quando escrevo, o mundo se organiza, estaciona para o relato. Deveríamos falar **por escrito** – a vida recuperaria seu ritual, sua nobreza.

Quase uma semana sem ir ao emprego. Ou eu coloco a cabeça no lugar, ou minha Obra fracassa. Não consegui fazer amor com Tânia. Súbito, em meio ao suor e o desespero – o nojo: vomitei no corredor, sem tempo de chegar à pia. Depois, da janela, meu calmante, contemplei pela milésima vez aquele emaranhado absurdo, aquele entrelaçar de bilhões de homens, mulheres e crianças, diante do qual só me resta o pânico, o vazio tenso de criança acuada.

## 24

Amanheci:

Tenho certeza absoluta que vou destruir o mundo.

Tenho certeza absoluta que vou me salvar.

## Décimo oitavo capítulo

Mesmo atropelado, volto aos capítulos, eles me obrigam a prestar atenção no que escrevo e sistematizam o meu pensamento, que anda um caco só. A solução, mais uma vez, foi a mulher. Não Clara; esta esvaiu-se, farelo no bolso. Mas Tânia, coisa deliciosa em carne e osso que me ama como um réptil, como uma dama, como um anjo.

À custa de bebida e murros na parede – os dedos sangram – consegui uma noite de amor – daquelas intermináveis, que eu já sentia falta – e voltei ao serviço com uma valise cheia de bombas, disposto a minar o prédio sagrado do meu emprego, responsável sistemático pela minha miséria. Interessante descoberta que fiz: o ódio é físico, não mental. O **mal**, o mal são os corredores, as cinco

mil portas, aquela quadratura asséptica, neurótica, obsessiva em seus guichês, mesas, calendários, carpetes, luminárias, elevadores, pias, arquivos, gavetas, janelas, cadeiras, aparelhos de ar condicionado. Nós, não. Nós somos bons, amáveis, medrosos, tímidos. Nós – eu e eles – somos boa gente toda vida. O meu chefe, o chefe do meu chefe, o chefe do chefe do meu chefe, o patrão do chefe do chefe do meu chefe, o Ministro, o Presidente, ou, mais abaixo, o meu subordinado, o subordinado do meu subordinado, enfim, a humanidade tosca que povoa os quadradinhos dá pena de tão boa. Não é ironia: que monstro acharia defeito no Antônio que joga no bicho, na Maria e seu netinho, no calhorda que cuida do relógio do ponto, no Morais e sua obsessão por mesas limpas, nos carimbos do Pedrão? Como são frágeis, como são bons!

O **mal**, entretanto, não dá chance. Hoje, por exemplo. Antes de subir já coloquei duas bombas no almoxarifado, num esconderijo que só eu conheço. Onde eu passava me rodeavam sorridentes (que houve na mão?) – como fariam tanto para um herói – mais de uma semana sem aparecer! – como para um condenado – está perdido! Tomei um cafezinho por andar; só me deixavam em paz nos banheiros, onde ocultei, cuidadoso, os petardos. Na minha repartição fui recebido decididamente como um herói – mas um herói ainda inacabado, ao qual só falta um último lance para a aclamação final e definitiva: enfrentar o chefe. Tenho certeza que faziam apostas, que já se decidiam a favor ou contra no conluio daqueles corredores, na intimidade diabólica das saletas e dos papéis.

Minha mesa, aliás, estava abarrotada de processos, enquanto os vizinhos quebravam a cabeça com charadas, palavras cruzadas e almanaques de adivinhações. Um bilhete lacônico no topo: Procurar o Vidal. Data de seis dias. O Vidal é o chefe; os outros me olhavam torto, esperando o inevitável conflito, e seguramente de grandes proporções – não se rompe impunemente o regulamento.

Para desespero, tensão e nervosismo de todos, comecei a trabalhar, assobiando inclusive. Não por provocação: alívio mesmo, repouso de alma; afinal, tudo já estava resolvido, qualquer conversa seria fiada. A cinco metros, a porta envidraçada do Vidal –

que com certeza já sabia da minha presença pelo fio de mil telefones, e que deveria estar refestelado atrás da mesa, à espera. Inútil: o bilhete, para consternação dos meus colegas, estava no lixo, e eu não tinha a menor intenção de me levantar dali. O silêncio – rompido apenas pela batida seca do meu carimbo nos processos – passou a me dar um incrível prazer. Imaginei que viria ao trabalho mesmo que não fosse pelas bombas. Viria esta última e deliciosa vez, usufruir o prazer, algo mesquinho, até covarde, reconheço, de me purificar do inferno, de desprezar esta mesquinha tosca que me rodeava.

Suspirei: o **mal** iria pelos ares, todo ele, e o resto não tinha importância. O tempo passando: dez, quinze minutos; já me angustiava. Observei que meu relatório – exemplo no mural, meses atrás – havia sido retirado bruscamente, arrancado com violência, deixando uma tira de papel atrás da tachinha. De repente, entre um carimbo e outro, me enfureci: por que não ir embora de vez, eu e Tânia, a um paraíso qualquer, plantar cenouras e criar filhos? por que o ódio, a ânsia de rompimento, o recalque da vida mal realizada que agora eu despejava na cabeça de um ridículo Vidal? Não bastavam as bombas? não era suficiente o fim do mundo? necessário ainda humilhar aquelas criaturas miseráveis? Contra-argumentei: era meu último dia, que me deliciasse até o fim, o prazer faz parte da vida. Prazer aliás interminável: duas horas depois eu ainda via a sombra do Vidal, pra lá e pra cá, atrás do vidro fosco. Até que ele abriu a porta e, monumento furioso contra a luz, trancou a respiração de vinte funcionários, inclusive a minha – embora eu ainda acionasse um violento carimbo. Avançou dois passos – como quem ensaiou – e:

– Armando! traz a relação das faltas do mês.

Na volta, um passo longo e o cochicho furioso:

– Senhor Raul, me acompanhe.

Ele seria perfeito em tudo, mas fui cruel, estragando a cena:

– Ahan?

Ficou vermelho, bufou, balbuciou:

– O senhor entre, faz favor.

O "favor" foi sua primeira derrota: minha cotação subiu vertiginosa entre os apostadores. Percebi, num relance, que ódios antigos, dele e meus, se acumulavam, saíam de seu segredo, de sua meia voz, para um desafio frontal, onde meia dúzia de faltas era um argumento formidável de batalha. Mas pensei, num lapso de lucidez: que seria a vida dos miseráveis sem estes rasgos de grandeza miúda?

Entrei na frente, ele bateu a porta, circulou imenso em volta da mesa, afundou-se na poltrona. Cachorrinho amestrado, Armando entrou em seguida, depositou algumas fichas na mesa e saiu, passinhos curtos e rápidos. Num segundo, fiquei espantado de como eu pude algum dia supor que aquele animal engravatado desconfiasse de alguma coisa com relação à Obra. Todas as cordas tensas, eu suspirava, tentando me livrar do ódio. Ele demorava-se nas fichas. Súbito:

– O senhor pode explicar essas faltas? esse desleixo? esse desprezo pelo departamento?

Eu tentava pensar noutra coisa, porque já estava vendo tudo, os diques se rompiam:

– Como?

Bufou:

– Já tive paciência demais com o senhor. – Mexia-se, indócil. – Há dois anos o senhor tem me feito de palhaço na frente de todo mundo. E eu sempre quis ajudar. O senhor é doido varrido. O senhor não pense que isso... o senhor é um cachorro., – Levantava-se e sentava-se, incensando a própria fúria, mas se controlando ao limite como se uma corda no pescoço o puxasse para trás a cada investida.

– Pois não.

Tentei ganhar tempo, pensar em alguma coisa, controlar a violência que me entupia a garganta, o fim, o ponto culminante, o Grande Gesto: puxei Vidal pelo colarinho com tamanha força que ele transpôs a mesa, uma criança assustada. Apesar do barulho, da cadeira quebrada, não se atreviam a entrar na sala: eram bichos escondidos, olhos atrás de mesas, ouvidos atentos – mas os gestos não previstos ficavam sempre sem resposta. Depois de socá-lo



duzentas vezes, arremessei um Vidal ensanguentado ao chão. Ainda assim ele voltava teimoso ao regulamento, aos regulamentos da vida; do chão, balbuciava ordens com um resto de voz e cuspe, com uma indignação vazia, de abismo, de morte, de fim, de coisa não nascida, de desonra absoluta – e gritava, o filho da puta tentava gritar por socorro, por polícia, pela Constituição Federal, pelas penas previstas em lei, enquanto eu destruía – à mão, desta vez – o cubículo refrigerado com a convivência (satisfeita?) silenciosa dos tristes apostadores do outro lado da porta até que um alarme soou pelo prédio, como se Deus, finalmente, apitasse dos céus o limite da vida: pronto, eu era morto.

Saí dando porretadas em guardas confusos, atrapalhados, conhecidos de tantos anos, mais preocupados com o sangue do Vidal – agora engatinhando atrás de mim e esganiçando um torturado **matem esse filho da puta** – do que com o Raul descabelado e furioso que por fim alcançou as escadas e desceu – descendi de três em três degraus, cego e aliviado como quem finalmente consegue romper a última amarra, não para fugir, mas para um misterioso, mágico silêncio: agora sim, um começo.

## **dia 29**

Ainda não: falta o apocalipse.

# Notas sobre o fim

## 1

Não sobrou tempo para eu viver a dúvida – tudo já aconteceu. Devagar reconstruirei a história, a minha história, peio menos. O mais estranho é a perda da noção de tempo. Quatro dias, sete dias, vinte dias, tudo se amontoa num impulso de sobreviver, que apesar de tudo ainda foi mais forte. Quase o pânico me engole, mas Tânia, transformada numa leoa feroz, me conduziu.

Estupidamente quero recuperar a ordem, o método, recomeçar do começo, feito um Adão de um mundo novo, deixar no papel cada coisa e sentimento. Tão deformada é minha vida que largaria Tânia para salvar o diário: para me salvar, este espelho das minhas verdades mais fundas, só agora percebo, e que me salvou, até o fim.

## 2

Estamos em meio a um matagal depenado, longe de tudo, e ouvindo, vez ou outra, um ronco de avião rasante: sobrou uma guerra atrás de nós, de não sei quem contra não sei quem, lutando por não sei o quê. Seguramente são poucos, porque destruimos tudo, de uma vez só, de acordo com os planos e com a razão mais sábia. Mas ainda estão lá; os que sobraram estão lá.

Vou tentar descrever este lugar, provisório em tudo. É mato; um mato seco, sem porte nem beleza. Há pedras amontoadas, e, em algumas, lê-se pedaços de propagandas a cal, sílabas avulsas, gastas de chuva e tempo. Abrimos uma clareira com um facão velho, que encontrei na beira do asfalto, e erguemos uma barraca, obra de Tânia, que teve a lembrança de recolhê-la de uma loja. Lutamos muito, mas conseguimos colocá-la em pé; ficou simpática,

com uma varanda azul piscina espichada para fora e presa por dois galhos tortos. Me lembrei da infância.

Há um rio por perto, de água boa – esta foi uma das razões de ficarmos aqui, provisoriamente. A outra, mais importante, é um depósito de enlatados próximo, porque a fome desespera. Todo dia vou lá – uma caminhada razoável, de horas – trapo um saco de latas nas costas, de salsichas, almôndegas, feijoadas, palmitos, e vou estocando até secar a fonte. Não temos abridor de latas, o que quase me levou ao total desespero. Mas Tânia, mais inteligente do que eu, resolveu tudo com o facão e uma pedra. Não tínhamos fósforos; foi preciso ir buscá-los muito longe, numa casa abandonada às margens da cidade.

O pior de tudo são os mosquitos: há trinta anos que eles não estavam no rol das minhas preocupações. Agora, enquanto escrevo, neste caixote aos pedaços, à luz de um lampião velho – porque de dia não sobra tempo – eles me atacam sem piedade.

### 3

É difícil vencer o mau-humor. Tudo me irrita. Estou fedendo; tomar banho no rio é uma tortura, a água fria, neste tempo frio. Sequer um sabonete! Noite passada um vento nos derrubou a barraca. Ficamos abraçados, tentando nos aquecer com o cobertor e a lona, sob os destroços. Tânia está angustiada; várias vezes propôs que descêssemos para o mar, diz que na praia viveríamos bem, sem problemas. Gritei a ela que não, e o ambiente ficou desagradável, carregado.

Eu nunca pesquei um lambari na minha vida.

Sou fraco, muito fraco. Tenho medo de sair daqui: aqui pelo menos temos comida por algum tempo. E receio ficar; já estou resfriado, dores de cabeça, tensão miserável. Faz dois dias que a Tânia não fala nada. Eu sinto que ela gosta muito de mim e que não vai me largar. Um vazio na cabeça. Vazio mesmo: vazio vazio vazio puta merda.

## 5

Conseguimos conversar: fez um sol gostoso ao meio dia e nos espichamos depois do almoço – feijoada, pela quinta vez. Relembramos o fim. Consultei o diário para lembrar a data: 29 de setembro, à meia noite. Mais do que pálido, Marcos era já um cadáver: o fim da nossa obra era o seu fim – e eu senti que uma vez completada, ele também estaria completo. E nós. talvez. Percebo o quanto ele estava certo.

Não tínhamos mais nem bombas, nem dinheiro, nem objetivo a acrescentar. A cidade em volta era um campo minado e milhares de infelizes dormiam um sono igual. Eu iludi o enfrentamento do instante que se aproxima arrumando as trouxas com Tânia. Não queria pensar naquele segundo medonho que esperei a vida inteira e que me deixaria com as mãos vazias. Quanto a Marcos, já era definitivamente um estranho. Apertado o botão, nunca mais nos veríamos.

Fiquei à janela – Tânia me abraçava com força – e Marcos detonou. Então eu senti, naquele espetáculo abissal de explosões simultâneas, no urro da terra, que todo o desespero diário de quarenta anos, que toda a energia consumida com misérias e pequenas ânsias, todo o sofrimento da humanidade (que estranhamente eu ali encarnava), tudo – tudo fazia sentido e ali se completava, como uma obra sem autor se realizando até suas culminâncias. Por nada que fosse: viveria a vida de novo apenas pelo prazer e pelo horror daquele instante.

## 6

Gostaria de voltar às datas, mas não sei que dia é hoje. Retornei ao depósito – foi invadido por uma multidão faminta de retirantes, de modo que nem cheguei perto. A guerra – se é guerra – continua: ainda vejo aviões rasantes, e ouvi o som de uma bomba ao longe. É estranha essa sensação de guerra, uma sensação aliás antiga, que na verdade nunca se afastou de mim. Mais estranho

ainda é não haver, para todo o sempre, a mais remota possibilidade de estar neste ou naquele lado; é não perceber lado algum; é não haver qualquer opção de coisa alguma.

## 7

Esqueci de um detalhe, talvez desimportante: no momento final, o prédio tremeu e uma rachadura desenhou-se rápida, de cima a baixo, na parede da sala; me lembrei de Clara e da queda da casa de Usher.

Quando descemos pelas escadas – completa escuridão e pânico – Marcos se perdeu de nós. Não sei bem por que, passamos na casa de Gepeto, e enquanto atravessávamos a cidade ouvíamos um lamento absoluto de horror, gente correndo pelas ruas, tiroteios, assaltos e as últimas sirenes e faróis perdidos.

Gepeto e a mulher estavam mortos; obra de assaltantes – levaram um telefone (o que é que esses filhos da puta iriam fazer com um telefone?), talheres, tudo o que havia de inútil, num saque desesperado de casa em casa. Deixaram a horta, com o que nos abastecemos.

Naquela noite, parece que sabíamos tudo; quando a outra escolha é a morte todos os problemas desaparecem. Não há nada a lamentar. O resto, todo o resto, vem sozinho.

## 8

Não sei o que fazer, e a comida escasseia. Não sei se desço para o mar, como deseja Tânia, se volto às ruínas, como ando tentado, ou se dou um tiro na cabeça, como imagino as vezes. Em momentos penso que não tenho mais reserva de vida – que realmente me roubaram tudo. Sobrou este vazio sem criação.

## 9

Sáímos finalmente daquele purgatório. Não por minha vontade, mas Tânia não deixou escolha. Embrulhou as tralhas, fez uma mochila:

– Eu vou embora.

Ficamos calados uns dois minutos. Perguntei, já sabendo a resposta:

– Pra onde?

– Pro mar.

Eu fazia riscos no chão. Vazio. Ela se desesperou:

– O que você quer mais? quer voltar?

Comecei a chorar, maldito de mim, comecei a chorar. Ela me abraçou, me beijou na boca, eu sentia suas costelas magras. Então me bateu um puta desespero.

– Eu não sei pescar. Eu não sei plantar. Eu não sei fazer porra nenhuma. Tudo que eu sabia fazer eu fiz.

Ela ia dizer: “mas eu sei” – e corrigiu-se:

– A gente aprende. filho você ainda sabe fazer?

Empacotei outra mochila com o resto dos enlatados e começamos a descer o rio.

**(11/07/80)**

### O TERRORISTA LÍRICO

Diário de Raul Vasquez, terrorista.  
Nele, a paranóia urbana planeja a implosão  
da grande cidade. Espelho de uma  
civilização em agonia  
e da união entre tragédia e lirismo,  
quando a última afirmação possível é a dinamite.



### CRISTÓVÃO TEZZA

Autor de *Gran Circo das Américas*, romance,  
*Brasiliense*, e *A Cidade Inventada*, contos,  
CooEditora. Participou de  
*Assim Escrevem os Paranaenses*.  
Trabalha atualmente no romance  
*Devassa da Paixão*.

EDIÇÕES  
*criar*